

Neffe Luiza de Aguiar Pinheiro

**O processo de variação das palatais lateral e nasal no
português de Belo Horizonte**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2009

Neffe Luiza de Aguiar Pinheiro

O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva
Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Evelyne Jeanne Andréé Angèle Madeleine Dogliani

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2009

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Dissertação intitulada “*O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte*” de autoria da mestranda Neffer Luiza de Aguiar Pinheiro, aprovada pela banca examinadora constituída dos professores:

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães – UFU

Prof.^a Dr.^a Maria Cândida Trindade de Seabra – UFMG

Prof.^a Dr.^a Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani – UFMG

Orientadora

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2009

Agradecimentos

Agradeço em primeira mão a minha orientadora Evelyne Dogliani, pelo incentivo, paciência, apoio e, sobretudo, pela confiança em meu trabalho.

À Ana Paula Huback, que contribuiu muito para despertar em mim o interesse pelos estudos sociolinguísticos.

Ao Ronan, marido e companheiro que sempre me incentivou e se orgulhou de mim por esse mestrado.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional.

Às amigas Regina, Flávia e Marcela, companheiras de caminhada.

À Secretaria de Estado de Educação, que me liberou da sala de aula para o adiantamento da pesquisa.

Aos companheiros da Escola Estadual Manoel Martins de Melo, pelo incentivo e força.

Aos amigos da Escola Municipal Prof. Moacyr Andrade, pela disposição sempre garantida para me ajudar quanto ao mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e também aos professores da graduação em Letras da UFMG, sempre exemplos a serem seguidos no âmbito acadêmico.

Resumo

O presente trabalho analisa o comportamento das variáveis lateral palatal e nasal palatal no português falado na comunidade de Belo Horizonte / MG. Essa pesquisa apresenta como objetivo principal observar os fatores que influenciam a variabilidade da fala, tendo como base a Teoria Variacionista (LABOV, 1972) e o Modelo de Difusão Lexical (WANG, 1969). Os processos variáveis analisados em relação ao comportamento da lateral palatal compreendem: a) sua realização na forma padrão; b) sua realização vocalizada; c) realização como lateral alveolar; d) apagamento da variável. Já os processos variáveis relacionados à nasal palatal compreendem: a) sua realização na forma padrão; b) sua realização vocalizada; c) apagamento da variável, com nasalização da vogal precedente; d) apagamento da variável; e) sua realização em *-im*.

Para o estudo de tais processos, foi utilizado um *corpus* constituído por 4.778 dados (1624 referentes à lateral palatal, e 3.154 à nasal palatal) coletados por meio de entrevistas realizadas com 24 informantes na comunidade de fala estudada. Os fatores linguísticos considerados foram os contextos precedente e seguinte, a tonicidade, número de sílabas, e morfema diminutivo, no caso da nasal palatal. As duas análises investigaram a atuação do fator item lexical. Já os fatores sociais analisados foram o gênero, a faixa etária, o grupo social e, no caso da lateral palatal, a escolaridade.

Com relação à análise dos dados referentes à lateral palatal, os resultados destacaram a influência dos itens e do grupo social na realização da variante vocalizada. Já a análise da nasal palatal demonstrou que a mesma sofre influência de fatores estruturais.

A análise permitiu concluir que o processo de variação das palatais lateral e nasal em Belo Horizonte apresenta direções divergentes. Enquanto a lateral palatal tende a se manter palatalizada, principalmente pelo fato de sua realização vocalizada ser estigmatizada socialmente, a nasal palatal segue o processo de redução de sua articulação vocalizando-se e/ou despalatalizando-se.

ABSTRACT

The present paper analyzes the behavior of the palatal lateral and the palatal nasal variables in the spoken Portuguese of Belo Horizonte (Minas Gerais). This research aims to observe the factors that influence the variability of the speech, taking into account the Variationist Theory (LABOV, 1972) and the Lexical Diffusion Model (WANG, 1969). The analyzed variable processes in relation to the behavior of the palatal lateral encompass: a) its realization in the standard form; b) its vocalized realization; c) realization as alveolar palatal; d) the variable erasure. The processes related to the palatal nasal encompass: a) its realization in the standard form; b) its vocalized realization; c) the variable erasure, with the nasalization of the previous vowel; d) the variable erasure; e) its realization as *-im*.

In order to study such processes, a *corpus* constituted of 4,778 occurrences (1,624 referent to the lateral palatal; and 3,154 referent to the palatal nasal) was collected through interviews made with 24 informants of the studied speech community. The linguistic factors that were taken into consideration were the preceding and succeeding contexts, stress, number of syllables and diminishing morpheme, in the case of the palatal nasal. Both analyses researched the influence of the lexical item factor. The social factors analyzed were gender, age, social group and, in the case of the palatal lateral, education background.

In relation to the analysis of the data referent to the palatal lateral, the results showed the influence of the lexical items and the social group in the realization of the vocalized variant. The analysis of the palatal nasal showed that is influenced by structural factors.

The analysis allowed concluding that the variation process of the lateral and nasal palatal in Belo Horizonte presents divergent directions. As the palatal lateral tends to remain as palatal, especially because its vocalized realization is socially stigmatized, the palatal nasal follows a process of articulation reduction, being easily depalatalized.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Distribuição das variantes de /k/	50
Tabela 2 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	52
Tabela 3 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	53
Tabela 4 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	53
Tabela 5 – Distribuição das variantes conforme o arredondamento dos lábios durante a realização do segmento.....	54
Tabela 6 – Comportamento da variante [y] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento	54
Tabela 7 – Comportamento da variante [l] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento	54
Tabela 8 – Distribuição das variantes conforme à altura da língua durante a realização do segmento.....	55
Tabela 9 – Comportamento da variante [y] em relação à altura da língua durante a realização do segmento.....	55
Tabela 10 – Comportamento da variante [l] em relação à altura da língua durante a realização do segmento.....	56
Tabela 11 – Distribuição das variantes conforme contexto precedente	57
Tabela 12 – Distribuição das variantes conforme o arredondamento dos lábios durante a realização do segmento.....	59
Tabela 13 – Comportamento da variante [y] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento.....	59
Tabela 14 – Comportamento da variante [ø] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento.....	60
Tabela 15 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	60
Tabela 16 – Comportamento da variante [y] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento	61
Tabela 17 – Comportamento da variante [l] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	61

Tabela 18 – Distribuição das variantes conforme à altura da língua durante a realização do segmento.....	62
Tabela 19 – Comportamento da variante [y] em relação à altura da língua durante a realização do segmento.....	62
Tabela 20 – Comportamento da variante [l] em relação à altura da língua durante a realização do segmento.....	63
Tabela 21 – Distribuição das variantes conforme contexto seguinte	64
Tabela 22 – Distribuição das variantes conforme tonicidade da sílaba.....	66
Tabela 23 – Comportamento da variante [y] em relação à tonicidade da sílaba	66
Tabela 24 – Comportamento da variante [l] em relação à tonicidade da sílaba.....	67
Tabela 25 – Distribuição das variantes conforme fator “especialização semântica”	72
Tabela 26 – Distribuição das variantes conforme itens classificados como “especialização semântica”	73
Tabela 27 – Distribuição das variantes conforme a faixa etária dos informantes	76
Tabela 28 – Comportamento da variante [y] em relação à faixa etária do informante	77
Tabela 29 – Comportamento da variante [y] em relação à faixa etária do informante (estudo de tendência).....	79
Tabela 30 – Comportamento da variante [y] após cruzamento dos fatores faixa etária e “especialização semântica”.....	80
Tabela 31 – Comportamento da variante [y], sem itens “especialização semântica”, em relação à faixa etária do informante (estudo de tendência)	80
Tabela 32 – Comportamento da variante [l], considerando o cruzamento dos fatores contexto precedente e faixa etária	82
Tabela 33 – Distribuição das variantes conforme gênero do informante	83
Tabela 34 – Comportamento da variante [y] conforme o gênero informante	84
Tabela 35 – Comportamento da variante [y], conforme o gênero do informante, após retirada dos itens classificados como “especialização semântica”	84
Tabela 36 – Comportamento da variante [y], considerando o cruzamento dos fatores gênero e “especialização semântica”	86
Tabela 37 – Comportamento da variante [l] conforme o gênero informante	86
Tabela 38 – Distribuição das variantes conforme grupo social.....	87
Tabela 39 – Comportamento da variante [y] conforme grupo social	88
Tabela 40 – Comportamento da variante [y], considerando o cruzamento dos fatores grupo social e “especialização semântica”	89

Tabela 41 – Comportamento da variante [l] conforme grupo social.....	90
Tabela 42 – Distribuição das variantes conforme escolaridade do informante.....	91
Tabela 43 – Comportamento da variante [y], considerando o cruzamento dos fatores sociais	93
Tabela 44 – Distribuição das variantes de /ɲ/.....	96
Tabela 45 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	98
Tabela 46 – Comportamento da variante [~ø] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	99
Tabela 47 – Comportamento da variante [y] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	99
Tabela 48 – Distribuição das variantes conforme o arredondamento dos lábios durante a realização do segmento.....	100
Tabela 49 – Comportamento da variante [y] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento.....	100
Tabela 50 – Distribuição das variantes conforme a altura da língua durante a realização do segmento.....	101
Tabela 51 – Comportamento da variante [~ø] em relação à altura da língua durante a realização do segmento.....	101
Tabela 52 – Comportamento da variante [y] em relação à altura da língua durante a realização do segmento.....	102
Tabela 53 – Distribuição das variantes conforme contexto precedente.....	102
Tabela 54 – Comportamento da variante [~ø] em relação à altura da língua durante a realização do segmento após retirada de possíveis itens influenciadores.....	103
Tabela 55 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	104
Tabela 56 – Comportamento da variante [~ø] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	105
Tabela 57 – Comportamento da variante [y] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento.....	105
Tabela 58 – Distribuição das variantes conforme o arredondamento dos lábios durante a realização do segmento.....	105
Tabela 59 – Comportamento da variante [~ø] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento.....	106

Tabela 60 – Comportamento da variante [y] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento.....	106
Tabela 61 – Distribuição das variantes conforme à altura da língua durante a realização do segmento.....	107
Tabela 62 – Comportamento da variante [~ø] em relação à altura da língua durante a realização do segmento.....	107
Tabela 63 – Comportamento da variante [y] em relação à altura da língua durante a realização do segmento.....	108
Tabela 64 – Distribuição das variantes conforme contexto seguinte	108
Tabela 65 – Comportamento da variante [~ø] em relação à altura da língua durante a realização do segmento, após retirada de itens influenciadores	109
Tabela 66 – Distribuição das variantes conforme tonicidade da sílaba.....	110
Tabela 67 – Comportamento da variante [~ø] em relação à tonicidade da sílaba.....	111
Tabela 68 – Comportamento da variante [~ø] em relação à tonicidade da sílaba após retirada de itens influenciadores	111
Tabela 69 – Comportamento da variante [~ø] em relação à tonicidade da sílaba após retirada de itens influenciadores (contextos tônicos e átonos)	112
Tabela 70 – Comportamento da variante [y] em relação à tonicidade da sílaba	112
Tabela 71 – Comportamento da variante [y] em relação à tonicidade da sílaba após retirada de itens influenciadores (contextos tônicos e átonos)	113
Tabela 72 – Distribuição das variantes conforme o número de sílabas.....	114
Tabela 73 – Comportamento da variante [y] em relação ao número de sílabas.....	115
Tabela 74 – Comportamento da variante [y] em relação ao número de sílabas após retirada de itens influenciadores	115
Tabela 75 – Comportamento da variante [~ø] em relação ao número de sílabas.....	115
Tabela 76 – Comportamento da variante [~ø] em relação ao número de sílabas após retirada de itens influenciadores	116
Tabela 77 – Comportamento da variante [ĩ] em relação ao número de sílabas.....	116
Tabela 78 – Distribuição das variantes de /ĩɲʊ/.....	117
Tabela 79 – Comportamento da variante [ĩ] conforme o traço [+/- morfema].....	118
Tabela 80 – Comportamento da variante [ĩ] conforme o traço [+/- familiar].....	119
Tabela 81 – Distribuição das variantes conforme faixa etária do informante	122
Tabela 82 – Comportamento da variante [~ø] conforme o gênero informante	123
Tabela 83 – Comportamento da variante [y] conforme faixa etária informante	124

Listas de Ilustrações

Lista de figuras

Figura 1 - Representação geométrica da das palatais lateral e nasal	22
Figura 2 - Processo de espriamento	23

Lista de quadros

Quadro 1 - Estratificação da amostra de Belo Horizonte	41
Quadro 2 - Distribuição das ocorrências de [y] de acordo com os itens	69
Quadro 3 - Distribuição das ocorrências de [y] de acordo com a frequência	70
Quadro 4 - Distribuição das ocorrências de [l] de acordo com os itens	71

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Comportamento das variante [ʎ], [l] e [y] de acordo com a faixa etária (%)	77
Gráfico 2 – Descrição do comportamento da variante [y] conforme faixa etária nos dados de Madureira (1987).....	78
Gráfico 3 – Comportamento da variante [l] conforme faixa etária do informante	81
Gráfico 4 – Comparação dos dados referentes à utilização de [y] conforme o gênero do informante.....	85
Gráfico 5 – Comparação dos dados de Madureira (1987) e atuais conforme grupo social.....	89
Gráfico 6 – Comparação dos dados referentes à [y] de Madureira (1987) e atuais após retirada de itens classificados como “especialização semântica”	90
Gráfico 7 – Distribuição da variante [y] entre os níveis de escolaridade.....	92
Gráfico 8 – Distribuição das variantes de /ɲɨɔ/	118
Gráfico 9 - Cruzamento dos dados [+/- morfema] e [+/- familiar]	120
Gráfico 10 – Cruzamentos dos dados dos fatores <i>contexto fonético</i> e <i>faixa etária</i> (variante [~ø]).....	123
Gráfico 11 - Cruzamentos dos dados dos fatores <i>contexto fonético</i> e <i>faixa etária</i> (variante [y]).....	125

Gráfico 12 – Comportamento da variante [ĩ] em relação à faixa etária do informante.....	126
Gráfico 13 – Cruzamentos dos dados dos fatores <i>contexto fonético</i> e <i>gênero</i> (variante [~ø]).....	128
Gráfico 14 – Cruzamentos dos traços [+/- morfema] / [+/- familiar] e grupo social.....	133

Sumário

Introdução.....	17
Capítulo 1 – Descrição das variáveis.....	19
1.1 Descrição do objeto	19
1.2 As palatais lateral e nasal à luz da Fonologia da Geometria de Traços.....	21
1.3 Estudos sobre as palatais lateral e nasal	24
1.3.1 A lateral palatal.....	24
1.3.2 A nasal palatal	25
1.4 Estudos variacionistas acerca das palatais.....	26
1.4.2 Madureira (1987).....	26
1.4.3 Soares (2002).....	27
1.4.4 Castro (2006)	28
Capítulo 2 – Referencial teórico	29
2 Descrição do Referencial Teórico	29
2.1 Teoria da Variação.....	29
2.1.1 Estudo em tempo aparente.....	31
2.1.2 Análise em tempo real: estudo de tendência e estudo de painel.....	32
2.2 Modelos de análise da implementação da mudança.....	32
2.2.1 O Modelo Neogramático	33
2.2.2 Difusão Lexical.....	34
Capítulo 3 – Metodologia.....	36
3.1 Objetivos e hipóteses	36
3.1.1 Objetivo geral	36
3.1.2 Objetivos específicos.....	36
3.1.3 Hipóteses	37
3.1.3.1 Hipóteses – lateral palatal.....	37
3.1.3.2 Hipóteses – nasal palatal.....	37
3.2 Coleta e análise dos dados	38
3.3 Caracterização da comunidade de fala de Belo Horizonte	39
3.4 A Estratificação do <i>corpus</i>	40

3.5	Descrição da metodologia	41
3.6	Descrição dos fatores sociais e linguísticos.....	43
3.6.1	Fatores sociais	43
3.6.1.1	Gênero	43
3.6.1.2	Faixa etária	43
3.6.1.3	Escolaridade (apenas lateral palatal)	44
3.6.1.4	Grupo social.....	44
3.6.2	Fatores linguísticos	45
3.6.2.1	Contexto precedente e contexto seguinte	46
3.6.2.2	Tonicidade da sílaba	46
3.6.2.3	Número de sílabas (somente nasal palatal).....	47
3.6.2.4	Morfema diminutivo (somente nasal palatal).....	47
3.6.2.5	Item Lexical.....	48
Capítulo 4 – Análise da lateral palatal.....		50
4.1	Fatores linguísticos	51
4.1.1	Contexto precedente	51
4.1.2	Contexto seguinte	58
4.1.3	Tonicidade da sílaba	65
4.1.4	O Item lexical	68
4.1.5	Fator especialização semântica.....	72
4.1.6	Conclusão da análise dos fatores linguísticos.....	75
4.2	Fatores sociais	75
4.2.1	Faixa etária.....	76
4.2.2	Gênero.....	83
4.2.3	Grupo social.....	87
4.2.4	Escolaridade.....	91
4.2.5	Conclusão da análise dos fatores sociais	93
4.3	Conclusão	94
Capítulo 5 – Análise da nasal palatal.....		96
5.1	Fatores linguísticos.....	97
5.1.1	Contexto precedente	98
5.1.2	Contexto seguinte	104
5.1.3	Tonicidade	110

5.1.4 Número de sílabas.....	114
5.1.5 Traços [+/- morfema] e [+/- familiar].....	117
5.1.6 Conclusão da análise dos fatores linguísticos.....	120
5.2 Fatores sociais	122
5.2.1 Faixa etária.....	122
5.2.2 Gênero.....	127
5.2.3 Grupo social.....	130
5.2.4 Conclusão da análise dos fatores sociais	133
5.3 Conclusão	134
Considerações finais	136
Referências	138

A língua é um fenômeno social. O fato de a linguagem estar intimamente ligada ao fator social leva-nos a observar que os usos que cada comunidade faz da língua determina que essa se torne cada vez mais diversificada.

Tendo em vista seu caráter social, percebe-se que as línguas vivas não ficam estagnadas. Elas estão em contínua mudança enquanto são faladas. Entretanto, grande parte dessas mudanças, por ocorrer gradativamente, foge à percepção dos falantes. Segundo Labov (1972) a linguagem humana é caracterizada por um conflito entre a aparente estabilidade da língua e o constante processo de variação e mudança, tanto no indivíduo como na comunidade.

Com o casamento língua e sociedade, surgem novas perspectivas para o estudo da mudança linguística. Sendo um fato social, as mudanças ocorridas nas línguas não poderiam ser tratadas apenas como mudanças mecânicas, mas sim serem analisadas de acordo com o meio social em que estão inseridas. É pensando nesse novo modo de se estudar a língua que Labov (1972) desenvolve a *Teoria da Variação*, doravante *Sociolinguística Variacionista*¹.

De acordo com a Sociolinguística Variacionista as línguas vivas estão em constante mudança, e para se compreender o processo de uma determinada mudança, é necessário um estudo que não compreenda apenas o fator tempo, mas também as relações sociais existentes na comunidade onde a mudança está sendo estudada. Assim, ao longo das últimas décadas do século XX, inúmeras pesquisas sobre a linguagem têm sido realizadas com base na Sociolinguística Variacionista. Os trabalhos relacionados à sociolinguística levantam questionamentos e trazem importantes contribuições para o estudo da linguagem em situação real de uso e procuram encontrar correlatos entre fenômenos linguísticos e fatores sociais.

Considerando os diversos processos de variação e mudança presentes em uma comunidade de fala, esta pesquisa elege, como objeto de estudo, o fenômeno variável que atinge consoantes palatais no português brasileiro. As consoantes palatais lateral e nasal, /ʎ/ e /ɲ/, respectivamente, exibem variantes que estão presentes na mesma comunidade de fala, sem prejudicar a compreensão do falante. São ocorrências como as apresentadas de (1) a (4) que despertaram o interesse acerca dessas variáveis e levaram a levantar questionamentos sobre o comportamento de /ʎ/ e /ɲ/ na comunidade de fala de Belo Horizonte.

¹ Ver mais sobre a teoria na seção 2.1

- (1) “Vão [trabay´a] comigo pra ver o que que é bom” (Informante RAS)
- (2) “(...) a [mu´lɛ] dele tem um sanduíche” (informante LFF)
- (3) “Nós saímos pra pescar [pi´rãɣɐ], na bendita voadeira.” (Informante SRFF)
- (4) “Aí a gente vai pra lá, é um [lugh´zĩ] muito bom também.” (Informante FaCas)

Com o objetivo de ampliar a caracterização dos fonemas /k/ e /j/ no português brasileiro, a presente pesquisa abordará o fenômeno da vocalização e/ou redução da lateral palatal e da nasal palatal no dialeto belorizontino. Para tanto, procedeu-se a coleta de dados obtidos em entrevistas realizadas com vinte e quatro informantes (doze do sexo feminino e doze do sexo masculino) nascidos em Belo Horizonte e que tivessem residido toda a sua vida na capital mineira.

O presente trabalho organiza-se da seguinte forma: no primeiro capítulo apresenta-se a descrição das variáveis em estudo e resenhas sobre outros trabalhos que trataram do mesmo objeto a fim de demonstrar a importância do estudo para maior compreensão do português brasileiro. No capítulo 2, as teorias utilizadas para o estudo dos objetos analisados são explicitadas, destacando-se a Teoria da Variação (LABOV, 1972; 1994; 2001) e a teoria da Difusão Lexical (WANG, 1969 e BYBEE, 2001). No capítulo 3, os objetivos da pesquisa serão expostos, assim como as hipóteses levantadas para o presente trabalho. Para finalizar, serão estabelecidos os fatores linguísticos e sociais a serem utilizados para a análise das variáveis /k/ e /j/. No capítulo 4 apresenta-se a análise dos dados estatísticos referentes à variante lateral palatal, a partir dos quais será verificado se a variante estudada exhibe indícios de estar em processo de mudança, se o processo de variação está regredindo, ou se há uma variação estável na comunidade belorizontina. O capítulo 5 traz a análise estatística dos dados referentes à nasal palatal, cujos resultados irão mostrar o comportamento dessa variante em relação ao processo de variação na comunidade de fala analisada. Por fim, serão explicitadas as conclusões obtidas com o presente estudo e as considerações finais sobre a pesquisa.

Capítulo 1 – Descrição das variáveis

1.1 Descrição do Objeto

As palatais são fonemas de realização instável na língua portuguesa falada no Brasil. Pode-se perceber, na fala de pessoas de diferentes regiões, formas diversificadas de pronúncia das palatais lateral e nasal. Os fonemas /ʎ/ e /ɲ/ exibem um processo de variação, e suas variantes apresentam realizações vocalizadas e/ou reduzidas.

Os sons palatais não existiam na língua latina e surgiram durante o processo da evolução do latim em direção às diversas línguas românicas, ocorrendo, assim, a palatalização de determinados segmentos fônicos latinos.

O surgimento do som lateral palatal, segundo Câmara Jr. (1980), deve-se à palatalização dos segmentos latinos *-lia*, *-lie*, *-lio*, em que o *i* vocálico passa a silábico (*y*), que posteriormente funde-se à articulação do *l*, estabelecendo o som “molhado”. Jota (1976) também destaca o processo de iotização como precessor à palatalização, como em casos como lat. *milia* > pot. *milya* > *milha*.

Em relação ao som nasal palatal, Silveira (1988) destaca que o mesmo surgiu dos grupos de consoantes *gn* e *ny*, como nas formas *lignu* > *linho* e *maniana* > *manyana* > *manhã*. A iotização precedente à palatalização da nasal palatal também é descrita por Silva (1991) em que *-ni-* evolui para *-nh-*.

O que ocorre na língua portuguesa (e em outras línguas latinas) é movimento inverso ao que ocorreu com o latim, isto é, a despalatalização das palatais lateral e nasal. Melo (1981) considera esse processo um fato sociolinguístico, relacionado à linguagem popular e a pessoas incultas. E estudiosos como Silva Neto (1986) destacam a influência do português crioulo dos escravos e do substrato indígena no processo de despalatalização, uma vez que os índios e africanos tinham dificuldade em articular a lateral e a nasal palatais.

O processo de vocalização da lateral palatal é alvo de avaliação social negativa, e foi abundantemente descrito em sua origem como característica da fala de cablocos e matutos, como, por exemplo Amaral (1976), que afirma que o fonema /ʎ/ não existe no dialeto caipira, sendo sua ocorrência vocalizada em [y] (ex: *espaiado*, *maio*, *muié*, *fiio* = espalhado, malho, mulher e filho).

De acordo com Madureira (1987), a vocalização da lateral palatal é um fenômeno

presente em outras línguas românicas, como o francês e o espanhol. No romeno e no italiano o fenômeno também ocorre, mas de forma restrita, o que leva Madureira a questionar se a vocalização de /ʎ/ trata-se realmente de um processo românico. No português, o processo restringe-se ao português brasileiro e, segundo Leite de Vasconcelos (1901), àquele falado em ex-colônias portuguesas. Madureira (1999) reavalia as origens da lateral palatal, e destaca que no português de Portugal não há vocalização desse segmento.

No português brasileiro, vários estudos² já foram realizados sobre a vocalização da palatal lateral. A variação da nasal palatal também já foi objeto de pesquisas que mostram que a mesma está sofrendo variação em direção à vocalização e/ou redução. Segue-se a descrição das variantes dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/, que serão analisadas no português falado em Belo Horizonte.

Em relação à análise do fonema /ʎ/, doravante variável <ʎ>, verificar-se-á a existência da variação em direção à vocalização (ex: mulher – *muyé*) ou apenas uma despalatalização, ou seja, a substituição da lateral palatal pela lateral alveolar [l] (mulher – *mulé*). Apesar de a variante lateral alveolar ser considerada característica da fala do nordeste brasileiro, Oliveira (1983) diz que a variante [l] também ocorre no português de Belo Horizonte, porém apresenta-se com características de uma variante em extinção, uma vez que aparece com mais frequência na fala de grupos mais velhos. As ocorrências [ʎ], [l] e [y] parecem ocorrer no português belorizontino, sendo que a variante [l], segundo Madureira (1987:64), parece ser sensível ao parâmetro contexto seguinte (com as vogais frontais), como nos itens de seu *corpus*: *Guilherme*, *escolher* e *detalhe*. A variante [y] não se apresentou sensível a nenhum parâmetro estrutural em nível fonológico. A autora conclui que os itens *Guilherme*, *escolher* e *detalhe* ilustram uma mudança competitiva, pois, apesar de a maioria dos itens analisados sofrerem variação de [ʎ] para [y], encontram-se ocorrências de variação de [ʎ] para [l], ambas presentes na mesma comunidade linguística.

A palatal nasal será o segundo fonema analisado na comunidade de fala de Belo Horizonte. No português brasileiro, há estudos como o de Soares (2002), que destaca a redução da nasal palatal (além de analisar a lateral palatal) no falar de Marabá/Pa. Não há no momento muitos estudos específicos sobre a variação da nasal palatal em Belo Horizonte, mas dados de Ribeiro (1977), presentes no *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, mostram a ocorrência da forma reduzida da lateral palatal - /ɲ/ > /n/ (biscoitinho > *biscoitim*).

Em relação à nasal palatal, /ɲ/, a presente análise observará se o processo de redução

² Ver seção 1.3

atinge /ɲ/ tanto no ambiente do morfema indicador de diminutivo, quanto em ambientes fora dele. Será analisado o processo de vocalização e apagamento da nasal palatal, uma vez que os movimentos de [ɲ] > [y] e [ɲ] > [ø] já foram descritos por outras pesquisas, como a de Aguiar (1937) que encontrou realizações como [põˈbĩʊ] (pombinho), e também de Penha (1972) que encontrou formas como [paˈmõyɐ] (pamonha) e [vehˈgõyɐ] (vergonha).

Com o estudo do fenômeno de vocalização e/ou redução das palatais lateral e nasal no português falado em Belo Horizonte, pretende-se trazer novas contribuições acerca do comportamento dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/, complementando pesquisas sobre a lateral palatal já realizadas nessa comunidade de fala – como o trabalho de Oliveira (1983) e o de Madureira (1987) – e descrever a variação da nasal palatal no português belorizontino.

1.2 As palatais lateral e nasal à luz da Fonologia da Geometria de traços

A teoria da Fonologia da Geometria de Traços, proposta por Clements e Hume (1995), pressupõe que os traços fonológicos, explicitados pela Teoria da Fonologia Autossegmental, de determinados segmentos sejam representados hierarquicamente por *nós* ordenados, “em que os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços” (Hernandorena, 2001, p. 47).

Dessa forma, os segmentos são caracterizados como um conjunto de traços independentes, sendo que, determinados processos linguísticos podem afetar um conjunto de traços, ou apenas um traço. Clements e Hume (1995) completam dizendo que os segmentos podem ser simples, complexos e de contorno. Monaretto, Quednau e Hora (2005) explicam que os segmentos são

[...] *simples*, se o nó de raiz for caracterizado por um único traço articulador; *complexos*, se o nó de raiz for caracterizado, no mínimo, por dois traços articuladores, formando um seguimento de contrições simultâneas, e de *contorno*, quando dois nós de raiz, em uma única posição do esqueleto, tiverem hierarquia de diferentes traços. (MONARETTO, QUEDNAU E HORA, 2005, p. 213)

As variáveis /ʎ/ e /ɲ/, de acordo com Matzenauer-Hernandorena (1994), são interpretadas, tendo como base a teoria da Geometria de Traços, como consoantes complexas por possuírem uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica,

isto é, possuem tanto um nó de Ponto de Consoante (Ponto de C), como um nó de Ponto de Vogal (Ponto de V), sendo esse último sob o domínio do nó vocálico. Conforme essa teoria, as palatais lateral e nasal apresentam a seguinte representação:

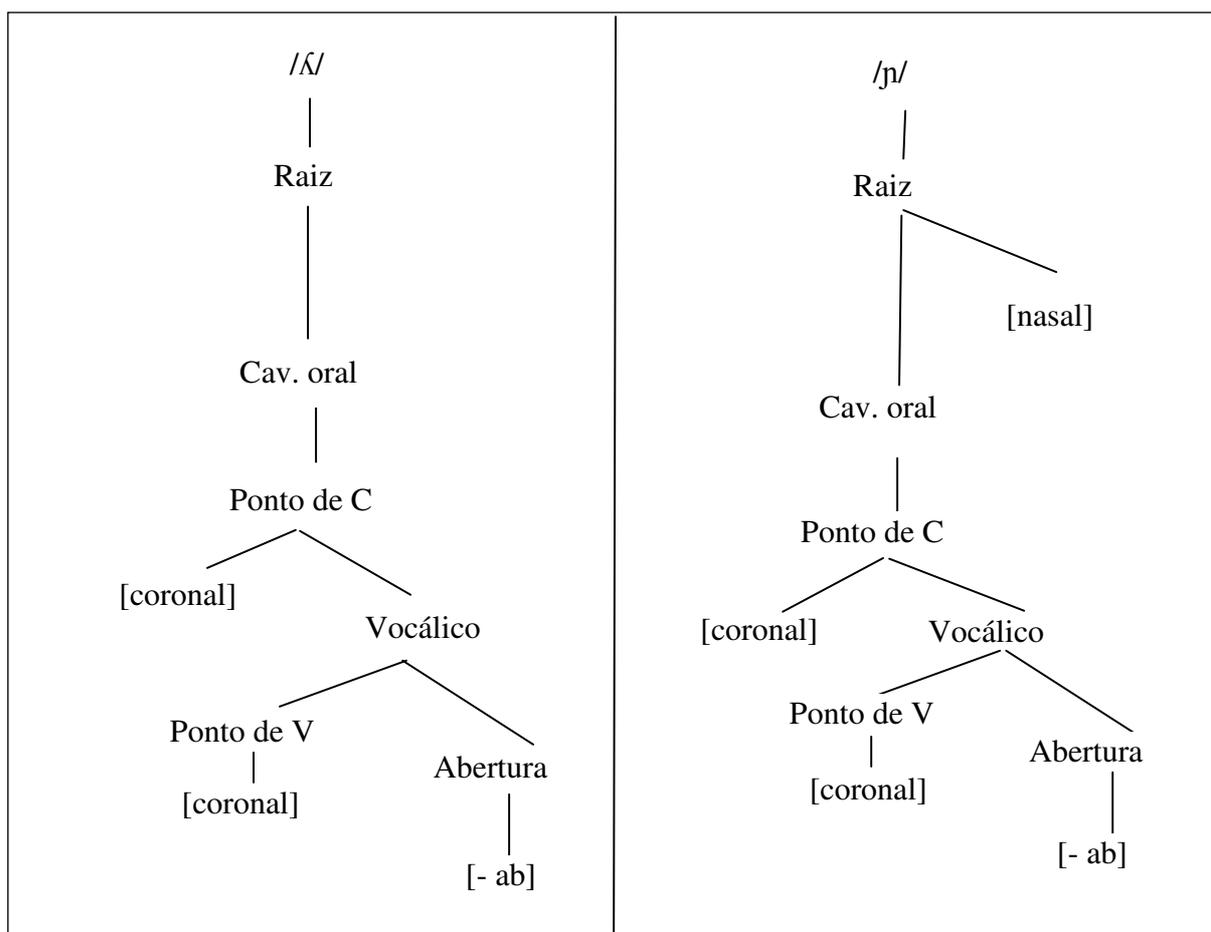


Figura 1 - Representação geométrica da das palatais lateral e nasal
 Fonte: Matzenauer-Herandorena (1999, p. 83 e 89)

As realizações das variantes estão relacionadas ao desligamento de um determinado traço da representação geométrica do segmento. A desassociação do traço coronal do ponto de consoante de ambas as variáveis caracterizaria o apagamento das mesmas. Para muitos casos de apagamento de segmentos, a fonologia Autossegmental assume que existem segmentos denominados *ambientes* (segmentos *default*) que preenchem esses segmentos vazios. No português, o *segmento ambiente* é a vogal [i], que, segundo Cristóforo-Silva (2003), se manifesta foneticamente nessa posição como um glide palatal [y]. A inserção do *segmento ambiente* pode ser encontrada tanto no apagamento de /ʎ/ quanto no apagamento de /ɲ/, como

se pode observar nos exemplos (5) e (6)

(5) /ʎ/ > [y] - mulher [muy'ε]

(6) /ɲ/ > [y] - banho [ˈbãɲɔ]

A inserção de [y] é explicada por Brenner *et al* (2008) que diz que “ao realizar o glide coronal [y] substituindo a lateral palatal, o falante mostra não ligar a constrição da consonantal primária do segmento, apresentando apenas a constrição secundária” (BRENNER *et al*, 2008, p. 06), isto é, considera apenas o traço vocálico.

Matzenauer-Hernandorena (1999) aponta para o desligamento do traço vocálico, o que levaria à realização da constrição consonantal, produzindo, assim, a líquida lateral [l]. A realização da variante [ly] é explicada por um processo de espraçamento da articulação secundária de /ʎ/ para o nó de ponto de consoante do segmento vocálico subsequente como se pode observar na figura 2.

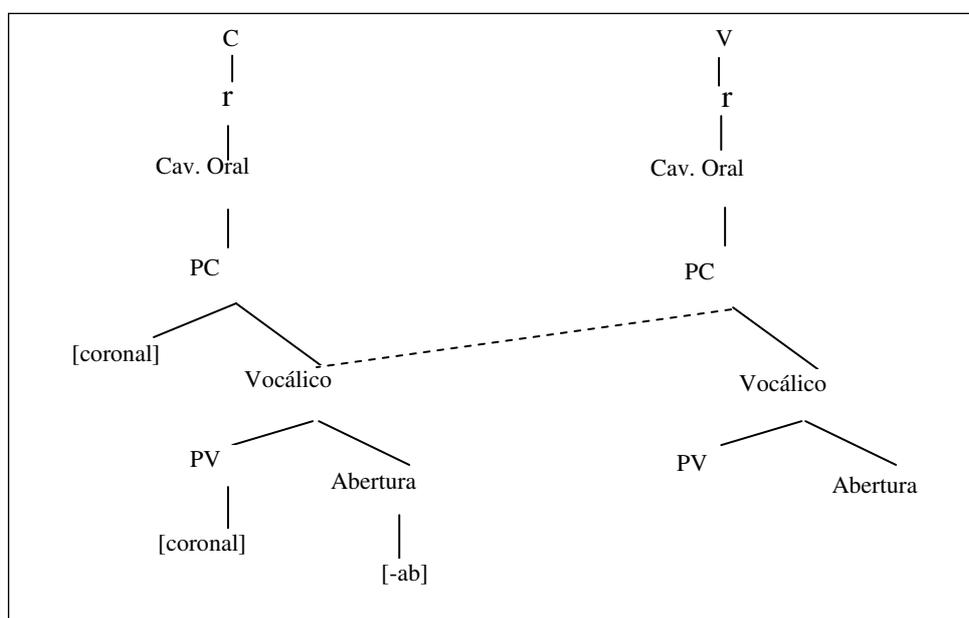


Figura 2 - Processo de espraçamento
Fonte: Matzenauer-Hernandorena (1999, p. 85)

A mesma posição teórica proposta para a lateral palatal também é possível, segundo Matzenauer-Hernandorena (1999), para a nasal palatal. A autora diz que

“[...] quando o [n] é empregado no lugar do [ɲ], a criança só apresenta a constrictão primária, consonantal do segmento [...]; quando [-y] é empregado em seu lugar, a criança só está realizando a sua constrictão secundária, vocálica [...]”

(MATZENAUER-HERNANDORENA, 1999, p. 88)

Assim, por serem segmentos complexos, as variáveis /ʎ/ e /ɲ/ apresentam comportamento instável, podendo sofrer desligamento de algum nó em sua estrutura, ocorrendo, assim, apagamento ou emprego de outros segmentos (ou sequência de segmentos) no lugar dessas variáveis.

1.3 Estudos sobre as palatais lateral e nasal

O fenômeno da variação que envolve as palatais lateral e nasal já recebeu atenção de vários autores que estudaram o português brasileiro. Em seguida, serão expostos alguns trabalhos que trataram das variáveis /ʎ/ e /ɲ/.

1.3.1 A lateral palatal

Penha (1972), em seus estudos dialetológicos realizados na zona rural do Sul de Minas Gerais, registra a despalatalização de /ʎ/ para [l] e [y], a partir de formas como [ˈvɛyɔ] (velho), [ˈpayɐ] (palha), [sãˈdayɐ] (sandália).

Melo (1981) identifica a semivocalização de /ʎ/ a partir de formas como [traˈbayɔ] (trabalho), [muyˈɛ] (mulher), [kuyˈɛ] (colher), [ˈpayɐ] (palha). O autor compara esse processo ao mesmo ocorrido na pronúncia da palatal lateral no francês atual. Já em relação à lateral alveolar, o autor diz que o fenômeno é mais restrito a certos lugares da Bahia.

Aragão (2003), ao analisar o material que compõe o Atlas Linguístico do Brasil – ALiB-CE – observou que a despalatalização, a vocalização ou a manutenção da lateral palatal não apresentaram condicionamentos fonéticos que os justificassem, uma vez que essas realizações podem ocorrer em diferentes posições, precedendo quaisquer vogais.

Almeida (2004), ao realizar estudos sobre as consoantes do português falado no Vale do Cuiabá-MT, observa que nessa localidade a realização da consoante lateral palatal /ʎ/ não difere do resto do Brasil em geral, em que essa consoante possui tendência à iotização ou despalatalização, como em [traˈbayɐ] (trabalha), [maraˈvyɐ] (maravilha) e [ˈvɛy] (velho).

Brandão (2007) observou que na fala do Norte e Nordeste Fluminense predomina a utilização da variante lateral palatal, concorrendo com a variante [ly], segunda variante mais produtiva. A autora também observou que, no território fluminense, a variante lateral palatal parece prevalecer em comunidades rurais e semi-urbanizadas, fato contrário ao que ocorre no restante do país.

1.3.2 A nasal palatal

Segundo Aguiar (1937:48), no Ceará o diminutivo *-inho* possui uma evolução típica: “é que ele passa a *ĩo* e logo depois a *ĩ*, perdendo a vogal final: assim pombinho > pombão > pombim, caminho>camão>camim, vinho > vño > vim, etc”. Esse processo de vocalização no Ceará é próximo ao que ocorre em Minas Gerais, porém, essa redução fonética está ligada pejorativamente ao falar mineiro.

Penha (1972) também analisa a nasal palatal, encontrando realizações [y] e [n], como nas formas [pa'mõyɐ] pamonha, [veh'gõyɐ] vergonha, [ʔzinabri] azinhavre.

Ribeiro (1977), no seu Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, observou que as palavras *chicotinho* e *biscotinho* (da brincadeira *chicotinho/biscoitinho-queimado*) possuem um pequeno número de ocorrência da nasal palatal na fala, sendo mais comum, em boa parte de Minas Gerais, a forma nasalizada *chicotim* e *biscoitim*.

Ao analisar o *corpus* da cidade de Fortaleza, Aragão (1996) constatou que nessa comunidade de fala há predominância do apagamento da nasal palatal em contexto precedente [i], que ocorre nasalizado. Além disso, encontrou ocorrências vocalizadas (como [banho > ʔbãys]; [tenho > ʔtẽys]) e ocorrências em que a nasal palatal é preservada (como [iskoʔlijɐ] e [kuʔnesɔ]) o que parece ser, segundo a autora, influência das vogais abertas [a], [ɛ] e [ɔ].

Almeida (2004) também analisa a consoante nasal palatal no Vale do Cuiabá-MT, e concluiu que essa consoante se apresenta despalatalizada ou iotizada nessa comunidade. Dentre as ocorrências encontradas, o autor destaca o vocábulo *minha(s)* que aparece com o *i* oral [ʔmiɐ] ou com o *i* nasalado [ʔmĩɐ]. O fenômeno aparece em outros vocábulos como [istoʔrĩɐ] historinha, [redõʔdĩ] redondinho, [igwawʔzĩ] igualzinho.

1.4 Estudos variacionistas acerca das palatais

Nesta seção serão descritos alguns estudos mais específicos referentes ao comportamento linguístico das palatais lateral e nasal no português brasileiro. Em relação ao comportamento linguístico do /ʎ/, temos os estudos de Oliveira (1983) e Madureira (1987), ambos tratando da vocalização do /ʎ/ em Belo Horizonte. Soares (2002) faz um estudo variacionista, na cidade de Marabá (PA), acerca das palatais lateral e nasal. Castro (2006) realiza sua pesquisa em uma comunidade quilombola localizada em Minas Gerais, tratando do uso da semivogal e da inserção da lateral palatal no português brasileiro.

1.4.1 Oliveira (1983)

Oliveira (1983), adotando a Teoria Variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), analisa a variável /ʎ/ quantitativa e qualitativamente em Belo Horizonte, considerando os possíveis fatores linguísticos e sociais que estariam influenciando o uso de determinada variante.

Em relação à variante [y], após a análise do seu comportamento de acordo com fatores sociais, Oliveira chega à conclusão de que essa variante não apresenta comportamento de mudança em progresso, pois não demonstrou diferença significativa no estudo de tempo aparente, resultado que pode estar ligado ao fato de a variante vocalizada ser estigmatizada. Já a variante [ɲ], segundo sua análise, foi considerada de maior prestígio do que [y], porém o autor observou que essa variante estaria em processo de extinção, uma vez que sua realização ocorria em maior número na fala dos mais velhos.

A análise dos fatores estruturais não registrou favorecimentos qualitativamente significativos que determinem a utilização de uma ou outra variante na comunidade de fala de Belo Horizonte.

1.4.2 Madureira (1987)

Em trabalho posterior, Madureira (1987) adota a Teoria da Variação (LABOV, 1972), para analisar a co-ocorrência da consoante lateral palatal /ʎ/ e a semivogal [y] no português brasileiro de Belo Horizonte. A autora faz, inicialmente, um estudo sobre a

vocalização da lateral palatal nas línguas românicas e conclui que esse processo se destacou no francês – em que o [y] já se estabeleceu na norma culta – e no espanhol – que apresenta perfis diferenciados do processo de variação de acordo com a região. Há também, indícios do fenômeno no romeno e no italiano. Já na língua portuguesa, a vocalização da lateral palatal é recorrente no português falado no Brasil e em outras colônias portuguesas, porém, em Portugal não há, em momento algum da sua história, a vocalização da lateral palatal. O fato de o processo de vocalização da lateral palatal estar presente no português brasileiro e naquele falado em ex-colônias portuguesas, segundo Neto (1970), Mendonça (1973) e Melo (1975)³, pode estar ligado ao contato com línguas africanas. Madureira argumenta contrariamente a essa hipótese, destacando que o fenômeno da vocalização está presente em línguas românicas cujos falantes não tiveram contato algum com línguas africanas.

Para a realização da pesquisa, Madureira utiliza um *corpus* de língua oral da cidade de Belo Horizonte. A análise levou à conclusão de que a vocalização no português belorizontino é mais saliente no grupo socioeconômico menos favorecido, entre homens, jovens e adultos e no estilo formal.

Além das análises quantitativa e qualitativa, Madureira, ao analisar o comportamento dos itens lexicais, percebeu que o processo de vocalização do /ʎ/ estava ligado a um processo de difusão lexical, pois, no grupo social mais baixo, um conjunto determinado de itens lexicais favorece a realização da variante [y], e no grupo social mais alto, somente alguns desses itens favorecem a realização da variante vocalizada. A autora destaca o caso de itens portadores de mensagens afetivas, de conotação basicamente pejorativa (Madureira analisou a variação dos sufixos *–alhada* / *–aiada*), que são alvos de correção, dizendo que essa correção se faz nos itens e não nos sons. Madureira conclui que a mudança está sendo implementada na comunidade de fala a partir de determinados itens, como *trabalhar e velho*, não atingindo todo o léxico da mesma forma.

1.4.3 Soares (2002)

Soares (2002) analisa as palatais lateral e nasal, tendo como suporte a Teoria Variacionista. A autora trabalha com *corpus* coletado junto a 42 informantes nascidos na cidade de Marabá / PA, procurando identificar as variações dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/, calculando

³ *Apud* Madureira (1987)

as probabilidades de ocorrências das variantes desses fonemas. Soares desenvolve uma análise das variáveis sociais e linguísticas que condicionam o fenômeno da despalatalização na comunidade analisada. A autora conclui que a variação das palatais lateral e nasal no falar de Marabá é resultado de um complexo processo que envolve condicionamentos linguísticos e extralinguísticos.

Destaca-se, na análise de Soares, o fato de a semivocalização mostrar-se mais produtiva para /ɲ/ do que para /ʎ/, o que pode indicar, segundo a autora, que a semivocalização seja mais significativa no âmbito da palatal nasal, sofrendo menor pressão social do que a palatal lateral. Os resultados de Soares confirmam observações de outros estudiosos sobre o processo de despalatalização.

1.4.4 Castro (2006)

Castro (2006), em estudo realizado na comunidade quilombola de Matição, localizada em Jaboticatubas – MG, analisa o uso da semivogal [y] e da consoante [ʎ]. A autora trata da influência africana na co-ocorrência da semivogal e da lateral palatal no Português Brasileiro. A comunidade de fala analisada por Castro possui características diferentes das comunidades estudadas descritas anteriormente.

Em Matição o [y] é categórico entre os falantes mais velhos e são os jovens que estão introduzindo a lateral palatal nessa comunidade de fala. O fato de o grupo mais jovem utilizar a variante inovadora [ʎ] caracteriza a variação, segundo a autora, como mudança em progresso, em direção à variante [ʎ]. Após análise dos dados, Castro conclui que, na comunidade de Matição, a variante [y] co-ocorre com a [ʎ] (inovadora). Além disso, a autora pressupõe que a mudança ocorre mediante um processo de difusão lexical, pois ao analisar itens na fala dos dois grupos de informantes analisados, Castro constata que “a lateral palatal [ʎ] passa a ocorrer ao lado da semivogal [y] a partir de itens do léxico e estaria se expandindo, na comunidade através de alguns itens lexicais, entre os quais, se destacam *filho(s)* e *trabalhar*” (CASTRO, 2006, p. 67), fato que vai em direção oposta aos resultados de Madureira (1987) em que esses dois itens se destacam no processo de vocalização da lateral palatal em Belo Horizonte.

Mas, por outro lado, cumpre observar que as duas pesquisas têm em comum o fato de identificar a interferência dos itens lexicais no processo, principalmente o item *trabalhar*, que se identifica como item que lidera a mudança, seja numa direção, seja na outra.

Capítulo 2 – Referencial teórico

2 Descrição do referencial teórico

Conforme já se demonstrou nas seções precedentes, o referencial teórico que orientará a presente pesquisa contempla duas teorias específicas. Para o estudo das variáveis /k/ e /ɲ/ , esta pesquisa terá como base a Teoria da Variação (Labov, 1972) e a Teoria da Difusão Lexical (WANG, 1969).

2.1 Teoria da Variação

O construto teórico-metodológico que orientará a coleta e a análise de dados da presente pesquisa é o da Teoria da Variação, proposta por Labov (1972; 1994; 2001). Essa perspectiva teórica assume que a língua é um fenômeno social, um sistema heterogêneo, sendo assim, passível de variação. Se a língua varia, ela não pode ser considerada um “composto” homogêneo.

Considerando a heterogeneidade da língua, acredita-se que há variação quando duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, estão presentes com certa frequência em uma determinada comunidade de fala. Assim, Labov acrescenta aos estudos da língua os conceitos de variável e variantes linguísticas, que Tarallo (1985) explica:

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação (...) a essas formas de variação dá-se o nome de *variantes*. *Variantes linguísticas* são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*. (TARALLO, 1985, p. 81)

Com o objetivo de conhecer o comportamento linguístico dos falantes de uma comunidade de fala, Labov desenvolveu uma metodologia que tem por finalidade a busca pelo vernáculo. Para tanto, o *corpus* utilizado durante a pesquisa é coletado por meio de entrevistas, que são gravadas com a autorização do informante. Porém, para que a coleta forneça o maior número de dados próximos ao vernáculo, é necessária a superação de um obstáculo para as pesquisas variacionistas, obstáculo que Labov (1972:209) chama de

paradoxo do observador. O problema acerca do *paradoxo do observador* consiste em, durante a coleta de dados, conseguir coletar a fala espontânea de um informante sem inibi-lo com a utilização do gravador e, também, com a presença do próprio pesquisador. Para minimizar os efeitos do *paradoxo do observador*, Labov propõe que sejam feitas entrevistas individuais em que o falante narre experiências pessoais que envolvam emoção. Com esse método, espera-se que o informante se distraia em relação à sua fala e use estruturas mais semelhantes às utilizadas em seu cotidiano. Com esse método, Labov pressupõe que, no decorrer da entrevista, se obtenham diferentes estilos de fala – do mais formal ao menos formal – que serão caracterizados de acordo com a atenção que o informante dá a sua própria fala: quanto menor a atenção, menos formal será a fala, e mais próxima ao vernáculo ela estará.

Mas, segundo Labov, a existência de variação em um sistema linguístico não significa que esta se dê de forma aleatória, ela é regida por restrições linguísticas e sociais. Em relação às restrições linguísticas, temos, por exemplo, contextos morfológicos e sintáticos. Já, em relação às restrições sociais, leva-se em conta a classe social, o gênero, a escolaridade, a faixa etária, a localização geográfica, entre outros. Então, para o estudo da variável linguística e de suas variantes, são delimitados fatores linguísticos e fatores sociais que possam influenciar a utilização de uma determinada variante, o que permite conhecer o comportamento de uma determinada variável no sistema linguístico analisado.

Com essa metodologia, pretende-se captar não apenas a variação na fala de um mesmo indivíduo, mas a variação que ocorre de um indivíduo para outro, dentro de uma mesma comunidade. Como em cada comunidade existem indivíduos representativos de vários grupos socioeconômicos, de sexo diferenciado, de diversas idades e origens geográficas, Labov, ao estabelecer e associar fatores sociais e linguísticos, atribui caráter social aos estudos da mudança linguística.

A evolução linguística de uma variável pode levar-nos a determinar se a mudança está em progresso ou estável. Segundo Labov (1994) a mudança está em progresso quando se verifica, durante a análise de uma determinada variável, que uma variante está expandindo seu uso em relação a outra variante. Para saber se uma mudança está em progresso, lança-se mão de informações sincrônicas e diacrônicas. Se, ao analisar os dados fornecidos pelas informações diacrônicas, encontrar o crescimento do uso de uma variante do passado para o presente, tem-se uma *evidência de tempo real* da expansão da variante. Se, ao realizar um estudo sincrônico, a variante apresentar-se com um maior percentual na fala dos jovens, teremos uma *evidência de tempo aparente*. Se houver indícios de ocorrência das duas

evidências, a mudança está em progresso. Quando não há indícios de ocorrência das duas evidências, conclui-se que a encontra-se variação está estável. Mas, se ocorre o contrário do que a evidência de tempo real e a evidência de tempo aparente preveem, a variável encontra-se em extinção.

2.1.1 Estudo em tempo aparente

A análise em tempo aparente é, segundo Labov, “a primeira e mais simples abordagem para se estudar uma mudança linguística em progresso é traçá-la em tempo aparente, isto é, a distribuição das variáveis linguísticas através das faixas etárias.” (LABOV, 1994, p.45-46, tradução nossa)⁴. O estudo em tempo aparente prevê a distribuição dos informantes em faixas etárias, com o objetivo de se obter indícios de mudança entre diferentes gerações de informantes.

Considerando que o processo de aquisição da linguagem encerra-se por volta dos quinze anos de idade, Naro (2004) explica que

Sob a hipótese clássica, o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa de 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa de 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos. (NARO, 2004, p. 44-45)

A comparação entre as faixas etárias prevista pelo estudo de tempo aparente pretende diagnosticar processos de mudança com base em comportamentos dos indivíduos pertencentes a uma determinada faixa etária. Assim, se uma determinada variante inovadora apresenta um alto índice de utilização por falantes de uma faixa etária mais jovem, havendo decréscimo do uso à medida que aumenta a idade do informante, a mudança se caracterizará como em progresso. O comportamento contrário, em que os informantes jovens utilizam cada vez menos uma forma linguística que está presente na fala dos informantes mais velhos, caracterizaria o processo de extinção de uma variante. Se o percentual de realização de uma determinada forma inovadora apresenta percentuais semelhantes entre as faixas etárias analisadas, a variação é considerada estável.

⁴ *The first and the most straightforward approach to studying linguistic change in progress is to trace change in apparent time: that is, the distribution of linguistics variables across age levels.*

Tendo em vista o comportamento das variáveis /k/ e /ɲ/ em Belo Horizonte, esta pesquisa realizará o estudo em tempo aparente considerando três faixas etárias: jovens, medianos e velhos.

2.1.2 Análise em tempo real: estudo de tendência e estudo de painel

Segundo Labov (1994), o estudo da mudança linguística em tempo real consiste em uma análise dos processos de mudança que ocorrem de forma gradual em toda a comunidade linguística, ou mudanças de comportamento linguístico de determinados indivíduos ao longo da sua vida. Para a análise de um processo de mudança em tempo real de curta duração, lança-se mão de dois tipos de estudos: estudo de tendência e estudo de painel.

O estudo de painel é realizado pela comparação de amostras de fala dos mesmos informantes em dois momentos de tempo distintos, com o objetivo de se detectar mudança ou estabilidade no comportamento linguístico individual. Apesar de o estudo de painel fornecer evidências sobre a mudança linguística através de gerações e, em consequência, a mudança na comunidade de fala, por não ser constituída por amostras aleatórias, acaba por não representar a comunidade de fala analisada em geral.

O estudo de tendência tem como critério metodológico a comparação entre dois períodos sincrônicos, em que serão coletadas duas amostras aleatórias de uma mesma comunidade de fala, respeitando com os mesmos parâmetros sociais em ambos os períodos de tempo. Mesmo que os informantes não sejam os mesmos, esse tipo de estudo não visa, de acordo com Paiva & Duarte (2003), caracterizar comportamentos linguísticos individuais, e sim, em termos estatísticos, o comportamento de toda a comunidade estudada.

Esta dissertação realizará um estudo de tendência no que diz respeito à variável /k/, uma vez que os presentes dados serão comparados com os resultados encontrados por Madureira (1987) visando estabelecer um comportamento linguístico em relação à variável lateral palatal na comunidade de fala belorizontina.

2.2 Modelos de análise da implementação da mudança

A apresentação dos objetivos mostra que se levará em conta o papel dos itens lexicais no processo de variação/mudança em estudo. A escolha desse fator enseja numerosas

reflexões e requer considerações que podem ser resumidas pela exposição dos pressupostos básicos de dois modelos: o modelo Neogramático e o modelo da Difusão Lexical.

2.2.1 O modelo Neogramático

O modelo Neogramático surge no final do século XIX, e determina, desde então, a busca de regularidade nos processo de mudança linguística. Entre os precursores desse modelo destacam-se pesquisadores como H. Osthoff, K. Brugmann, A. Leskien e H. Paul.

Para os Neogramáticos o som era a unidade de mudança, e as mudanças ocorriam mecanicamente por forças de leis naturais, não havendo exceções. Assim, um determinado som, que estivesse sofrendo uma determinada mudança, em um contexto fonético específico, seria afetado em todas as palavras que o ilustrassem. Saussure, ao considerar a regularidade dos processos de mudanças, diz que

[...] a mudança fonética não afeta as palavras, e sim os sons. O que se transforma é um fonema; sucesso isolado, como todos os sucessos diacrônicos, mas que têm como consequência alterar de maneira idêntica todas as palavras que figure o fonema em questão; é nesse sentido que as mudanças fonéticas são absolutamente regulares. (SAUSSURE, 2006, p. 167)

Para exemplificar, tomando como base a evolução do latim para o português, retomase aqui Coutinho (1969) (apud TARALLO, 1994), que, ao descrever o processo de mudança das consoantes mediais, propôs que “As consoantes mediais surdas latinas, quando intervocálicas, sonorizaram-se em português nas suas homorgânicas, e as sonoras geralmente caem.” (COUTINHO, 1969, apud TARALLO, 1994, p. 110).Então, considerando o sistema de consoantes latino, Câmara Jr. (1976) destaca que as consoantes mediais sofreram, entre outras, as seguintes mudanças: /p/ > /b/: *lupu* > *lobo*; /f/ > /v/: *aurifíce* > *ourives*; /k/ > /g/ (antes de a, o, u): *pecare* > *pagar*, *dico* > *digo*, *focu* > *fogo*.

Assim, do ponto de vista neogramático, as mudanças sonoras são lexicalmente abruptas e foneticamente graduais, e quaisquer exceções às regras explicadas por analogia ou empréstimos linguísticos.

O fato de não admitir exceções era o ponto fraco do modelo neogramático. O modelo era criticado pelos dialetologistas, que sugeriam que a mudança se faz por palavra, sustentando, em sua versão mais forte, a tese de que cada palavra tem sua própria história.

Não eram regras que iriam determinar como se deu ou dará determinada mudança, e sim o comportamento de cada palavra em situações reais de uso.

Ainda que sofresse críticas à época, o modelo neogramático se impôs, pela força que a identificação das *leis fonéticas*, no estudo da história das línguas, lhe conferia. Ainda assim, ao longo do século XX, continuaram surgindo pesquisas que identificavam irregularidades nos processos de mudança, sem explicação adequada dentro do modelo neogramático.

Em 1969, surge uma proposta que considera a palavra como unidade de análise para o estudo da mudança, recuperando o ponto de vista dos dialetologistas. De acordo com essa proposta, a mudança ocorre inicialmente em uma palavra e propaga-se para outras com estrutura sonora semelhante, podendo, ou não, atingir todas as palavras. Esse novo modelo de estudo foi chamado teoria da Difusão Lexical.

2.2.2 Difusão Lexical

Wang (1969) diz que as exceções para uma mudança sonora regular podem ser causadas, entre outros fatores, pela operação de sobreposição de duas regras, cuja atuação simultânea gera conflito e determina irregularidades. As irregularidades poderiam ser o resultado de duas mudanças sonoras regulares ao invés da competição de mudança sonora e analogia. E a existência das irregularidades, nesse caso, seria a evidência de que a implementação da mudança é lexical, isto é, uma regra atinge uma parte do léxico, a outra regra atinge a outra parte. Outro argumento usado por Wang repousa nas características do chinês: Wang utilizou dados do chinês para demonstrar que a hipótese Neogramática, que pressupõe que analogias morfológicas que interferem na regularidade da mudança sonora em paradigmas flexionais, quase não se aplica à língua chinesa. Assim, para essa língua, as irregularidades precisariam ser explicadas por outro processo, que não fosse a analogia, como prevê o modelo neogramático. Wang propõe, então, uma teoria diferente àquela proposta pelos Neogramáticos: as mudanças sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Wang, e outros estudiosos da língua chinesa, chamaram essa nova concepção de *Difusão Lexical*.

Fazer uma análise com base no modelo de Difusão Lexical é reconhecer, como defenderia Jules Gilliéron, que “toda palavra tem sua própria história.”⁵ Sendo assim, para

⁵ *Apud* Dogliani (2000)

compreender a mudança é preciso considerar os itens individualmente, em busca do aprofundamento da compreensão dos fatores que determinam que alguns itens sejam atingidos e outros não.

Ao se optar pelo modelo de Difusão Lexical, julga-se ter em mãos mais um instrumento de compreensão para o comportamento das palatais lateral e nasal, tendo em vista que, em um primeiro momento, parece que o contexto fonético não seria suficiente para explicar a variação e/ou mudança. O fato de o contexto fonético ser insuficiente para elucidar o fenômeno é explicado por Madureira (1987). A autora observou, após análise dos dados, que a vocalização da lateral palatal estaria mais sensível ao item lexical do que às características fonológicas das palavras, uma vez que a mudança está sendo implementada por certos itens lexicais e não atinge todo o léxico da mesma forma.

A análise a ser descrita nessa pesquisa consiste em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, sendo esta realizada com auxílio de um gravador.

As entrevistas que compõem o *corpus* da presente pesquisa foram coletadas entre os anos de 2005 e 2008, e realizadas por três pesquisadores, sendo dez delas realizadas pela própria pesquisadora, duas realizadas por Carolina Dias Cunha e doze realizadas por Leonardo Eustáquio Siqueira Araújo⁶.

Todos os dados das entrevistas foram obtidos por meio de conversas espontâneas com base no modelo de entrevista sociolinguística (ver seção 3.2.2) e os dados foram codificados tendo em vista sua análise pelo programa de regras variáveis *Goldvarb-X*.

3.1 Objetivos e hipóteses

3.1.1 Objetivo geral

O objetivo desta pesquisa é analisar o processo de variação que envolve as variáveis /k/ e /ɲ/ na comunidade de fala de Belo Horizonte.

3.1.2 Objetivos específicos

- Observar, considerando fatores linguísticos, se há contextos fonéticos favorecedores de uma ou outra variante de /k/ e /ɲ/;
- Observar, considerando fatores sociais, se está ocorrendo um processo de mudança na comunidade de fala estudada ou se variáveis /k/ e /ɲ/ (ou uma de suas variantes) apresentam comportamento estável na fala;
- Analisar o comportamento atual da variável lateral palatal com o objetivo de se observar se houve alteração da utilização da mesma – no que diz respeito à realização dessa variável – em relação a pesquisas anteriores realizadas na mesma comunidade de

⁶ As entrevistas deste pesquisador fazem parte de sua pesquisa de mestrado, que também trata de um processo de variação na comunidade de fala de Belo Horizonte (ARAÚJO, 2007).

fala (OLIVEIRA, 1983 e MADUREIRA, 1987). Para tanto, será realizado um estudo de tendência no qual os resultados obtidos nesta pesquisa serão comparados aos de Madureira com o objetivo de se verificar se a mudança está se propagando, se estabilizou-se ou se houve um recuo no processo de variação da lateral palatal;

- Analisar, no caso da lateral palatal, a possibilidade de estar ocorrendo uma mudança por difusão lexical, como mostra Madureira (1987), e se, em relação à nasal palatal, há também evidências de que o processo de mudança esteja afetando em determinados itens.

3.1.3 Hipóteses

Com base nos objetivos, o presente trabalho orientou-se pelas hipóteses iniciais elencadas a seguir:

3.1.3.1 Hipóteses – lateral palatal

1. Os falantes da comunidade de fala belorizontina priorizam a utilização da variante padrão [ʎ];
2. O processo de variação referente à lateral palatal em direção à variante vocalizada não possui condicionamentos linguísticos, sendo um processo relacionado a itens específicos;
3. Espera-se que a realização da variante [y] não apresente aumento significativo em relação aos dados de Madureira (1987), já que se trata de uma variante estigmatizada socialmente;
4. O processo de variação da lateral palatal em direção a [l] apresenta condicionamentos linguísticos.

3.1.3.2 Hipóteses – nasal palatal

1. O processo de variação referente à nasal palatal possui condicionamentos fonéticos;
2. A realização das variantes da nasal palatal não é influenciada por fatores sociais;
3. A realização da terminação *-im* em lugar de *-inho* é favorecida quando este se refere a morfema indicador de diminutivo.

3.2 Coleta e análise dos dados

Tendo-se em conta as variáveis escolhidas, o próximo passo foi a escolha do método de coleta de dados. O método escolhido deve deixar o informante à vontade, pois em situação muito formal o mesmo pode monitorar sua fala, procurando falar o mais “corretamente” possível. O método mais apropriado para essa situação é o da entrevista, por ser, segundo Labov (1972) o mais indicado para estudos morfo-fonológicos e/ou sintáticos. As entrevistas foram realizadas são do tipo D.I.D (Diálogo entre Informante e Documentador), em que o informante ficou à vontade para falar de todos os temas propostos pelo pesquisador, que somente o interrompia quando necessário. Para a obtenção do vernáculo, em determinado momento da entrevista, foi perguntado ao informante se ele havia passado por algum momento de perigo ou angústia em sua vida. Perguntas sobre experiências pessoais são, segundo Labov (1972), a melhor maneira de se chegar ao vernáculo, pois o informante se distrai em relação à sua fala e usa estruturas mais semelhantes àsquelas utilizadas em seu cotidiano.

A codificação dos dados para análise foi feita de maneira direta e objetiva, utilizando-se números para identificar as variantes e letras para cada um dos fatores analisados (preferencialmente as iniciais das palavras as quais se referiam cada fator). Assim, para a codificação 3jmbcaaotnna, entende-se que o primeiro código refere-se à variante, do segundo ao quinto códigos temos os fatores sociais, do sexto ao décimo primeiro os fatores linguísticos e o último código refere-se ao informante.

Para a análise quantitativa foi utilizado o Programa de Regras Variáveis Goldvarb-X. Após a codificação dos dados e tendo em mãos os resultados obtidos pelo programa, os mesmos foram analisados com o propósito de se observar os fatores linguísticos e sociais que influenciam os fenômenos sob análise.

Neste trabalho, ocorrerá análise de fatores linguísticos e sociais acerca da variação das palatais lateral e nasal, com o objetivo de atestar se fatores estruturais estão guiando o processo de variação, incluindo-se aí a análise do comportamento dos itens lexicais. Portanto, os itens lexicais serão analisados com a finalidade de se verificar se há palavras que fogem à regularidade neogramática. Paralelamente será analisada a interferência de fatores sociais como faixa etária, gênero e grupo social.

3.3 Caracterização da comunidade de fala de Belo Horizonte

Com apenas 112 anos de idade, Belo Horizonte é uma cidade relativamente jovem se comparada a outras capitais brasileiras. Inaugurada em 12 de dezembro de 1897, sua fundação tinha como objetivo a criação da nova capital do estado de Minas Gerais, já que sua então capital Vila Rica (Ouro Preto) não possuía espaço para suportar uma expansão urbana que atinge as capitais devido à sua localização.

Da antiga vila de Curral Del Rei pouco restou, surgindo, então, uma nova e moderna cidade delimitada pela Avenida do Contorno, que não só estabelecia os limites da capital como também separava classes, uma vez que as classes populares se fixaram no entorno dessa avenida. Porém, os limites da nova capital não impediram o seu crescimento desordenado, que é característico de todo grande centro urbano.

O aumento populacional começou logo no início da construção da cidade, com a vinda de operários contratados para a construção da nova capital e por migrantes em busca de emprego no novo centro urbano que surgia. Ferreira (2001) diz que

[...] Belo Horizonte recebeu um grande contingente de trabalhadores migrantes no período de sua construção, estando entre eles (*sic*) além da própria mão de obra nacional, ex-escravos [...] e imigrantes principalmente italianos, convocados para a construção da nova capital. (FERREIRA, 2001, p. 986)

Após sua inauguração, a nova capital acolheu todo o funcionalismo de Vila Rica que trabalhava para o governo do estado, pessoas de várias partes do estado, que com os já residentes na cidade, passaram a constituir a nova população da nova capital.

Com o passar dos anos, Belo Horizonte continuou crescendo desordenadamente, recebendo pessoas de várias partes do estado em busca de melhores condições de vida e emprego, e com grande movimento de êxodo rural ocorrido nos 40, a cidade dobra de tamanho, passando de 350 mil para 700 mil habitantes.

Sendo a primeira capital brasileira projetada para esse fim, pensou-se em uma cidade que abrigaria, no seu futuro, 200 mil habitantes, e hoje, segundo dados do IBGE (2007), a população da capital mineira já ultrapassa os 2.412.937 habitantes.

Considerando a composição social de Belo Horizonte, cuja população nativa era minoritária até 1945, pode-se dizer que as características linguísticas da cidade sofreram influências de grupos migratórios provenientes do interior mineiro, bem como dos imigrantes vindo de outras partes do Brasil e do mundo. As características linguísticas da capital

apresentam formas presentes em várias partes do estado. Minas Gerais, por sua vez, apresenta falares que sofreram influência dos estados vizinhos. De acordo com Zágari (1998) “a ocupação dos espaços imensos de Minas Gerais, através de três vias a que a geografia e a história deram vida, reforça e ajuda a explicar a existência de três falares no Estado: baiano, paulista e mineiro” (ZÁGARI, 1998, P:33-34).

Assim, considerando a ocupação de Belo Horizonte, nota-se que a cidade apresenta características linguísticas que comprovadamente sofrera influências de diversas comunidades de fala, podendo, então, dizer que a fala da capital mineira se caracteriza por ser uma congruência de falares, que apresenta traços linguísticos de todos os grupos populacionais que a cidade acolheu nestes mais de cem anos de existência.

3.4 A estratificação do *corpus*

O *corpus* utilizado para essa pesquisa é composto por 24 (vinte e quatro) informantes, divididos da seguinte forma: 12 (doze) informantes para cada gênero (masculino e feminino), divididos em três faixas etárias: I -jovens (19 a 25 anos); II – adultos (31 a 41); III – velhos (47 a 59 anos).

Os informantes também foram divididos de acordo com o grupo social ao qual pertencem, sendo essa divisão, geradora de dois grupos distintos, realizada de acordo com os seguintes critérios:

- 1) G1 – grupo social composto por informantes que possuem renda familiar média/alta e empregos com maior especialização;
- 2) G2 – grupo social composto por informantes que possuem renda familiar média/baixa e empregos que exigem pouca qualificação.

Quadro 1 – Estratificação da amostra de Belo Horizonte

<i>Gênero</i>	<i>Grupo social</i>	<i>Faixa etária</i>	<i>Informante</i>
Masculino	G1	Jovem	BDB
			FGP
		Mediano	HLS
			VFD
		Velho	AFC
			SCMS
	G2	Jovem	LFF
			ARS
		Mediano	RVS
			EBF
		Velho	RAS
			WAM
Feminino	G1	Jovem	TSB
			TaSB
		Mediano	RMS
			NOR
		Velho	SRFF
			ASAC
	G2	Jovem	DEN
			DSSB
		Mediano	DO
			GEG
		Velho	VLC
			FaCas

3.5 Descrição da metodologia

A pesquisa foi realizada com base em duas perspectivas que se complementam: mudança em tempo aparente e mudança em tempo real – tendência. Isto é, enquanto a

mudança em tempo aparente nos traz informações sobre o comportamento individual frente ao processo de mudança, o estudo em tempo real de tendência nos mostra o comportamento das variantes dentro da comunidade de fala em dois tempos diferentes.

De acordo com Naro (2004) a aquisição da linguagem se encerra mais ou menos na puberdade, e, a partir de então, estabiliza-se (ou não sofre maiores alterações). Sendo assim, a fala de um indivíduo com 60 anos em 2000, representaria a fala de 45 anos atrás, quando o mesmo teria 15 anos de idade, ou seja, sua fala em 1945.

Assim, como visto anteriormente, a presente análise teve como base três faixas etárias distintas (*jovens*, *medianos* e *velhos*). Vale salientar que entre a faixa etária dos *Jovens* para os *Velhos* há uma diferença de vinte e três anos, o que as classificariam como duas gerações distintas. A geração jovem representa a língua no seu estado mais recente, enquanto que a geração adulta representaria a língua falada quinze anos antes ao momento da realização da pesquisa. Ao se realizar a pesquisa em perspectiva de tempo aparente, pretende-se observar se a mudança está em progresso – gerações mais jovens estão utilizando mais a forma inovadora – ou se o fenômeno ilustra uma variação estável.

O estudo da mudança em tempo real (de curta e longa duração) complementa as análises feitas em tempo aparente, procurando distinguir mudanças que ocorrem de forma gradual em toda a comunidade linguística com o objetivo de caracterizar o comportamento linguístico de um indivíduo ao longo de sua vida. Labov (1994) caracteriza os estudos em tempo real de curta duração como “estudo de painel” e “estudo de tendência”. O estudo de painel é realizado por meio de comparação de fala dos mesmos informantes em diferentes pontos de tempo, com o objetivo de captar mudanças ou estabilidade no comportamento linguístico do informante, podendo também mostrar diferenças entre a mudança de uma geração e mudança da comunidade. O estudo de tendência analisa duas amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, que possuem os mesmos parâmetros sociais, em dois momentos do tempo. Essa técnica procura conhecer mais sobre o processo de mudança na comunidade de fala, não dizendo muito sobre o comportamento individual. O estudo de tendência tem por objetivo verificar a propagação de um processo de variação, sua estabilização ou se houve um recuo desse processo em uma determinada comunidade de fala.

Na pesquisa acerca das palatais lateral e nasal em Belo Horizonte, também será utilizado o estudo de tempo real de tendência. Os dados de Madureira (1987) serão comparados aos dados da presente pesquisa com a finalidade de se verificar como está o processo de mudança da lateral palatal na comunidade de fala belorizontina.

3.6 Descrição dos fatores sociais e linguísticos

3.6.1 Fatores sociais

A língua, por possuir caráter social, não é imutável, podendo adequar-se ao comportamento linguístico de uma determinada comunidade de fala. Assim, a análise dos fatores sociais tem como objetivo analisar como as características sociais dos informantes influenciam o comportamento das variáveis em estudo. Os fatores sociais a serem considerados nesse estudo são: o gênero do informante, sua faixa etária e o grupo social ao qual ele pertence. Em relação à lateral palatal, também será analisada a escolaridade do informante.

Sendo assim, será observado como esses fatores interferem no processo de variação das variáveis /k/ e /ɲ/: se são as mulheres ou os homens, se são falantes mais velhos ou novos, se são aqueles que pertencem a um grupo social mais baixo ou mais alto que priorizam uma variante em detrimento da outra.

3.6.1.1 Gênero

O comportamento de homens e mulheres frente a uma variante pode receber, segundo Labov (1972), avaliação social diferenciada, pois as mulheres são mais atentas ao “padrão”. Labov observou em suas pesquisas que, quando se tratava da implementação na língua de uma forma socialmente prestigiada, as mulheres lideravam o processo de mudança. Ao contrário, quando se tratava da implementação de uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumiam uma atitude mais conservadora e os homens lideravam o processo de mudança.

Como vários estudos já apontaram para a diferença de comportamento linguístico entre homens e mulheres, nessa pesquisa essa distinção também será observada, com o objetivo de verificar se há diferença da utilização das variáveis /k/ e /ɲ/ na comunidade de fala belorizontina, e, em caso afirmativo, qual dos dois gêneros está liderando o processo de variação.

3.6.1.2 Faixa etária

O fator idade será considerado com a finalidade de se observar que variantes estão

mais presentes na fala dos informantes de cada faixa etária, de forma que se possam identificar indícios acerca da direção que o processo está tomando. Segundo Labov (1994) quando formas inovadoras aparecem com frequência da fala de informantes mais jovens e decrescem com a idade, verifica-se uma mudança em progresso. Já quando ocorre o contrário, as formas inovadoras ocorrem mais nas fala de informantes mais velhos, conclui-se que o processo de variação está retrocedendo ou uma determinada variante está em processo de extinção.

Para a presente pesquisa, os informantes foram divididos em três faixas etárias: jovens (entre 19 e 25 anos), medianos (entre 31 e 41 anos) e velhos (entre 47 e 59 anos).

A partir dessa divisão, pretende-se observar se há diferença entre as faixas etárias capaz de estabelecer um possível processo de mudança em tempo aparente, uma vez que há diferença de uma geração entre a faixa etária *jovem* e *velha*.

Para a análise em tempo real – tendência – os informantes medianos e velhos da presente pesquisa correspondem aos informantes de Madureira (1987) vinte anos mais velhos, e, a partir da comparação dos dados dessa autora com os atuais, poder observar o processo de variação/mudança da lateral palatal durante o período de tempo que separa as duas pesquisas.

3.6.1.3 Escolaridade (apenas lateral palatal)

O fator escolaridade foi considerado apenas para a análise da lateral palatal a fim de se observar a influência do nível de estudo dos informantes na realização de suas variantes, principalmente em relação à variante vocalizada, que, na comunidade de fala pesquisada, é estigmatizada.

O nível de escolaridade foi controlado tendo como base três grupos de escolarização, a saber:

- fundamental (completo ou incompleto);
- médio (completo ou incompleto);
- superior (completo ou incompleto).

3.6.1.4 Grupo social

Labov (1966) destaca que uma mudança linguística sempre começa no interior de um

grupo social, e o modo como determinadas variáveis se distribuem por classes pode fornecer evidências de mudança em progresso. Segundo Chambers “a classe social a qual pertencemos nos impõe certas normas de comportamento e as intensifica pela força dos exemplos das pessoas com as quais estamos intimamente ligadas.” (CHAMBERS, 1995, p.07, tradução nossa)⁷

Em relação à influência da classe social nos processos de mudança, já foi observado em diversas pesquisas, tanto Oliveira (1983) quanto Madureira (1987), que a variante [y] da lateral palatal ocorria em maior número em grupos sociais mais baixos.

Os informantes da presente pesquisa foram divididos em dois grupos sociais, tendo como base as profissões exercidas pelos mesmos e renda mensal relativa a essas profissões:

1º) Informantes com profissões que não exigem maior especialização e possuem uma renda baixa/média (até três salários mínimos) constituem o grupo social baixo (doravante G2). Nessa classe estão presentes pedreiros, ajudantes de pedreiro, porteiros, vendedores ambulantes.

2º) Informantes com profissões que exigem maior especialização e possuem uma condição financeira média/alta (acima de três salários mínimos) constituem o grupo social alto (doravante G1). Nessa classe estão presentes professores, administradores, representantes comerciais.

3.6.2 Fatores linguísticos

O estudo das variáveis /k/ e /ɲ/ também levará em consideração a análise de fatores linguísticos que estejam influenciando uma ou outra variante das variáveis supracitadas.

Para a análise, foram controlados os contextos precedentes e seguintes à variável e a tonicidade da sílaba onde a mesma ocorre. Optou-se, em relação à variável /ɲ/, analisar separadamente o comportamento do sufixo indicador de diminutivo *-inho* com o objetivo de analisar se a variante *-im* tem comportamento diferenciado nesse contexto.

Por fim, o controle do item lexical buscará explicações para as variações que não são totalmente explicadas após a análise dos contextos linguísticos favorecedores.

⁷ “The social class to which we belong imposes some norms of behavior on us and reinforces them by the strength of the example of the people with whom we associate most closely.”

3.6.2.1 Contexto precedente e contexto seguinte

Ao longo da história das línguas encontram-se exemplos de mudanças que são influenciadas pelo som que precede ou segue o fonema sob análise. Schane (1975) diz que:

A maioria dos processos fonológicos pode ser explicada como fenômenos articulatórios ou de percepção. A assimilação tem explicação natural na co-articulação. Durante a formação de um som, os órgãos articulatórios podem estar antecipando a articulação de um outro som e, conseqüentemente, o primeiro som será modificado na direção do segundo, ou a articulação do primeiro será estendida à do segundo. Os efeitos da co-articulação são prontamente observados quando consoantes se tornam palatalizadas ou labializadas diante de vogais palatais (anteriores) ou labiais (arredondadas) [...] (SCHANE, 1975, p.89)

Considerando que as variáveis /ʎ/ e /ɲ/ só ocorrem em contexto intervocálico, serão analisadas as vogais com o objetivo de se saber como as mesmas influenciam a variação das palatais lateral e nasal. Assim, é importante verificar a influência dos sons (nesse caso, as vogais) que antecedem e sucedem as variáveis aqui estudadas.

Assim, para a análise das variáveis lateral palatal e nasal palatal, serão consideradas as vogais precedentes [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o] e [u]. Os segmentos vocálicos seguintes considerados serão [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u], [ɐ], [ʊ], [ũ], [ĩ], [ã] e [ẽ], e os ditongos [ãw], [ey], [ew] e [ow].

3.6.2.2 Tonicidade da sílaba

A tonicidade da sílaba em que ocorre uma determinada variável pode favorecer o uso de variantes dessa variável. Segundo Câmara Jr. (1970), no português brasileiro as sílabas pré-tônicas e pós-tônicas são mais fracas que as tônicas, sendo as pré-tônicas menos débeis do que as pós-tônicas.

Pesquisas relativas à língua portuguesa mostram que a sílaba tônica dificilmente sofre processos fonológicos, havendo uma tendência de preservação das variantes quando estas estão localizadas na sílaba tônica de uma determinada palavra, como mostra Callou e Leite (2003) em relação ao processo de neutralização, dizendo que “as posições átonas, por serem mais débeis, favorecem o processo fonológico de neutralização” (CALLOU e LEITE, 2003, p. 44).

Assim se observa que quanto mais distante o segmento estiver da sílaba tônica, mais

suscetível à variação estar. Além disso, estudos sobre a aquisição da linguagem destacam a vulnerabilidade da sílaba átona, sendo a mesma mais propícia a processos fonológicos.

Em relação à lateral palatal, Madureira (1987:38) afirma que:

A transformação da lateral palatal para a semivogal palatal constitui-se num processo de redução. A evolução das línguas registra vários casos em que a sílaba átona mostra-se como favorecedora dos processos de redução. Dessa maneira, há possibilidades de que a sílaba átona favoreça a ocorrência de /y/.

Partindo dessa afirmação, acrescenta-se o fator tonicidade para os estudos das palatais. Os fatores serão divididos em: 1) sílaba tônica, 2) sílaba pós-tônica e 3) sílaba pré-tônica.

3.6.2.3 Número de sílabas (somente nasal palatal)

A extensão do vocábulo será analisada no caso da variável nasal palatal por se acreditar que quanto maior for o número de sílabas das palavras, maior a possibilidade de não realização do segmento analisado, principalmente no caso do sufixo *-inho*. Segundo Mollica (1992) “os segmentos tendem a não realização quando as cadeias vocabulares são grandes” (MOLLICA, 1992, p. 56).

Assim, tendo-se como objetivo observar o comportamento da variável /ɲ/ conforme o número de sílabas presentes no vocábulo em que a mesma ocorre, as ocorrências foram classificadas como: dissílabas, trissílabas e polissílabas.

3.6.2.4 Morfema diminutivo (no caso da nasal palatal)

O morfema *-inho* parece favorecer a redução da nasal palatal, como mostram Aguiar (1937) e Ribeiro (1977). Castro (2006), analisou se a variação ocorria nos fonemas presentes na base da palavra ou nos morfemas indicadores de diminutivo. Após a análise de seus dados referentes à cidade de Marabá/PA, a autora concluiu que a vocalização e/ou redução ocorriam em maior número nos sufixos derivacionais *inho/inha*, *zinho/zinha*. Tendo como base o trabalho de Castro (2006), será analisado se o fonema em variação no falar de Belo Horizonte ocorre mais no morfema indicador de diminutivo.

3.6.2.5 Item lexical

Para a análise da variação das palatais lateral e nasal, os itens lexicais serão controlados com a finalidade de se observar se o fenômeno está relacionado com o processo de difusão lexical, como foi observado por Madureira (1987) e por Castro (2006).

Para analisar o comportamento dos itens, vários autores definiram traços que seriam capazes de auxiliar na compreensão do fato de certos itens iniciarem, implementarem, ou restringirem um processo de mudança. Em relação à vocalização e/ou redução das palatais, optou-se pela utilização do traço [+/-Frequente].

Leslau (1969), em um estudo sobre mudanças nas línguas da Etiópia, procurou salientar a importância da frequência de palavras de uso comum no processo de mudança. O autor diz, em relação ao seu estudo, que “o objetivo do presente artigo é demonstrar, por meio de evidências de várias línguas da Etiópia, como certas mudanças que normalmente ocorrem nas línguas afetam palavras mais frequentemente usadas do que palavras usadas com menor frequência.” (LESLAU, 1969, p.181, tradução nossa)⁸

O efeito da frequência nas mudanças sonoras também foi analisado por Phillips (1984), que propôs que não só palavras frequentes eram afetadas pelas mudanças. Observou que, no caso das mudanças que afetam primeiramente palavras frequentes, essas mudanças envolvem, na maioria dos casos, redução de vogal e eventual apagamento ou assimilação de fonemas. Já em relação ao afetamento de palavras poucos frequentes, Phillips cita o caso de verbos irregulares do inglês que possuem pouca frequência, e que, por serem pouco acessados, tendem à regularização. A autora caracteriza esse tipo de processo como mudança em nível analógico, isto é, uma palavra muda para se adaptar a um modelo pré-existente.

Bybee (2001), ao considerar as representações mentais que cada palavra possui no cérebro do falante, diz que o número de acesso que cada palavra possui pode afetar sua representação. Assim, a autora salienta que, ao se analisar a frequência de um *token* (número de ocorrência de uma palavra em um determinado *corpus*), percebe-se que as palavras mais frequentes, por possuírem um maior número de acessos, são as mais expostas às mudanças fonéticas.

Oliveira (1995) considera os traços [+/- Frequentes] e [+/- Formais] como traços capazes de guiar a compreensão da mudança dos itens lexicais. O autor propõe que esses traços sejam “atribuídos aos itens lexicais a partir das configurações em que eles se

⁸ “The purpose of the present article is to demonstrate, from evidence in the various Ethiopian languages, how certain phonetic changes that normally occur in the languages affect the frequently used words more than the less frequently used words.”

encontram, e não sejam vistos como traços intrínsecos aos itens lexicais individuais”. O que Oliveira sugere é que, ao se comparar esses traços, seja levado em consideração o contexto em que esses itens vão ocorrer. A marcação do traço [+/-Frequente], dependerá da frequência com que determinado item analisado ocorrerá na ‘*práxis*’ linguística dos falantes individuais (ou de grupos de falantes). Já o traço [+/- Formal] está ligado “a empatia entre o falante e o contexto onde sua fala é produzida” (OLIVEIRA, 1995, p.87). O traço [+/- Formal] não será considerado nessa pesquisa pois todas as entrevistas foram gravadas objetivando conversas espontâneas, não havendo leitura de textos ou listas de palavras que auxiliam no controle da formalidade.

Com base nos traço [+/- Frequente], verificar-se-á se são os itens mais ou menos frequentes que estão expostos à variação.

Capítulo 4 – Análise da lateral palatal

A análise estatística dos dados, como foi dito no capítulo 3, foi realizada por meio do programa Goldvarb-X. Além disso, cabe esclarecer que a variável será apresentada entre barras (/) e as variáveis entre colchetes ([]).

Tendo em mãos todos os dados encontrados no *corpus* coletado já devidamente codificados, procedeu-se à rodada dos mesmos no Goldvarb-X. Após a primeira rodada, foram obtidos 1.624 dados, dentre as quais se distinguem as seguintes variantes:

- (7) “Eu [traba´ley] durante muitos anos numa empresa só.” (informante VLC)
- (8) “Eu tava invocado com essa [mu´lɛ] já, sô.” (informante LFF)
- (9) “[se´hayɐ], lá no mato eu pego e faço afogado.” (informante EBF)
- (10) “(Ela) maltratou muito as [´fiɐ] do homem.” (informante DO)

Como se pode observar, foram detectadas quatro variantes de /ʎ/ no português belorizontino, que se classificam, respectivamente, como: lateral palatal ou lateral seguida de semivogal [ʎ]; variante lateral alveolar [l]; variante vocalizada [y]; variante apagada [∅].

Tabela 1 – Distribuição das variantes de /ʎ/

Variantes	Ocorrências	
	Nº	%
[ʎ]	1147	70,6
[l]	95	5,8
[y]	355	21,9
[∅]	27	1,7
Total	1624	100

Neste trabalho, optou-se por não distinguir as variantes *lateral palatal* e a *lateral seguida de semivogal*, já que as mesmas podem ser interpretadas, segundo Pontes (1972), como uma única variante, uma vez que a autora considera “[...] não existir, na língua coloquial, o contraste que a língua escrita sugere, do tipo óleo-olho, que se pronunciam da mesma maneira /ˈɔlʎɔ/” (PONTES, 1972, p. 16). Cristófar-Silva (2008) corrobora Pontes, afirmando que “a lateral palatal [ʎ] ocorre na fala de poucos falantes do português brasileiro.

Geralmente uma lateral alveolar (ou dental) palatalizada que é transcrita por [lʲ] ocorre para a maioria dos falantes brasileiros” (CRISTÓFARO-SILVA, 2008, p.40). Com base nessas afirmações, e, tendo em vista a dificuldade de distinguir de modo perceptual a variante /ʎ/ da variante /ly/, decidiu-se por analisá-las como uma única variante.

De acordo com os dados apresentados na tabela 1, nota-se que os falantes da comunidade estudada favorecem a utilização da variante padrão, seguida pela variante [y], e que a variante zero apresenta um número pequeno de ocorrências (apenas vinte e sete), sendo todas elas correspondentes aos vocábulos [ˈfiʝ] / [ˈfiɐ].

Neste trabalho, optou-se, para obtenção de pesos relativos, por analisar separadamente cada variante não-padrão em relação a [ʎ], isto é, realizar rodadas comparando o comportamento de [y], [l] e [ø] frente a [ʎ]. A análise foi assim realizada por se acreditar que as variantes apresentam comportamentos linguísticos diferenciados em relação à variante padrão dentro da comunidade de fala analisada.

Além da análise dos possíveis fatores estruturais que estejam influenciando as variantes, realizou-se também uma análise, baseada na teoria da Difusão Lexical, do comportamento dos itens lexicais, uma vez que trabalhos como de Madureira (1987) já evidenciaram a influência do item lexical no processo de variação da lateral palatal.

Para finalizar a análise linguística da lateral palatal, foram controlados itens utilizados pelos informantes com sentido diferente do encontrado em dicionários, ou que foram utilizados em certos contextos, sendo classificados como itens possuidores de “especialização semântica”.

4.1 Fatores Linguísticos

Os fatores linguísticos que influenciam a variável dependente, como especificado no capítulo 3, foram analisados com o objetivo de se estabelecer contextos favorecedores de uma ou outra variante. Para tanto, foram analisados os seguintes fatores: contexto precedente, contexto seguinte, tonicidade e item lexical. A seguir, passa-se à análise de cada um deles.

4.1.1 Contexto precedente

A análise do contexto precedente teve como objetivo verificar a influência das vogais

que antecedem a variável dependente em relação às suas variantes, uma vez que muitas mudanças são influenciadas pelos sons que antecedem o fonema sob análise. Os contextos fonéticos a serem considerados foram as vogais [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o] e [u].

Para melhor caracterização e confirmação dos contextos favorecedores, decidiu-se, então, por agrupá-los, levando em consideração traços distintivos, de acordo com Câmara Jr. (1970).

Os traços intrínsecos às vogais que foram utilizados para essa análise foram aqueles relacionados com a posição em que as mesmas ocorrem na dimensão horizontal dentro da cavidade bucal (frontal, posterior e central), o arredondamento dos lábios durante a realização da vogal ([+/-arredondada]) e a altura da língua durante a realização do segmento (alta, média-alta, média-baixa, baixa).

Apresentam-se, em primeiro lugar, os resultados referentes à atuação do traço referente à posição horizontal da língua durante a realização do segmento:

Tabela 2 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɰ]		[y]		[ɪ]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frontal	391	75,3	101	19,5	00	00	27	5,2	519	32,0
Posterior	339	60,1	141	25,0	84	14,9	00	00	564	34,7
Central	417	77,1	113	20,9	11	2,0	00	00	541	33,3
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Os dados apresentados pela tabela 2 mostram que a variante [ɰ] é favorecida em todos os contextos, destacando-se nos contextos frontais e centrais, o que pode ser explicado pelo fato de a variante padrão ser priorizada pelos falantes belorizontinos. Em relação às demais variantes, nota-se que [y] e [ɪ] são favorecidas pelas vogais posteriores, e a variante [ø] apresenta comportamento categórico, sendo favorecida pelas vogais frontais.

Para confirmação desse resultado, realizou-se o cálculo dos pesos relativos referentes a cada variante. Optou-se, então, por analisar cada variante não-padrão em relação a [ɰ], já que cada uma delas apresenta comportamento fonético/fonológico diferenciado. Assim, os pesos relativos referentes à variante [y] estão expressos na tabela 3:

Tabela 3 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ʎ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Frontal	391/79,5	.54	101/20,5	.46
Posterior	399/70,6	.42	141/29,4	.58
Central	417/78,7	.53	113/21,3	.47
TOTAL	1147/76,4	-	355/23,6	-

Os resultados comprovam o favorecimento de [ʎ] pelas vogais frontais e centrais que apresentam pesos relativos muito próximos. Os valores dos PR's também permitem concluir que a variante [y] é favorecida pelo traço da vogal posterior.

Já em relação à variante [l], as ocorrências se limitaram às vogais posteriores e centrais, cujos pesos relativos estão expressos na tabela 4:

Tabela 4 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ʎ]		[l]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Posterior	339/80,1	.25	84/19,9	.75
Central	417/97,4	.75	11/2,6	.25
TOTAL	756/88,8	-	95/11,2	-

Como não houve ocorrências de [l] precedida de vogais frontais, os pesos relativos referentes às vogais posteriores e central comprovaram, em relação à variante padrão, que a variante lateral alveolar é favorecida pelas vogais posteriores.

O próximo traço analisado com o objetivo de se elucidar o comportamento das variantes de /ʎ/ é traço referente ao arredondamento dos lábios. Os resultados apresentam-se na tabela 5.

Tabela 5 – Distribuição das variantes conforme o arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ɰ]		[y]		[ɪ]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[+arredondadas]	339	60,1	141	25,0	84	14,9	00	00	564	34,7
[-arredondadas]	808	76,2	214	20,2	11	1,0	27	2,5	1060	65,3
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

De acordo com a tabela 5, as vogais [-arredondadas] favorecem [ɰ], sendo que essas últimas apresentam maior percentual de favorecimento do que as primeiras. As variantes [y] e [ɪ] são favorecidas pelas vogais [+ arredondadas], enquanto a variante [ø] é favorecida pelas vogais [- arredondadas], apresentando comportamento categórico em relação a esse traço.

Para confirmação desses resultados, realizou-se o cálculo do peso relativo referente ao uso de cada variante. Os valores correspondentes à variante [y] foram expressos na tabela 6:

Tabela 6 – Comportamento da variante [y] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ɰ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
[+arredondadas]	339/70,6	.42	141/29,4	.58
[- arredondadas]	808/79,1	.54	214/20,9	.46
TOTAL	1147/76,4	-	355/23,6	-

O valor do PR encontrado comprova o favorecimento de [y] pelas vogais [+arredondadas].

A tabela 7 nos traz o PR referente à variante [ɪ]:

Tabela 7 – Comportamento da variante [ɪ] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ɰ]		[ɪ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
[-arredondadas]	808/98,7	.73	11/1,3	.27
[+arredondadas]	339/80,1	.13	84/19,9	.87
TOTAL	1147/92,4	-	95/7,6	-

Em relação ao traço [+/- arredondado], o peso relativo confirma o favorecimento de [l] pelas vogais [+ arredondadas].

Na última rodada dos dados considerou-se o traço correspondente à altura da vogal, obtendo-se os seguintes resultados:

Tabela 8 – Distribuição das variantes conforme à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[λ]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alta	336	57,0	171	29,0	55	9,3	27	4,6	589	36,3
Média-alta	210	76,9	35	12,8	28	10,3	00	00	273	16,8
Média-baixa	184	83,3	36	16,3	01	0,5	00	00	221	13,6
Baixa	417	77,1	113	20,9	11	2,0	00	00	541	33,3
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Como nas demais tabelas, os maiores percentuais registram-se na variante padrão, mas, evidentemente, o que interessa são as diferenças entre esses percentuais, cuja análise destaca as vogais médias baixas na articulação da variante padrão.

As variantes [y] e [ø] são favorecidas pelas vogais altas, sendo que, todas as ocorrências de [ø] possuem contexto precedente constituído por vogais altas. A variante [l], de acordo com a tabela 8, é favorecida pelas vogais médias-altas, porém, o número percentual referente às vogais altas está muito próximo ao das vogais médias-altas, o que nos leva a concluir que os dois ambientes são favorecedores de [l].

A fim de se confirmar esses resultados, realizou-se o cálculo do PR referente à análise da variante padrão com uma não-padrão. Os pesos relativos obtidos para a variante [y] estão presentes na tabela 9:

Tabela 9 – Comportamento da variante [y] em relação à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[λ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Alta	336/66,3	.37	171/33,7	.63
Média-alta	210/85,7	.64	35/14,3	.36
Média-baixa	184/83,6	.60	36/16,4	.40
Baixa	417/78,7	.52	113/21,3	.48
TOTAL	1147/76,4	-	355/23,6	-

Como se pode perceber, os valores dos pesos relativos obtidos confirmam o resultado expresso anteriormente, demonstrando o favorecimento de [y] pelas vogais altas. Porém, o fato de o valor peso relativo da vogal baixa estar próximo a .50, leva a considerar que a mesma possa, também, estar influenciado a variante [ɪ].

A tabela 10 traz os valores dos PR's referentes à variante [ɪ].

Tabela 10 – Comportamento da variante [ɪ] em relação à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ʌ]		[ɪ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Alta	336/85,9	.24	55/14,1	.76
Média-alta	210/88,2	.27	28/11,8	.73
Média-baixa	184/99,5	.90	01/0,5	.10
Baixa	417/94,4	.66	11/2,6	.34
TOTAL	1147/92,4	-	95/7,6	-

Nota-se, pelos valores dos pesos relativos, que os contextos precedentes referentes às vogais altas e médias-altas são altamente favorecedoras de [ɪ], o que confirma os resultados anteriormente demonstrados.

Considerando o comportamento de /ʌ/ frente aos contextos analisados, esperava-se que, conforme o processo fonético de assimilação, os contextos frontais, [-arredondados] e [+altos], influenciassem as realizações das variantes [y], [ɪ] e [ø], porque tendem a ser assimiladas por contextos fonéticos semelhantes. No caso de [y], houve um pequeno favorecimento das vogais [+ arredondadas] e posteriores. A variante [ɪ] mostrou-se favorecida pelas vogais posteriores e [+arredondadas]. Ambas as variantes citadas anteriormente possuem um único traço favorecedor que está de acordo com o processo de assimilação, isto é, traço que também está presente na variável e que influencia a mesma, que é o traço [+ alto], uma vez que não houve favorecimento pelas vogais baixas.

A única variante que apresentou favorecimento esperado em relação a todos os traços analisados foi a variante [ø], porém, cabe ressaltar que todas as ocorrências da mesma estão relacionadas a um único item (*filho/filha*), o que, evidentemente, impede que se avalie a influência do traço da vogal.

Considerando os resultados referentes a cada grupo de traços e a necessidade de se determinar com precisão a realização de cada uma das variantes, passou-se, então, à análise

do comportamento de cada contexto, cujos resultados estão presentes na tabela 11:

Tabela 11 – Distribuição das variantes conforme contexto precedente

Contexto precedente	[ʌ]		[y]		[ɪ]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[a]	417	77,1	113	20,9	11	2,0	00	00	541	33,3
[ɛ]	90	78,9	24	21,1	00	00	00	00	114	7,0
[e]	74	93,7	05	6,3	00	00	00	00	79	4,9
[i]	227	69,6	72	22,1	00	00	27	8,3	326	20,1
[ɔ]	94	87,9	12	11,2	01	0,9	00	00	107	6,6
[o]	136	70,1	30	15,5	28	14,4	00	00	194	11,9
[u]	109	41,4	99	37,6	55	20,9	00	00	263	16,2
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Como se pode observar na tabela 11, os contextos favorecedores de [y] são [u] e [i], porém, o único traço comum entre essas duas vogais é a altura, já que, em relação aos demais traços, esses contextos apresentam características distintas. Por outro lado, não se pode afirmar que são as vogais altas as favorecedoras de [y], já que o peso relativo apresentado pela vogal baixa é próximo a .50, podendo, assim, estar influenciando essa variante. Nota-se que os contextos [a] e [ɛ] possuem porcentagem de favorecimento próximas ao do contexto [i], sendo todos possuidores do traço [- arredondado], que não mostrou-se favorecedor de [y].

Ainda que identificados, os indícios de favorecimento de certos traços da vogal são insuficientes para explicar a realização de cada variante. Portanto, é preciso considerar que determinados itens podem estar influenciando esse resultado. No caso da vogal alta [i], a análise do *corpus* mostra que todas as ocorrências de [y] com esse contexto precedente são referentes ao item *filho*. O mesmo ocorre com a vogal alta [u], cuja totalidade de ocorrências vocalizadas referem-se ao item *mulher*, ou à sua variação *mulherada*. Assim, o contexto fonético precedente não elucidada a variação entre [ʌ] em direção a [y], pois apesar de, à primeira vista, [y] ilustrar contextos favorecedores, o processo de variação parece estar relacionado a determinados itens, no caso *mulher* e *filho*.

Os traços que se destacaram como favorecedores de [ɪ] foram o posterior e o [+arredondado], enquanto que em relação à altura houve dois traços favorecedores: os das

vogais altas e das vogais médias-altas. De acordo com o comportamento de cada vogal (tabela 11), notou-se que as vogais precedentes [u] e [o] destacaram-se como favorecedores de [ɪ].

A variante [ø] foi a única que apresentou contextos favorecedores que podem ser explicados conforme regras fonética/fonológicas, porém todas as ocorrências estão relacionadas ao contexto precedente [i] (conforme tabela 11). Entretanto, por mais uma vez, constatou-se que todas as ocorrências referem-se a um único item – *filho/filha*, o que inviabiliza a apreciação do grau de favorecimento desse traço da vogal.

Para melhor compreensão da possível influência dos itens supracitados na comunidade de fala belorizontina, decidiu-se dedicar uma seção (4.1.4) à análise dos itens lexicais, onde será explicitado o comportamento de cada um deles e sua possível interferência no processo de variação da variável [ʎ].

Os resultados obtidos pela análise do contexto precedente comprovam que a variante [ʎ] apresenta-se forte na comunidade de fala belorizontina, e que determinados contextos podem influenciar o uso de uma ou outra variante. Porém, em uma visão geral, o contexto precedente não traz maiores explicações sobre o comportamento de /ʎ/, pois, apesar de as variantes [y] e [ø] possuírem pelo menos um traço favorecedor de acordo com regras fonológicas, ambas parecem sofrer influência de um item específico que se destacou durante a análise dos dados. Já a variante [ɪ], que com base no contexto precedente apresentou apenas um traço favorecedor que segue as tendências fonológicas, não apresentou destaque de um item específico, podendo sua realização ser explicada quando da análise do segmento seguinte à variável.

Para compreender melhor o comportamento das variantes de /ʎ/ frente ao contexto linguístico, foi analisado o contexto seguinte à variável na seção 4.1.2.

4.1.2 Contexto seguinte

Considerando que, não só o contexto precedente, mas também o contexto seguinte pode interferir na realização – ou não – de uma ou outra variante, a análise desse contexto torna-se importante para a configuração do processo de variação de determinada variável. A análise considerou os segmentos vocálicos [a], [æ], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u], [ʊ], [ũ], [ĩ], [ã], [ẽ], [ey], [ew], [ãw] como contexto seguinte.

A análise do contexto seguinte também ocorreu com base na união das vogais de acordo com os traços distintivos propostos por Câmara Jr. (1970). Assim, como ocorreu na

análise do contexto precedente, os traços delimitados para o estudo foram: traço referente ao arredondamento dos lábios [+/- arredondado], traço referente à posição da língua na dimensão horizontal durante a realização da vogal (frontal, posterior e central) e o traço correspondente à altura das vogais. Ressalta-se aqui, novamente, que, para encontrar os valores dos pesos relativos, foram realizadas rodadas binárias no Goldvarb-X, em que a variante [ɶ] foi analisada separadamente com cada uma das demais variantes.

Em relação ao traço [+/- arredondado], o *corpus* apresenta o seguinte resultado:

Tabela 12 – Distribuição das variantes conforme o arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ɶ]		[y]		[ɪ]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[+arredondadas]	492	75,8	143	22,0	00	00	14	2,2	649	40,0
[-arredondadas]	655	67,2	212	21,7	95	9,7	13	1,3	975	60,0
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

A partir dos valores expressos na tabela 12, nota-se que a variante [ɶ], por ser a variante padrão, é favorecida pelas vogais [+ arredondadas]. Já as variantes [y] e [ø] apresentam um pequeno favorecimento pelas vogais [+ arredondadas], com um número percentual de utilização muito próximo em relação ao contexto seguinte constituído de vogais [- arredondadas]. Todas as ocorrências da variante [ɪ] possuem como contexto seguinte vogais [- arredondadas].

Para confirmação desses dados, realizou-se o cálculo dos pesos relativos, que foram obtidos pela da análise binária composta da variante [ɶ] e uma das variantes não-padrão. Os PR's encontrados para a variante [y] estão expressos na tabela 13:

Tabela 13 – Comportamento da variante [y] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ɶ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
[+arredondadas]	492/77,5	.51	143/22,5	.49
[- arredondadas]	655/75,5	.49	212/24,5	.51
TOTAL	1147/76,4	-	355/23,6	-

Percebe-se que, de acordo com os pesos relativos, os dados não apresentaram diferença estatística relevante, isto é, esse traço não apresenta PR's influenciadores de uma determinada variante, confirmado pelo cálculo do X^2 (0,76), revelando que a análise desse traço não pode ser considerado para a caracterização do segmento seguinte favorecedor de [y].

Em relação à variante zero, os pesos relativos apresentaram o resultado presente na tabela 14:

Tabela 14 – Comportamento da variante [ø] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ʌ]		[ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
[+arredondadas]	492/97,2	.45	14/2,8	.55
[- arredondadas]	655/98,1	.54	13/1,9	.46
TOTAL	1147/97,7	-	27/2,3	-

A distribuição das vogais, conforme o arredondamento das mesmas, que se mostrava equilibrada em relação às porcentagens, aqui apresentou peso relativo (.55). Porém, como os PR's apresentaram valores próximos à neutralidade, realizou-se o cálculo do X^2 (0,89) que comprovou que [ø] não apresenta diferença significativa de uso em relação ao arredondamento dos lábios. Não se pode desconsiderar o fato de todas as ocorrências de [ø] no *corpus* estudado estarem relacionadas aos itens *filho/filha*.

Seguindo para a análise de outro traço pertencente às vogais, com o objetivo de mapear os possíveis contextos seguintes favorecedores das variantes, seguem-se os resultados referentes à posição horizontal da língua durante a realização do segmento:

Tabela 15 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ʌ]		[y]		[ɪ]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frontal	117	36,9	106	33,4	94	29,7	00	00	317	19,5
Posterior	508	76,0	146	21,9	00	00	14	2,1	668	41,1
Central	522	81,7	103	16,1	01	0,2	13	2,0	639	39,3
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Os dados apresentados na tabela 15 destacam o favorecimento de [ʌ] pelas vogais posteriores e centrais. Já as vogais frontais favorecem as variantes [y] e [ɪ]. A variante [ø] apresenta comportamento próximo entre os contextos posteriores e central, porém, cabe salientar que, como todas as ocorrências de [ø] estão relacionadas aos itens *filho* e *filha*, não é possível determinar com precisão qual contexto favorece essa variante, uma vez que sua realização parece estar relacionada a um determinado item lexical.

Na análise dos pesos relativos, a variante [y] apresentou o seguinte resultado:

Tabela 16 – Comportamento da variante [y] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ʌ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Frontal	117/52,5	.24	106/47,5	.76
Posterior	508/77,7	.50	146/22,3	.50
Central	522/83,5	.60	103/16,5	.40
TOTAL	1147/76,4	-	355/23,6	-

A tabela 16 confirma o favorecimento de [y] pelas vogais frontais, apresentando PR igual a .76.

Em relação à variante [ɪ], a tabela 17 mostra que a mesma, em comparação à variante padrão, é altamente favorecida pelas vogais frontais, apresentando apenas uma ocorrência relacionada a contexto seguinte constituído de vogais centrais.

Tabela 17 – Comportamento da variante [ɪ] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ʌ]		[ɪ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Frontal	117/55,5	.01	94/44,5	.99
Central	522/99,8	.85	01/0,1	.15
TOTAL	639/87,1	-	95/12,9	-

Nota-se que o resultado referente ao traço central apresenta apenas uma ocorrência, apresentada a seguir:

(11) “E [’oliɐ] que eu viajo muito.” (Informante AFC)

Nesse caso, não ocorre a semivocalização depois de [l], o que parece ser um caso em que o informante, ao dar ênfase à palavra *olha*, pronuncia [i] e não [y].

O último traço referente ao contexto seguinte a ser analisado será aquele relacionado com a altura da língua durante a realização das vogais.

Tabela 18 – Distribuição das variantes conforme à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɰ]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alta	330	66,4	141	28,4	12	2,4	14	2,8	497	30,6
Média-alta	113	72,9	15	9,7	27	17,4	00	00	155	9,5
Média-baixa	166	52,9	93	29,6	55	17,5	00	00	314	19,3
Baixa	538	81,8	106	16,1	1	0,2	13	2,0	658	40,5
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

A tabela 18 mostra que a variante [ɰ] é favorecida pela vogal baixa. A variante [y] apresenta comportamento próximo em relação às vogais altas e médias-baixas. A variante [l] também se mostra bem distribuída entre os contextos seguintes constituídos por vogais médias-altas e médias-baixas. A variante [ø], assim como as demais analisadas, apresentou números percentuais próximos, destacando seu favorecimento pelas vogais altas e baixa.

Para confirmação desses resultados, calcularam-se os pesos relativos, tendo como base a comparação da variante padrão com uma das demais variantes. A variante [y] apresentou os seguintes PR's:

Tabela 19 – Comportamento da variante [y] em relação à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɰ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Alta	330/70,1	.40	141/29,9	.60
Média-alta	113/88,3	.69	15/11,7	.31
Média-baixa	116/64,1	.34	93/35,9	.66
Baixa	538/83,5	.60	106/16,5	.40
TOTAL	1147/76,4	-	355/23,6	-

Os valores expressos pela tabela 19 confirmam o favorecimento de [y] pelas vogais altas e médias-baixas, que apresentam, respectivamente, pesos iguais a .60 e .66.

Quanto à variante [ɪ], os resultados apresentaram os pesos relativos presentes na tabela 20:

Tabela 20 – Comportamento da variante [ɪ] em relação à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ʌ]		[ɪ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Alta	330/96,5	.33	12/3,5	.67
Média-alta	113/80,7	.08	27/19,3	.92
Média-baixa	166/75,1	.06	55/24,9	.94
Baixa	538/99,8	.91	1/0,2	.09
TOTAL	1147/92,4	-	95/7,6	-

Quanto ao traço relacionado à altura das vogais, nota-se que há um alto favorecimento da variante [ɪ] pelos contextos seguintes relacionados às vogais médias (alta e baixa), que apresentam altos valores de pesos relativos, confirmando os resultados expressos anteriormente. Observa-se, também, que todos os dados referentes à vogal média-baixa estão relacionados ao item *mulher*, e o único dado relacionado à vogal baixa diz respeito ao exemplo (11), em que informante pronuncia [i] e não [y] ao dar ênfase à palavra *olha*, não ocorrendo, assim, semivocalização depois de [ɪ]:

(11) “E [ˈoliɐ̃] que eu viajo muito.” (Informante AFC)

Após a análise do comportamento de cada variante em relação à padrão esperava-se que, conforme processo fonético de assimilação, os contextos seguintes possuidores dos traços frontais, [- arredondados] e [+ altos] favorecessem a realização das variantes [y], [ɪ] e [ø]. A variante [ɪ] apresentou favorecimento de dois dos três traços analisados. A variante [y] apresentou favorecimento de apenas dois dos traços esperados (frontal, [+ alto]), enquanto que [ø] parece estar sendo influenciada por itens específicos (*filho/filha*). Sendo assim, o próximo passo do estudo consistiu na análise do contexto seguinte tomando como base as vogais individualmente consideradas, com o objetivo de se verificar o comportamento das mesmas em relação a cada contexto. Os resultados estão presentes na tabela 21:

Tabela 21 – Distribuição das variantes conforme contexto seguinte

Contexto seguinte	[ʌ]		[y]		[ɪ]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[a]	233	82,9	48	17,1	00	00	00	00	281	17,3
[ɐ]	211	83,4	28	11,1	01	0,4	13	5,1	253	15,6
[ɛ]	59	28,6	92	44,7	55	26,7	00	00	206	12,7
[e]	13	65,0	00	00	07	35,0	00	00	20	1,2
[i]	03	20,0	00	00	12	80,0	00	00	15	0,9
[ɔ]	106	99,1	01	0,9	00	00	00	00	107	6,6
[o]	59	93,7	04	6,3	00	00	00	00	63	3,9
[ʊ]	327	68,3	138	28,8	00	00	14	2,9	479	29,5
[ã]	78	74,3	27	25,7	00	00	00	00	105	6,5
[ẽ]	01	100	00	00	00	00	00	00	01	0,1
[ĩ]	00	00	03	100	00	00	00	00	03	0,2
[ew]	02	18,2	00	00	09	81,8	00	00	11	0,7
[ey]	39	63,9	11	18,0	11	18,0	00	00	61	3,8
[ãw]	16	84,2	03	15,8	00	00	00	00	19	1,2
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Com relação ao contexto seguinte, as vogais que se destacam no favorecimento de [y] são [ʊ], [ɛ]. Cabe ressaltar que certas vogais só ocorreram em contexto palatal, não influenciando a realização de [ɪ] e [ø], como é o caso das vogais [a], [ɔ] e [o] e dos segmentos nasalizados [ã], [ẽ] e [ĩ]. Destaca-se, também, a vogal [ĩ], que só ocorreu com a variante [y], como mostra o exemplo a seguir:

(12) “o trem tava todo [vehme’ĩ]... todo [vehme’ĩ] assim.” (Informante EBF)

Porém, mesmo apresentando favorecimento esperado em relação a dois dos traços analisados, [y] parece estar sendo influenciada por itens específicos, já que boa parte das realizações de [y] estão relacionadas aos itens *mulher* e *filho*. Após cruzamento no Goldvarb-X dos dados referentes ao contexto precedente com os do contexto seguinte, notou-se o favorecimento dessa variante por itens específicos, nesse caso *mulher* e *filho*, em que todos os

casos cujo contexto precedente é [u] e seguinte [ɛ] correspondem ao item *mulher*, e todos em que o contexto precedente é [i] e o seguinte é [ʊ] corresponde ao item *filho*. Como dito anteriormente, a influência desses itens será melhor explicitada em 4.1.4.

Em relação à variante [ɪ], nota-se que os contextos que se destacam estão relacionados aos traços que se mostraram favorecedores quando da análise dos contextos seguintes. Como esse favorecimento está de acordo com as regras fonológicas e os dados não apresentaram itens favorecedores, conclui-se que a variante [ɪ] possui condicionamento fonético, isto é, é favorecida pelos contextos [ɛ], [i], [e] e o ditongo [ew].

A variante zero, em todas as suas ocorrências, apresenta como contexto seguinte, ou a vogal alta [ʊ], ou a vogal baixa [ɐ]. Como já foi explicitado, todos os casos de apagamento são relacionados aos itens *filho/filha*, o que mostra que, apesar de ser favorecida pelo contexto precedente [i], o mesmo não ocorre em relação ao contexto seguinte, podendo, assim, a variante ser influenciada por esses itens (ver 4.1.4).

Após a análise do contexto seguinte à variável, mais uma vez notou-se que a variante [ʌ] apresenta-se forte na comunidade de fala belorizontina, e que certos contextos podem influenciar o uso de determinada variante, como é o caso de [ɪ], que se mostrou favorecida pelos contextos frontais e [- arredondados]. A variante [y], apesar de apresentar pelo menos um traço favorecedor esperado num processo de assimilação, exibe realizações relacionadas a certos itens, mais especificamente, *mulher* e *filho*. Já a variante [ø], não apresentou favorecimento de nenhum traço esperado, confirmando-se, assim, seu favorecimento nos *corpus* estudado pelos itens *filho/filha*, que representam todas as ocorrências dessa variante. Para compreender melhor o comportamento das variantes de /ʌ/ em relação ao item lexical, uma análise desses itens será apresentada em 4.1.4.

4.1.3 Tonicidade da sílaba

Conforme tratado no capítulo 3, a sílaba tônica dificilmente sofre processos fonológicos, e a sílaba átona é mais suscetível a tais a processos.

Assim sendo, a tonicidade da sílaba foi analisada com a finalidade de se estabelecer relação entre a utilização de uma determinada variante e a tonicidade da sílaba em que ela ocorre.

Tabela 22 – Distribuição das variantes conforme tonicidade da sílaba

Parâmetro	[ɫ]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Tônica	552	67,2	180	21,9	89	10,8	00	00	821	50,6
Pós-tônica	555	73,6	167	22,1	05	0,7	27	3,6	754	46,4
Pré-tônica	40	81,6	8	16,3	01	2,0	00	00	49	3,0
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Os valores expressos na tabela 22 mostram que a posição pré-tônica favorece a variante padrão. A variante vocalizada apresenta porcentagens próximas de favorecimento entre a posição tônica e pós-tônica. Já a variante [l] mostra-se favorecida pela sílaba tônica, apresentando poucas ocorrências em posição pós-tônica e pré-tônica. A variante [ø] apresentou todas as suas ocorrências em contexto pós-tônico.

Os valores dos pesos relativos referentes à variante [y] apresentaram a seguinte distribuição:

Tabela 23 – Comportamento da variante [y] em relação à tonicidade da sílaba

Parâmetro	[ɫ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Tônica	552/75,4	.49	180/24,6	.51
Pós-tônica	555/76,9	.51	167/23,1	.49
Pré-tônica	40/83,3	.61	8/16,7	.39
TOTAL	1147/76,4	-	355/23,6	-

Os valores dos pesos relativos encontrados confirmam o favorecimento da variante padrão pela posição pré-tônica, já a variante [y] apresentou PR's em relação à posição tônica e pós-tônica próximo da neutralidade, fato que mostra que não há diferença entre tônica e pós tônica em relação à realização da variante vocalizada (como já visto na tabela 22). Os dados confirmaram o desfavorecimento de [y] pela posição pré-tônica, que apresentou apenas oito ocorrências, sendo sete relacionadas ao item *mulherada* e uma ao item *filhotinho*.

(13) “Cláudio (município) é só [muye'radɛ] no carnaval.” (Informante AFC)

(14) “Ela (cadela) tava andando com o [fi'otĩ] assim, oh.” (Informante EBF)

Considerando os resultados encontrados, que se aproximam da neutralidade tanto na variante padrão como na vocalizada, optou-se por realizar o cálculo do X^2 (1,73), que mostrou que a tonicidade silábica em relação a essa variante não é estatisticamente significativa, não influenciando, assim a realização da variante [y].

Se a tonicidade parece não afetar a variante [y], o mesmo não acontece com a variante [l], como se pode observar na tabela 24:

Tabela 24 – Comportamento da variante [l] em relação à tonicidade da sílaba

Parâmetro	[ʎ]		[l]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Tônica	552/86,1	.20	89/13,9	.80
Pós-tônica	555/99,1	.82	05/0,9	.18
Pré-tônica	40/97,6	.62	01/2,4	.38
TOTAL	1147/92,4	-	95/7,6	-

Os dados em que essa variante ocorre são, em maior número, na sílaba tônica da palavra, que apresenta um alto peso relativo.

São casos como:

(15) “Ficar longe de [muˈlɛ], ficar longe de tudo.” (Informante WAN)

(16) “Eu [oˈley] pra trás assim, falei ‘Nossa!’” (Informante AFC)

A variante [ø] não apresentou diferenças entre a tonicidade da sílaba em que a variante ocorre, sendo todas as suas ocorrências presentes em posição pós-tônica. Assim, para a variante [ø], não foi possível estabelecer os valores dos PR's.

Inicialmente, esperava-se que a sílaba átona favorecesse a realização das variantes não-padrão, pois, conforme se viu no capítulo 3, a sílaba tônica dificilmente sofre processos fonológicos, e quanto mais distante o segmento estiver da sílaba tônica, mais suscetível a processos fonológicos estará. Os resultados obtidos quando da análise da tonicidade da sílaba onde ocorre a variante demonstraram que [y] não sofre influência da tonicidade da sílaba, enquanto a variante [l] apresenta favorecimento quando ocorre em posição tônica, contrariando, assim, a hipótese inicial. Já a variante [ø] é a única que comprovou a hipótese, uma vez que suas ocorrências apresentam-se em posição pós-tônica. Porém, cabe ressaltar que todas as ocorrências dessa variante correspondem aos itens *filho/filha*, podendo os mesmos

estarem influenciando os resultados.

Como as variantes [y] e [ø] podem estar sofrendo interferência de um determinado item lexical, a próxima seção tratará especificamente desses itens e seu comportamento dentro da comunidade de fala estudada.

4.1.4 O item lexical

A análise do comportamento do item lexical tem como base a teoria da Difusão Lexical proposta por Wang (1969), que estabeleceu, a partir de estudos realizados na língua chinesa, que certos processos de variação/mudança afetavam determinados itens e não outros, mesmo que esses itens possuíssem contextos fonéticos favorecedores de um possível processo de mudança. Assim, segundo os difusionistas, o processo de mudança seria, então, foneticamente abrupto e lexicalmente gradual, o contrário do que defendiam os neogramáticos, que propunham que as mudanças ocorriam de acordo com regras fixas, e que um determinado processo que ocorresse num determinado contexto fonético afetaria todas as palavras de uma língua inseridas no mesmo contexto.

Toda a análise referente aos fatores linguísticos pouco elucidou sobre a variação da lateral palatal, pois durante esse processo de observação dos dados percebeu-se que, mesmo que as variantes [y] e [ø] apresentassem contextos (precedentes e/ou seguintes) favorecedores de acordo com regras fonológicas, ao se checarem os resultados, constatava-se que os favorecimentos eram, em grande parte, relacionados a itens específicos. Assim, levantou-se a hipótese de que a variação da lateral palatal fosse sensível ao parâmetro item lexical.

Como já foi tratado no capítulo 3, a frequência com que determinados itens ocorrem na fala pode favorecer ou desfavorecer a implementação de uma nova forma linguística. Com base em Leslau (1969), Philips (1984), Oliveira (1995) e Bybee (2001), a análise dos itens levará em consideração o traço [+/- frequente] com o objetivo de se observar se são os itens mais ou menos frequentes que estão favorecendo o uso de uma determinada variante.

Para tanto, todos os itens do *corpus* foram controlados, com o objetivo de se observar se o processo de variação está atingindo determinados itens em detrimento de outros.

Primeiramente, foram controlados os itens do *corpus* que se realizam com a variante [y], o que se apresenta a seguir:

Quadro 2 – Distribuição das ocorrências de [y] de acordo com os itens

Item	Número de ocorrências
Atrapalha	02/07
Atrapalhando	01/01
Baralho	01/03
Barulho	08/29
Brigalhada	01/01
Brincalhão	02/02
Caralho	22/26
Esubalhado	01/01
Espalhado	01/01
Filho	71/204
Filhote	01/04
Folha	03/10
Molhada	01/04
Mulher	86/197
Mulherada	06/08
Olha	12/110
Olhei	01/21
Olhando	09/42
Olho	13/22
Olho (verbo)	02/18
Orelhão	02/05
Piolho	02/03
Retalhado(a)	03/03
Serralha	02/02
Talho	01/01
Toalha	03/03
Trabalha	36/138
Trabalhando	17/55
Trabalhava	06/52
Trabalhei	07/41
Trabalho	04/118
Trabalhou	01/03
Velho(a)	24/54
Vermelho	03/11
Total	355/1200

De acordo com os resultados expostos em 4.1.1 e 4.1.2, chegou-se à conclusão de que os contextos precedentes mais frequentes são, respectivamente, [u] e [i], e os seguintes [ʊ] e [ɛ].

Cruzando os dados referentes aos contextos precedentes com os seguintes, chega-se aos itens que, referentes a esses contextos, são aqueles mais frequentes no *corpus*: *mulher*, *filho*. Mas, considerando a frequência da variante vocalizada de cada um dos itens

selecionados em relação ao total de ocorrências dos mesmos itens, tem-se os seguintes resultados:

Quadro 3 – Distribuição das ocorrências de [y] de acordo com a frequência

Item	Proporção de ocorrência	%
Filho	71/204	34
Mulher	86/197	44
Total	242/764	

A porcentagem de ocorrência desses itens nos mostra que ambos se apresentam como influenciadores de [y] no *corpus* analisado. Interessante é observar que o item *trabalhar* (e suas flexões), que em Madureira apresentava um alto número de dados com alto número de aplicação (27%) da variante [y], nos dados do presente *corpus*, apesar de também possuir alto número de dados (450 ocorrências), apresenta número baixo de aplicação (16%), o que demonstra que o papel que *trabalhar* possuía na implementação da variante [y] reduziu-se nesses vinte anos que separam a pesquisa de Madureira e a presente pesquisa.

Considerando a redução da vocalização de *trabalhar* na comunidade de fala belorizontina, reporta-se, aqui, a estudos em que a variante [ʎ] está sendo introduzida na comunidade de fala por meio de itens frequentes, como demonstrado por Castro (2006). A autora observou que na comunidade quilombola de Matição (Jaboticatubas-MG), onde há predominância da utilização de [y], a variante [ʎ] estaria se expandindo mediante alguns itens lexicais, destacando-se *trabalhar* e *filho(s)*.

É possível pensar que o item *trabalhar*, que possui alta frequência na comunidade de fala belorizontina, conseqüentemente, será, por mais vezes, submetido a correções, tratando-se, de acordo com Labov (1994:78) de uma mudança *from above*, isto é, acima do nível da consciência. Assim, o processo de Difusão Lexical estaria relacionado ao processo de mudança *from above*, isto é, ao processo de reintrodução de variantes de prestígios o que parece ocorrer com *trabalhar* na comunidade de fala estudada.

A variante zero, como foi visto em 4.1.1 e 4.1.2, apresentou ambiente favorecedor esperado apenas em relação ao segmento precedente, porém esse ambiente apresentou comportamento categórico (todas as ocorrências relacionadas ao contexto [i]). Em relação ao contexto seguinte constatou-se que as ocorrências estavam distribuídas entre os contextos [ɐ] e [ʊ]. Assim, a análise dos contextos mostrou que essa variante pode estar sendo influenciada,

nesse *corpus*, por determinados itens lexicais, mais especificamente os itens *filho* e *filha*, que são responsáveis por todas as ocorrências da variante [ø].

O controle dos itens em que ocorrem a variante [I] foi realizado apenas com o objetivo de se observar em quais itens possuidores de contexto fonético favorecedor essa variante está se realizando.

Quadro 4 – Distribuição das ocorrências de [I] de acordo com os itens

Item	Número de ocorrências
Acolheu	03/03
Acolhimento	01/01
Detalhe	04/05
Escolhe	04/05
Escolhemos	01/01
Escolheu	06/08
Escolhi	06/09
Mulher	55/197
Olha	01/110
Olhei	05/21
Recolher	02/02
Trabalhei	07/41
Total	95/403

A variante [I] apresenta-se favorecida, como visto em 4.1.2, por itens constituídos por contextos seguintes frontais e [- arredondados], destacando-se os contextos [ɛ], [i] e [e] e seus ditongos correspondentes. Como se pode observar no quadro 4, são exatamente esses itens que possuem maior porcentagem de utilização de [I].

- (17) “Eu tava invocado com essa [muˈlɛ] já, sô. (Informante LFF)
- (18) “Eu [oˈley] pra trás e falei assim ‘Nossa!’” (Informante AFC)
- (19) “[trabaˈley] lá. Fiquei lá quatro anos e sete meses.” (Informante GEG)
- (20) “Eu gosto da profissão que eu [eskoˈli].” (informante NOR)

Nota-se que os itens que se apresentaram realizados com a variante [I] apresentam contexto fonético seguinte favorecedor de acordo com o esperado por regras fonológicas, concluindo-se, assim, que [I] não sofre influência de um determinado item, e sim do contexto fonético/fonológico no qual a variante ocorre.

Após a análise do comportamento dos itens, verificou-se que as variantes [y] e [ø], mesmo possuindo contextos fonéticos favorecedores de acordo com as regras fonológicas, são favorecidas por itens específicos, uma vez que grande parte das ocorrências dessas variantes estão relacionadas a itens específicos, destacando-se, respectivamente, os itens *mulher* e *filho*, e os itens *filho* e *filha*. Já a variante [l] é favorecida pelo contexto fonético seguinte constituído por vogais frontais e [- arredondadas], não apresentando favorecimento de um item específico.

4.1.5 Fator especialização semântica

Nos dados do *corpus* foram observadas ocorrências em que o item analisado possuía, quando utilizado em contextos informais de fala, significado diferente do encontrado em dicionários. Esses itens foram classificados como “especialização semântica”.

O controle desses itens teve como finalidade observar se os mesmos poderiam estar influenciando os resultados referentes à variante vocalizada, uma vez que a maioria dos itens classificados como pertencentes a esse grupo são referentes a essa variante.

Dos 1624 dados referentes à variável /k/, 92 deles (5,7%) apresentaram “especialização semântica”, cuja distribuição entre as variantes de /k/ pode ser vista na tabela 25:

Tabela 25 – Distribuição das variantes conforme fator “especialização semântica”

Parâmetros	[k]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	3	3,3	84	91,3	0	0	05	5,4	92	5,7
Não	1144	74,7	271	17,7	95	6,3	22	1,4	1532	94,3
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Pode-se perceber, de acordo com os números encontrados, que, ao se compararem os resultados das três variantes, aquela em que o fator “especialização semântica” é mais saliente é a variante vocalizada, cujo número de ocorrências chega a 91,3% dos dados. A variante [l] não apresenta nenhum caso de itens pertencentes ao fator “especialização semântica”, enquanto as variantes [k] e [ø] apresentam percentuais pequenos de ocorrências.

A utilização desses itens é recorrente na fala dos informantes da classe social mais baixa, representando 92% dos dados de “especialização semântica” (77 ocorrências). As sete ocorrências relacionadas ao grupo social mais prestigiado foram realizadas apenas pelo informante AFC e informante RMS.

As palavras classificadas como pertencentes a esse fator foram: *caralho*, *velho*, *filho* (usado como vocativo, não se referindo ao próprio filho do informante).

São casos do tipo:

(21) “Agora que eu vou cume mulé pra [ka´rayʊ]” (Informante LFF)

(22) “Mas eu não vou voltar não [´vey]” (Informante AFC)

(23) “O resto meu [´fiʊ] a gente vai levando (...)” (Informantes FaCas)

A distribuição desses itens pode ser observada na tabela 26:

Tabela 26 – Distribuição das variantes conforme itens classificados como “especialização semântica”

Parâmetros	[ʌ]		[y]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Velho	00	00	05	100	00	00	05	5,4
Caralho	03	11,5	23	88,5	00	00	26	28,3
Filho	00	00	56	91,8	05	8,2	61	66,3
Total	03	3,3	84	91,3	05	5,4	92	

Como se pode perceber, todos os itens analisados apresentam alto grau de favorecimento de [y], especialmente o item *velho*, cuja totalidade de ocorrências no *corpus* que ilustra casos de “especialização semântica” realiza-se vocalizada. Em seguida destacam-se, respectivamente, os itens *filho* e *caralho*.

Inicialmente, ao analisar a palavra *velho*, verificaram-se as seguintes realizações no *corpus*:

(24) “O carro (...) que era [´veʌʊ] que era o que tinha na época (...)” (Infor. SRFF)

(25) “Juntava os meninos, punha no carro [´velyʊ] da época...” (Informante SRFF)

(26) “de repente eu to ficando mais [´veyʊ]...” (Informante VFD)

(27) “Roubaram o celular do [´vey] lá na Santos Dumont.” (Informante VLC)

(28) “Pô, Anselmo, que que é isso [´vey], cê é doido.” (Informante EBF)

A preocupação inicial era que a vocalização do item *velho* pudesse ocorrer em maior número em casos como em (28), em que *velho* não está associado à idade cronológica. Porém, ocorrências desse tipo foram encontradas em número reduzido no *corpus* – 13% do total de ocorrências de *velho*. Mas, mesmo com número reduzido, todas as ocorrências em que *velho* possui “especialização semântica”, como observado na tabela 26, apresentaram-se na forma vocalizada, o que permite concluir que o item *velho* como em (28) favorece os resultados referentes à vocalização.

O item *caralho*, segundo Houaiss (2001), apresenta dois significados, sendo o primeiro como nome para designar o órgão genital masculino (pênis) e o segundo como uma forma de expressão que indica admiração, espanto. Este item foi incluído no grupo “especialização semântica”, pois, mesmo possuindo um significado dicionarizado, o que se pretende é classificá-lo como uma forma que se desvia do significado primeiro de *caralho* (pênis). Assim, em todas as ocorrências, *caralho* apresenta-se como expressão de espanto, sendo que, na maioria dos casos, na forma vocalizada. Esse item apresentou apenas três ocorrências relacionadas à variante padrão e todas as demais relacionadas à [y]. Assim, conclui-se que o item *caralho* também é favorecedor dos resultados referentes à vocalização. Destaca-se, aqui, que esse item, por possuir um sentido pejorativo, foi encontrado apenas no *corpus* na fala dos homens.

A inclusão do item *filho* nesse grupo diz respeito àquelas formas em que *filho* aparece como vocativo, não se referindo ao próprio *filho/filha* do informante. Nessas condições, *filho* aparece em 61 de 157 ocorrências, o que nos dá uma porcentagem de 39% dos casos. Porém, a vocalização desse item quando o mesmo possui “especialização semântica” é de 91,8%, o que mostra que esse item contribui para a realização de [y] no *corpus* analisado. Destaca-se a influência nos dados de um informante específico (Informante DSSB), que possui em sua fala uma grande frequência de [ˈfiy] que são utilizados como vocativos. Ao se retirar esses itens dos dados desse informante, o número de ocorrências da variante vocalizada utilizada pelo mesmo se reduz consideravelmente (de 41 ocorrências de [y] para apenas 8), o que permite concluir que o número de ocorrências da variante vocalizada nos dados do informante DSSB é influenciada pelos itens classificados como pertencentes ao grupo “especialização semântica”.

Em resumo, o estudo dos itens classificados como possuidores do fator “especialização semântica” mostrou que os mesmos influenciam os resultados referentes ao comportamento da variante [y] no *corpus* analisado, uma vez que mais de 90% das ocorrências de “especialização semântica” estão relacionadas à variante vocalizada. Além

disso, destacaram-se casos particulares de uso, como na utilização dos itens *caralho* e *velho* (suas ocorrências apareceram relacionadas à fala de informantes masculinos) e do item *filho*, que influenciou grande parte das ocorrências de [y] na fala de um informante específico (Informante DSSB), que apresentou alto número de ocorrências de [ˈfiy], como vocativos, em sua fala.

4.1.6 Conclusão da análise dos fatores linguísticos

O estudo da variável /k/, tendo como base os fatores linguísticos, mostrou que, enquanto certa variante é influenciada pelo contexto seguinte e tonicidade, como é o caso de [l], outras parecem sofrer influência de determinados itens lexicais, como ocorre com [y] e [ø].

A variante [l] mostrou-se favorecida por contexto fonético seguinte composto por vogais frontais e [- arredondadas], destacando-se os contextos [i], [ɛ] e [e] e seus ditongos correspondes.

Em relação às variantes [y] e [ø], os contextos fonéticos não forneceram esclarecimentos sobre as mesmas, uma vez que, mesmo havendo favorecimentos que estejam de acordos com as tendências fonológicas, os contextos favorecedores remetiam a itens específicos. Assim, em relação à variante [y], o favorecimento ocorre nos itens *mulher* e *filho*, e, em relação à variante [ø], o favorecimento se dá nos itens *filho* e *filha*.

Também foram analisados itens classificados como possuidores de “especialização semântica”, a fim de se verificar se os mesmos influenciavam os resultados referentes à variante [y]. Após a análise, conclui-se que os itens pertencentes ao grupo “especialização semântica” influenciam a realização da variante vocalizada.

4.2 Fatores sociais

A língua tem caráter social, e, sendo assim, não se pode deixar de lado o seu comportamento dentro de determinada comunidade. Para tanto, a análise da lateral palatal teve, também, como base fatores sociais que possam determinar o uso de uma variante em detrimento de outras.

Para o estudo dos fatores sociais, a variante [ø] foi descartada da análise devido ao

número reduzido de ocorrências no *corpus* (vinte e sete, no total), já que, com valores tão pequenos, torna-se difícil estabelecer precisamente o comportamento dessa variante em relação a um determinado fator social.

Os fatores sociais analisados nesta pesquisa foram: faixa etária, gênero, classe social, escolaridade.

4.2.1 Faixa etária

O estudo da variação considera a faixa etária importante fator para verificação de um processo de mudança em progresso. Os informantes responsáveis pela composição do *corpus* belo-orientino foram divididos em três faixas etárias: jovens, medianos e velhos (conforme explicitado no capítulo 3), com o objetivo de, em primeiro lugar, se obter resultado em tempo aparente e, posteriormente, um resultado de tempo real (tendência) ao se compararem os presentes dados aos de Madureira (1987).

A distribuição total das variantes no *corpus* analisado apresenta-se na tabela 27:

Tabela 27 – Distribuição das variantes conforme a faixa etária dos informantes

Parâmetros	[ʌ]		[y]		[ɪ]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Jovens	287	70,5	89	21,9	30	7,4	01	0,2	407	21,5
Medianos	485	70,9	129	18,9	48	7,0	22	3,2	684	42,1
Velhos	375	70,4	137	25,7	17	3,2	04	0,8	533	32,8
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

De acordo com os dados relatados, observa-se que a variante padrão é a mais recorrente nas três faixas etárias analisadas, fato que leva a concluir que os falantes da comunidade de fala de Belo Horizonte utilizam mais a variante [ʌ], independentemente da faixa etária na qual estão inseridos.

A variante [ø] foi excluída da análise dos fatores sociais, uma vez que seu número reduzido de ocorrências impossibilita a verificação do comportamento dessa variante na comunidade de fala estudada. Sendo assim, passa-se, então, à distribuição das variantes [ʌ], [ɪ] e [y], tendo como referência a faixa etária do informante. O comportamento das variantes

está presente no gráfico 1:

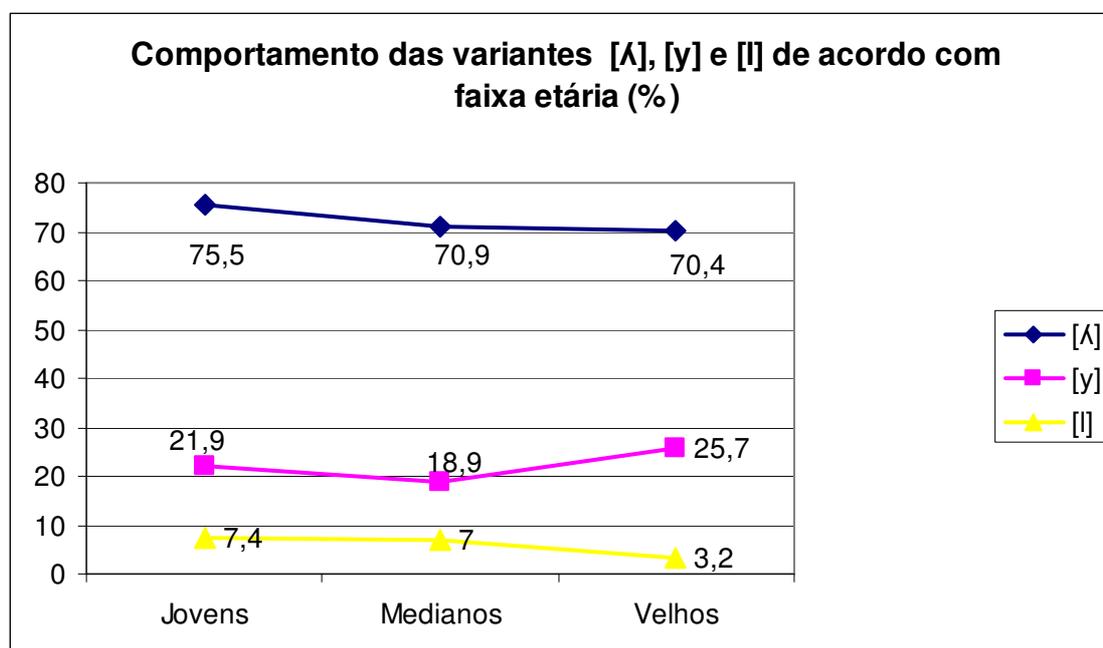


Gráfico 1 – Comportamento das variantes [λ], [l] e [y] de acordo com a faixa etária

A diferença de idade entre os informantes *jovens* e *velhos* é de 20 anos, isto é, uma geração. Nota-se que a geração mais *jovem* apresenta percentuais de vocalização próximos aos dos informantes *velhos*, fato que mostra que não haver diferença da utilização da variante padrão em relação às duas gerações, o que também ocorre em relação a [y]. A variante [l] também apresenta números percentuais próximos, o que pode indicar que, em relação à faixa etária, a variação está estável.

Para confirmação desses resultados, realizou-se a análise dos pesos relativos, obtidos pela análise binária constituída da variante padrão e uma das outras variantes. A variante vocalizada apresentou os resultados expressos na tabela 28:

Tabela 28 – Comportamento da variante [y] em relação à faixa etária do informante

Parâmetro	[λ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Jovens	287/76,3	.50	89/23,7	.50
Medianos	485/79,0	.54	129/21,0	.46
Velhos	375/73,2	.46	137/26,8	.54
TOTAL	1147/76,4	-	355/23,6	-

Os pesos relativos referentes à [y] confirmam o pequeno favorecimento dessa variante pelos informantes da faixa etária classificada como *velhos*, seguido pelos informantes *jovens* e, por fim, informantes *medianos*. Observa-se que, mesmo que os pesos relativos apontem para um pequeno favorecimento da variante vocalizada nos informantes *velhos*, os PR's das demais faixas etárias estão muito próximos, o que nos leva a lançar mão do cálculo do X^2 . O valor encontrado para o X^2 (5,1) prova que a diferença de utilização entre as três faixas etárias analisadas não possui significância estatística, comprovando que, no caso da variante [y], o que parece ocorrer é uma variação estável. O mesmo comportamento entre as faixas etárias foi encontrado em Madureira (1987), que também não encontrou diferença significativa da realização da variante vocalizada e a faixa etária do informante, conforme se pode observar no gráfico 2:

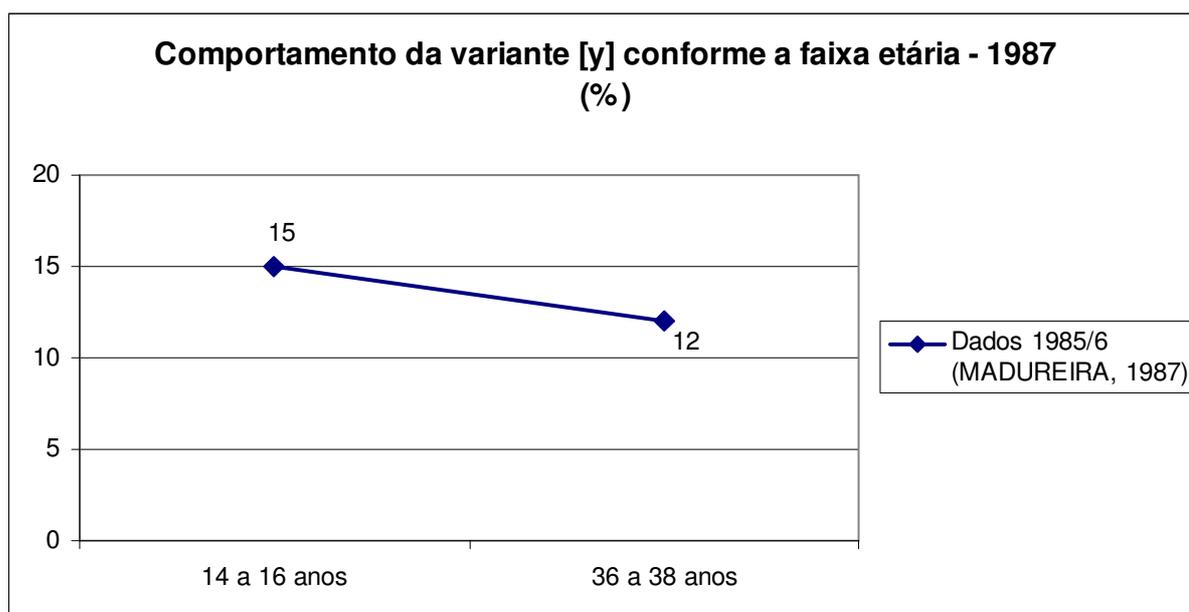


Gráfico 2 – Descrição do comportamento da variante [y] conforme faixa etária nos dados de Madureira (1987)

Em Madureira (1987), a autora observou o favorecimento da variante [y] pelos informantes classificados como *jovens*, havendo queda da utilização dessa variante com o aumento da idade. Porém, essa diferença é pouco significativa, como a autora mesmo conclui pelo baixo valor do X^2 (1,14).

Cabe destacar que os informantes caracterizados como *jovens* (14 a 16 anos) e adultos (36 a 38 anos) em Madureira, correspondem, respectivamente, aos informantes *medianos* (31

a 41 anos) e *velhos* (47 a 59 anos) da presente pesquisa. A escolha atual por informantes que correspondessem aos informantes selecionados por Madureira, porém vinte anos mais velhos, teve por objetivo um estudo em tempo real de tendência (LABOV, 1994), isto é, verificar na comunidade de fala estudada o comportamento de uma determinada variante em dois períodos de tempo distintos, com base em informantes que foram selecionados obedecendo-se os mesmos critérios nos dois períodos. Então, o que se pretende nessa análise é observar se houve mudança de comportamento linguístico dos falantes dessa comunidade de fala comparando o *corpus* coletado entre 1985 e 1987 em relação aos dados atuais.

Para o estudo de tendência, essa nova seleção é necessária, pois visa à comparação de dados de fala de informantes dos dois períodos analisados para se verificar se houve mudança no comportamento linguístico desses informantes durante esse período. O comportamento dos informantes dessas faixas etárias está presente na tabela 29:

Tabela 29 – Comportamento da variante [y] em relação à faixa etária do informante (estudo de tendência)

Parâmetro	[y]			
	Madureira (1987)		Dados atuais	
	Aplicação	%	Aplicação	%
Faixa etária 1 (F1)	62/405	15	129/614	21,0
Faixa Etária 2 (F2)	41/329	12	137/512	26,8
TOTAL	103/734	14,0	266/1126	23,6

Para compreensão da tabela acima, cabe salientar que a nomenclatura das faixas etárias foi redefinida, sendo que F1 corresponde aos informantes *jovens* em Madureira e aos *medianos* na presente pesquisa, e F2 aos informantes *adultos* em Madureira e *velhos* na presente pesquisa. Com base na tabela 29, percebe-se que, após 20 anos, os informantes apresentaram um aumento na porcentagem de utilização de [y]. Ao realizar-se o cálculo do X² (4,09) percebeu que esse aumento era significativo, então, optou-se por realizar cruzamento de dados a fim de se perceber que fatores estavam relacionados a esse aumento. Optou-se por escolher entre os fatores sociais não analisados por Madureira, isto é, a escolaridade e “especialização semântica”. Porém, mesmo não considerando a escolaridade em sua pesquisa, esse fator encontrava-se implícito no fator “grupo social”, já que todos os informantes pertencentes ao grupo de renda mais baixo possuíam baixa escolaridade. Então os dados da faixa etária foram cruzados aos referentes à “especialização semântica”.

Tabela 30 – Comportamento da variante [y] após cruzamento dos fatores faixa etária e “especialização semântica”

Parâmetros		[λ]		[y]		Total	
Faixa etária	Especialização semântica	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Jovens	Sim	01	02	44	98	45	3,0
	Não	286	86	45	14	331	22,0
Medianos	Sim	00	00	18	100	18	1,2
	Não	485	81	111	19	596	39,7
Velhos	Sim	02	08	22	92	24	1,6
	Não	373	76	115	24	488	32,5
Total		1147	76,4	355	23,6	1502	

A partir do cruzamento presente na tabela 30, percebe-se a influência dos itens classificados como “especialização semântica” na realização da variante vocalizada em todas as faixas etárias. O aumento do uso desses itens poderia estar afetando o crescimento de [y] no *corpus* atual em relação aos informantes de Madureira. Assim, retirando esses itens da análise o comportamento dos informantes apresentou a configuração expressa na tabela a seguir:

Tabela 31 – Comportamento da variante [y], sem itens “especialização semântica”, em relação à faixa etária do informante (estudo de tendência)

Parâmetro	[y]			
	Madureira (1987)		Dados atuais	
	Aplicação	%	Aplicação	%
Faixa etária 1 (F1)	62/405	15	111/596	18,6
Faixa Etária 2 (F2)	41/329	12	115/448	23,6
TOTAL	103/734	14,0	271/1415	19,2

Análise do X^2 (3,45) obtido após a exclusão dos itens classificados como “especialização semântica” mostrou que o aumento do uso dos mesmos influenciou os resultados quando da comparação dos dados de Madureira e os atuais. Como esses itens são utilizados em contextos semânticos específicos⁹, não podem ser conclusivos para determinar o aumento da realização de [y] em relação à faixa etária. Assim, considerando a análise em tempo real (tendência), pode-se afirmar que, ao se analisarem os dados de 1985/86 e 2005/8, o

⁹ Ver seção 4.1.5

processo de variação relacionada à faixa etária dos informantes apresenta comportamento estável.

Seguindo para o estudo da variante [l], sua análise inicial mostrou, de acordo com os números percentuais, um possível comportamento estável. Oliveira (1983), ao analisar o comportamento dessa variante, observou que os dados apresentavam características de uma variante em extinção, pois essa variante se realizava preferencialmente na fala dos informantes mais velhos. Porém, os dados atuais mostram que essa variante está ocorrendo com mais frequência na fala dos informantes *jovens* e *medianos*. Tal quadro sugere que o processo de extinção dessa variante, previsto por Oliveira, pode estar retrocedendo, e assim [l] estaria apresentando um comportamento em direção à estabilidade, uma vez que os pesos relativos referentes aos usos dos informantes *jovens* e *medianos* estão próximos, como mostra o gráfico 3:

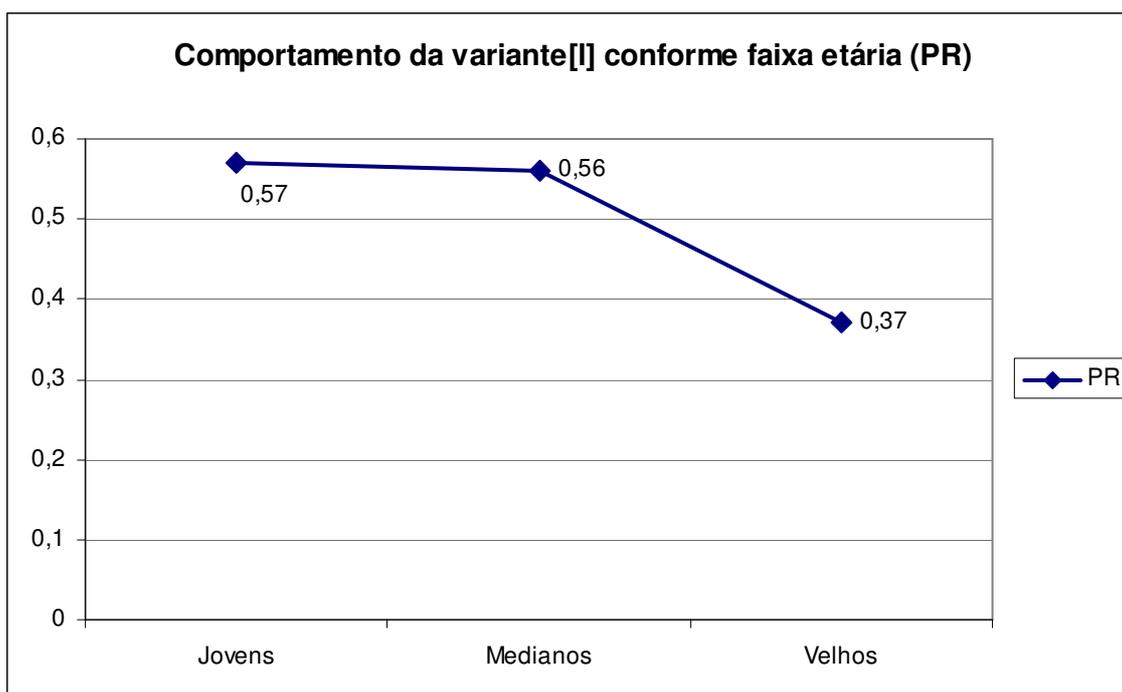


Gráfico 3 – Comportamento da variante [l] conforme faixa etária do informante

Os pesos relativos comprovam o favorecimento da variante [l] pelos informantes *jovens*, e o X^2 (8,98) destaca a significância estatística dos dados.

Na seção 4.1.2, observou-se que a variante [l] era sensível ao contexto fonético precedente constituído pelos segmentos médios-altos e médios-baixos, mais especificamente

pelos contextos [ε] e [i]. Assim a tabela 32 traz o cruzamento do fator faixa etária e contexto seguinte, que objetiva a análise do comportamento desses dois fatores favorecedores:

Tabela 32 – Comportamento da variante [l], considerando o cruzamento dos fatores contexto precedente e faixa etária

Parâmetros		[ʎ]		[l]		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Jovens	Alta	88	98	02	2	90	7,2
	Média-alta	16	64	9	36	25	2,0
	Média-baixa	56	75	19	25	75	6,0
	Baixa	127	100	00	0	127	10,2
Medianos	Alta	121	95	06	5	127	10,2
	Média-alta	56	81	13	19	69	5,6
	Média-baixa	59	67	29	33	88	7,1
	Baixa	249	100	00	0	249	20,1
Velhos	Alta	121	97	04	3	125	10,1
	Média-alta	41	89	05	11	46	3,7
	Média-baixa	51	88	07	12	58	4,7
	Baixa	162	99	01	1	163	13,1
Total		1147	92,4	95	7,6	1242	

Nota-se que os maiores números percentuais de utilização da variante [l] pelos informantes jovens e medianos ilustram-se exatamente nos contextos favorecedores dessa variante. Mesmo com poucos dados referentes à variante [l], os maiores percentuais de utilização de uso dessa variante pelos informantes *velhos* também se dão nos contextos favorecedores da mesma. Assim, mesmo que favorecida pelos informantes mais jovens, a variante lateral alveolar, de acordo com os dados, apresenta favorecimento mais sensível ao contexto seguinte do que à faixa etária dos informantes.

Concluindo a análise do fator gênero, os dados demonstraram que há diferenças significativas no uso das variantes de /ʎ/ na comunidade de fala de Belo Horizonte e que, conforme estudo de tempo aparente, tanto os informantes *jovens* e *velhos* apresentam comportamento próximo em relação às variantes [ʎ] e [y]. Soares (2002), em seus resultados em relação a [y], demonstrou que essa variante se destaca na fala dos informantes mais velhos (+ 46 anos); porém, os índices probabilísticos encontrados pela autora não mostraram grandes favorecimentos, apresentando pesos relativos próximos à neutralidade.

No estudo de tempo real (tendência), ao se comparar os dados de Madureira (1987) e os atuais (2005/08), e após a retirada de possíveis itens influenciadores do resultado,

concluiu-se que não houve diferença significativa do uso da variante [y] entre os dois períodos de tempo, mostrando que o processo de variação está estável. A variante [l], que teve sua extinção na comunidade belorizontina prevista por Oliveira (1983), mostrou um comportamento em direção à estabilidade, já que houve um aumento igualitário do seu uso nas faixas etárias dos *juvens* e *medianos*. Soares (2002) também observou um decréscimo de uso da variante [l] pelos informantes *velhos*.

Após o cruzamento dos fatores favorecedores de [l] – faixa etária e contexto seguinte – notou-se que a utilização dessa variante pode estar diretamente relacionada ao contexto linguístico onde a mesma ocorre, já que, em cada faixa etária analisada, maiores números percentuais nos contextos favorecedores médios-altos e médios-baixos, fato que demonstra a força do contexto seguinte na realização de [l].

4.2.2 Gênero

As variantes de uma determinada variável costumam apresentar comportamentos diferentes de acordo com o gênero do informante. As mulheres, pelo papel que possuem na sociedade e, por serem, segundo Labov (1972), mais sensíveis às formas de prestígio, tendem a utilizar a variante mais próxima ao padrão, enquanto os homens se distanciam mais dessas formas.

Tabela 33 – Distribuição das variantes conforme gênero do informante

Parâmetros	[x]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Masculino	538	66,6	225	27,8	44	5,4	1	0,1	808	49,8
Feminino	609	74,6	130	15,9	51	6,2	26	3,2	816	50,2
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Pelos dados apresentados na tabela 33, nota-se que as mulheres utilizam mais a variante padrão do que os homens, sendo que estes apresentam um percentual maior de utilização da variante [y] do que os informantes do sexo feminino. A variante [l] apresenta números percentuais bem próximos, fato que leva à conclusão de que essa variante não é influenciada pelo gênero do informante. Quanto à variante [ø], observa-se que mais de 90%

das ocorrências aparecerem na fala feminina. Entretanto esse fato não pode delimitar um padrão, uma vez que o número de ocorrências da variante é baixo. Com base nessas informações, a variante [ø] foi excluída da análise referente ao fator gênero.

Para confirmação desses dados realizou-se a análise binária, composta da variante padrão mais uma das variantes não-padrão, com o objetivo de se obterem pesos relativos. Os resultados referentes à [y] estão presentes na tabela 34:

Tabela 34 – Comportamento da variante [y] conforme o gênero informante

Parâmetro	[ʎ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Masculino	538/70,5	.42	225/29,5	.58
Feminino	609/82,4	.58	130/17,3	.42
TOTAL	1147/76,4	-	355/23,6	-

Os pesos relativos comprovam o favorecimento da variante vocalizada por informantes do sexo masculino. O fato de as mulheres preferirem a variante padrão deve-se, ao que parece, ao papel que elas desempenham na sociedade em relação, por exemplo, à educação dos filhos. A variante vocalizada, numa comunidade de fala urbana como Belo Horizonte, representa uma forma estigmatizada da variável /ʎ/. Além disso, na cultura sob análise, conforme se viu na seção 4.1.5, certos vocábulos em que ocorre vocalização, como *caralho* e *velho* (vocativo), são mais frequentes em falas masculinas do que em femininas, exatamente por não serem “apropriados” à fala de uma mulher.

Então, considerando os itens classificados nessa pesquisa como “especialização semântica”, notou-se que somente o item *filho/filha* foi utilizado por ambos os sexos, enquanto que *velho* e *caralho* foram utilizados apenas por informantes masculinos. Para saber se esses itens influenciam a vocalização na fala masculina, realizou-se uma rodada de dados sem os mesmos, cujos resultados estão expressos na tabela 35:

Tabela 35 – Comportamento da variante [y], conforme o gênero do informante, após retirada dos itens classificados como “especialização semântica”

Parâmetro	[ʎ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Masculino	535/74,1	.39	187/25,9	.61
Feminino	609/87,9	.62	84/12,1	.38
TOTAL	1144/80,8	-	271/23,6	-

Após a retirada dos itens classificados como “especialização semântica”, observou-se que a variante [y] continua favorecida pelos informantes do sexo masculino, o que mostra que, apesar de favorecerem a realização da variante vocalizada, os itens *velho*, *caralho* e *filho* não são os maiores influenciadores da vocalização na fala masculina.

Na análise de tempo real – tendência (LABOV, 1994), ao se compararem os dados de Madureira (1987) com os atuais, percebeu-se que o comportamento em relação ao gênero permaneceu o mesmo, e que a variante [y] continua sendo favorecida na fala masculina, como exposto no gráfico 4:

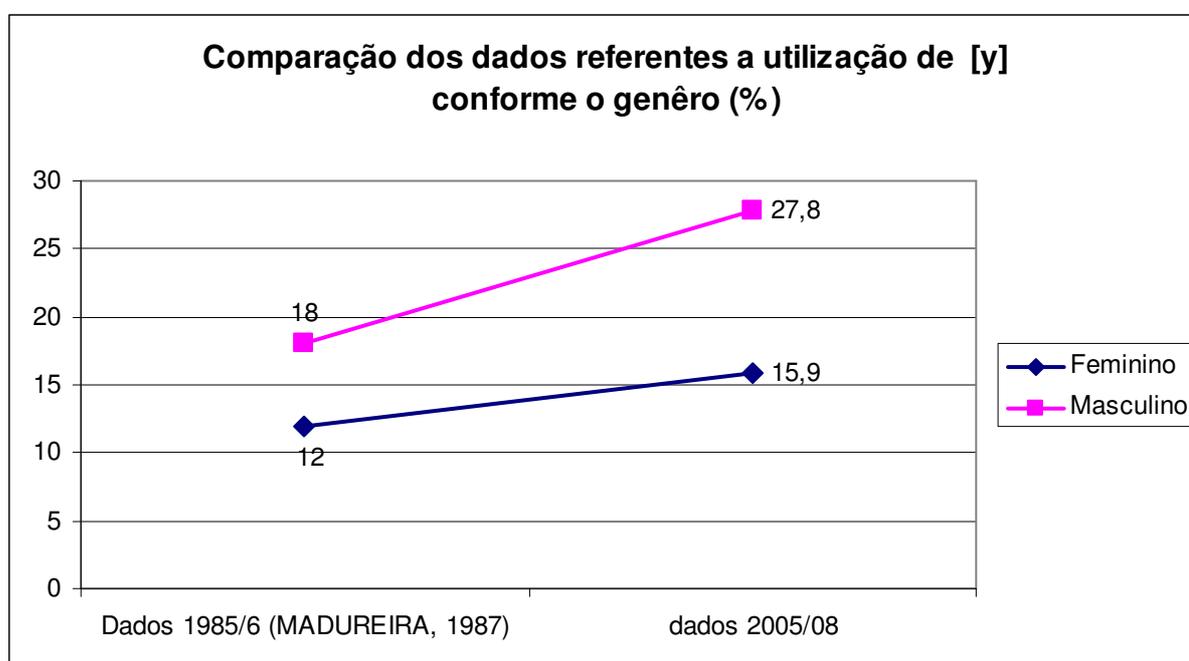


Gráfico 4 – Comparação dos dados referentes à utilização de [y] conforme o gênero do informante

O gráfico 4 mostra que houve um crescimento na utilização de [y] na comunidade de fala belorizontina, comportamento que não era esperado, já que se trata de uma variante estigmatizada que tende a ter seu uso na comunidade de fala reduzido. O aumento do uso de [y] poderia ser explicado pelo fato de a presente pesquisa ter captado mais itens favorecedores da variante vocalizada, destacando-se na fala de informantes do sexo masculino, principalmente pelo fato de itens estigmatizados serem mais frequentes em falas masculinas. É importante salientar, também, que a maioria das ocorrências dos itens vocalizados pertencem ao grupo classificado como “especialização semântica”, o que contribuiu para o aumento de utilização dessa variante, como se pode observar na tabela 36:

Tabela 36 – Comportamento da variante [y], considerando o cruzamento dos fatores gênero e “especialização semântica”

Parâmetros		[λ]		[y]		Total	
Gênero	Especialização semântica	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Masculino	Sim	03	07	38	93	41	2,7
	Não	535	74	187	26	722	48,1
Feminino	Sim	00	00	46 ¹⁰	100	46	3,1
	Não	609	88	84	12	693	46,1
Total	-	1147	76,4	355	23,6	1502	

Passemos à análise da variante [l]. Os pesos relativos apresentados quando da análise binária entre [λ] e [l] estão presentes na tabela 37:

Tabela 37 – Comportamento da variante [l] conforme o gênero informante

Parâmetro	[λ]		[l]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Masculino	538/92,4	.50	44/7,6	.50
Feminino	609/92,3	.50	51/7,7	.50
TOTAL	1147/92,4	-	95/7,6	-

Como se pode observar, a variante [l] possui comportamento neutro entre homens e mulheres, conforme pesos relativos, o que leva a concluir que essa variante não é influenciada pelo fator gênero.

Concluindo a análise do fator gênero, pode-se dizer que os dados demonstraram que as mulheres privilegiam a variante padrão, enquanto os pertencentes ao gênero *masculino* apresentam uma maior utilização da variante vocalizada, quando comparados aos do gênero *feminino*. Comportamentos próximos foram encontrados por Soares (2002), cujos resultados apontaram para a preservação de [λ] pelos informantes do sexo feminino. Os resultados obtidos por Oliveira (1983) apontaram para uma preferência de informantes do sexo masculino pela variante vocalizada.

Ao se realizar estudo de tendência, observou-se, ao comparar os dados atuais com Madureira (1987), que o comportamento entre homens e mulheres não sofreu grandes

¹⁰ Desse total, 33 itens estão presentes na fala de um único informante (DSSB) como visto na seção 4.1.5.

modificações em vinte anos, mesmo que, aparentemente, os homens tenham apresentado um crescimento maior que o das mulheres na utilização de [y]. Isso se deve ao fato de os dados atuais apresentarem mais itens favorecedores da variante [y], sendo que muitos deles, por serem estigmatizados na comunidade belorizontina, ocorrem com maior frequência na fala masculina (*caralho e velho* como “especialização semântica”).

A variante [l] não apresentou diferenças de usos significativas entre os gêneros, levando à conclusão que o sexo ao qual pertence o informante não favorece o uso dessa variante.

4.2.3 Grupo social

Para o estudo das variantes de [ʎ], realizou-se o controle das mesmas de acordo com o grupo social a que os informantes pertencem. Em relação à influência da classe social nos processos de mudança, Labov (1966) destaca que uma mudança linguística sempre começa no interior de um grupo social, e o modo como determinadas variáveis se distribuem por classes pode fornecer evidências de mudança em progresso.

Os informantes (como já exposto no capítulo 3) foram divididos em dois grupos, sendo o grupo 1 (doravante G1) constituído por informantes que possuem renda média/alta (acima de três salários mínimos) e empregos que exijam maior qualificação; e o grupo 2 (doravante G2) composto por informantes que possuem uma renda baixa (até três salários mínimos) e empregos que exigem baixa qualificação.

Tabela 38 – Distribuição das variantes conforme grupo social

Parâmetros	[ʎ]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
G1	564	85,7	49	7,4	42	6,4	3	0,5	658	40,5
G2	583	60,4	306	31,7	53	5,5	24	2,5	966	59,5
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Pelos dados apresentados na tabela 38, nota-se que a variante [ʎ] apresenta maiores números percentuais em G1, e que a variante [y], sendo uma variante desprestigiada socialmente, se destaca em G2. Não há diferença significativa entre os grupos quanto a

realização da variante [l]. A variante [ø] novamente foi excluída das rodadas posteriores pois, mesmo apresentando números percentuais que demonstrem seu favorecimento por informantes do sexo feminino, pode ter seu resultado influenciado por apenas um informante pertencente a esse gênero (ver 4.1.3), que apresentou em sua fala um grande número de ocorrências de [ø].

A partir dessa visão geral das variantes, passa-se à análise dos pesos relativos para confirmação desses resultados. Em relação à [y], encontrou-se os seguintes valores:

Tabela 39 – Comportamento da variante [y] conforme grupo social

Parâmetro	[λ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
G1	564/92,0	.74	49/8,0	.26
G2	583/65,6	.32	306/34,4	.68
TOTAL	1147/76,4	-	355/23,6	-

Como se pode perceber, o grupo social denominado G2 possui PR favorecedor da variante [y], confirmando os resultados apontados anteriormente.

Ao se compararem os dados atuais com os de Madureira (1987) (que também destacou a influência de G2 na realização da variante [y]), pode-se dizer que, por ser uma variante estigmatizada socialmente, [y] não apresentou crescimento significativo nesses vinte anos no grupo social mais alto. Porém, cabe ressaltar que, nos dados atuais, G2 apresentou um aumento de 7,4% em relação aos dados de Madureira, enquanto que em G1 esse aumento foi de apenas 4% (gráfico 5):

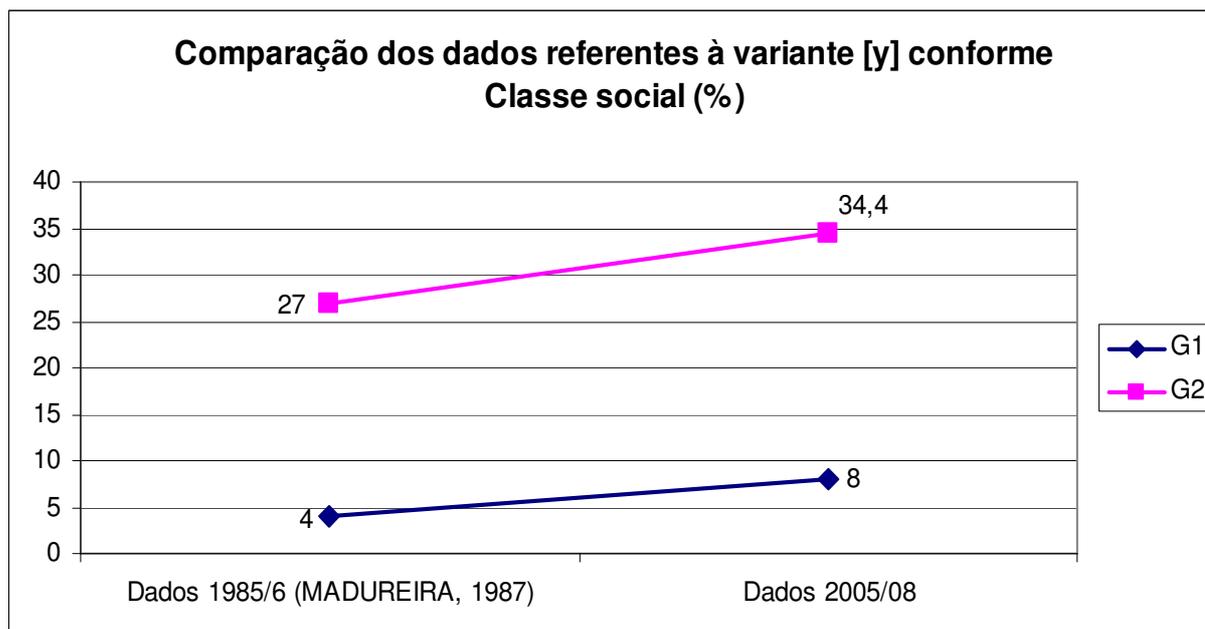


Gráfico 5 – Comparação dos dados de Madureira (1987) e atuais conforme grupo social.

Mesmo com o aparente aumento na utilização da variante [y] pelo grupo social mais baixo, o cálculo do X^2 (0,04) revela que a diferença do uso da variante entre os dois períodos de tempo analisados não possui significância estatística.

Mais uma vez destacam-se os itens classificados como especialização semântica no aumento da vocalização em G2, como se pode ver na tabela 40:

Tabela 40 – Comportamento da variante [y], considerando o cruzamento dos fatores grupo social e “especialização semântica”

Parâmetros		[Λ]		[y]		Total	
Grupo social	Especialização semântica	Nº	%	Nº	%	Nº	%
G1	Sim	03	30	07	70	10	0,7
	Não	561	93	42	07	603	40,1
G2	Sim	00	00	77	100	77	5,1
	Não	583	72	229	28	812	54,1
Total		1147	76,4	355	23,6	1502	

Nota-se que os itens “especialização semântica” apresentam 100% de vocalização no G2. Como esses itens são utilizados em contexto semântico específico¹¹, ao retirá-los da

¹¹ Ver seção 4.1.5

análise, a comparação entre os dois períodos de tempo passa à seguinte configuração:

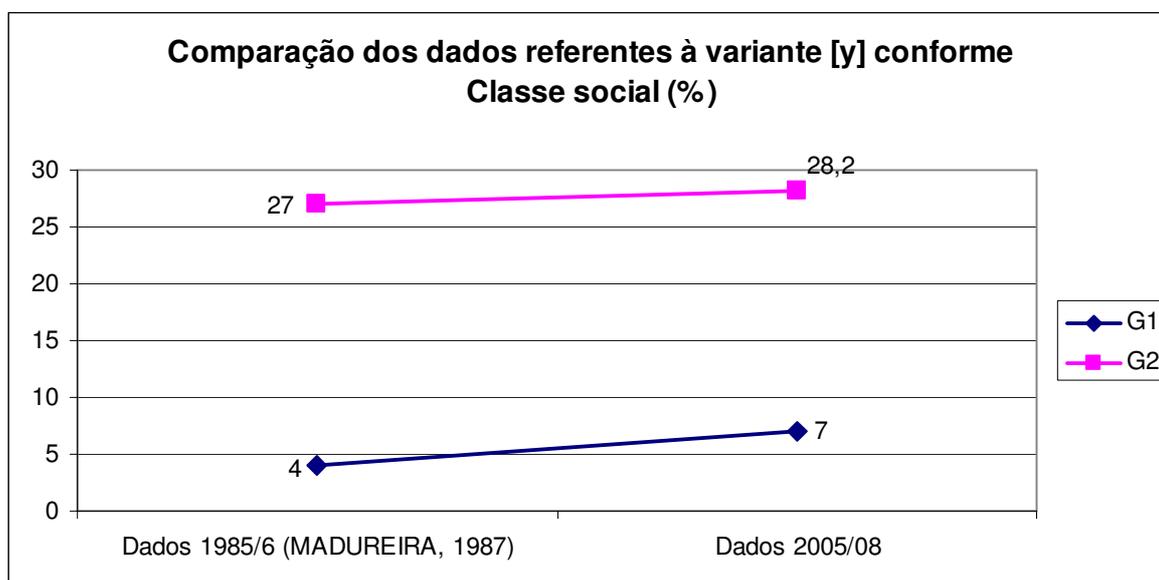


Gráfico 6 – Comparação dos dados referentes à [y] de Madureira (1987) e atuais após retirada de itens classificados como “especialização semântica”

Assim, conforme gráfico 6, conclui-se que não há diferença significativa na utilização de [y] em relação ao grupo social ao qual pertence o informante, fato que leva a concluir que a variação apresenta-se estável.

Passemos à análise da variante [I], que, em comparação à variante padrão, tem seus resultados expressos a seguir:

Tabela 41 – Comportamento da variante [I] conforme grupo social

Parâmetro	[K]		[I]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
G1	564/93,1	.52	42/6,9	.48
G2	583/91,7	.48	53/8,3	.52
TOTAL	1147/	-	95/7,6	-

De acordo com a tabela 41, percebe-se que os PR's apresentam valores próximos, evidenciando o não favorecimento de [I] pelo grupo social ao qual pertencem os informantes. Para confirmação da não interferência do fator *grupo social* na realização dessa variante, realizou-se o cálculo do X^2 , que, pelo seu valor (0,87), confirma que esse fator não possui

significância estatística relacionada à variante [l].

Conclui-se, após o estudo da variável /k/ em relação ao grupo social ao qual o informante pertence, que a análise evidenciou a variante padrão priorizada pelo grupo social alto, e [y] com expressivas ocorrências no grupo social baixo. Por ser uma variante estigmatizada socialmente, G1 apresenta resistência a ela, sendo utilizada apenas em contextos específicos de conotação pejorativa, conforme se viu em 4.1.5, o que caracteriza o uso de [y] como estável.

Soares (2002), ao analisar a comunidade de fala do Marabá (PA), destacou que informantes de renda baixa favorecem [y], enquanto que as variantes mais próximas à padrão são favorecidas pelos informantes de renda média. Resultado semelhante foi encontrado por Oliveira (1983) em Belo Horizonte, uma vez que o autor observou uma preferência do uso da variante vocalizada por falantes de classes baixas.

Ao se compararem os dados de Madureira (1987) e os desta pesquisa, observou-se que não houve diferença significativa de uso da variante [y] em relação ao grupo social entre os dois períodos de tempos, fato que sinaliza estabilidade da variável em Belo Horizonte.

A variante [l], a partir dos dados apresentados, também apresentou comportamento estável na comunidade de fala analisada.

4.2.4 Escolaridade

O nível de escolaridade foi controlado tendo como base três grupos de escolarização (fundamental, médio e superior), independentemente de o informante ter completado ou não todos os anos correspondente a cada grupo. Assim, informantes que cursaram, por exemplo, até a 5ª série, ou estão frequentando um curso superior, foram incluídos, respectivamente nos grupos de *escolaridade, fundamental e superior*.

Tabela 42 – Distribuição das variantes conforme escolaridade do informante

Parâmetros	[k]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Fundamental	325	47,1	298	43,2	45	6,5	22	3,2	690	42,5
Médio	647	87,1	55	7,4	36	4,8	5	0,7	743	45,8
Superior	175	91,6	02	1,0	14	7,3	00	00	191	11,8
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

De acordo com a tabela 42, os informantes que possuem curso superior priorizam a variante padrão, enquanto a variante [y] apresenta alto índice de utilização pelos informantes que possuem apenas o nível fundamental. A variante [l] apresenta números percentuais próximos, o que leva a concluir que essa variante não é influenciada pela escolaridade. Pelo número reduzido de casos, não se pode avaliar o comportamento da variante [ø] frente à escolaridade do informante.

O fator escolaridade é relevante na utilização da variante [y]. À medida que o nível de escolaridade aumenta, a escolha por uma variante “mais adequada” se torna maior, sendo a utilização de variantes estigmatizadas – no caso [y] – restritas a contextos pejorativos ou àqueles cujos itens foram classificados nessa pesquisa como “especialização semântica” (ver seção 4.1.5).

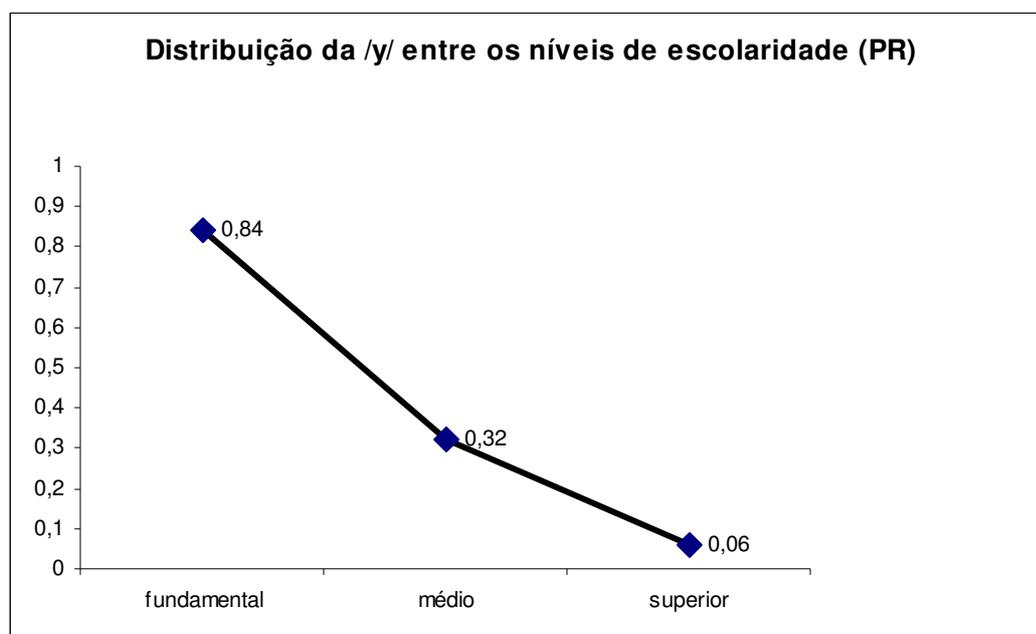


Gráfico 7 – Distribuição da variante [y] entre os níveis de escolaridade

A escolaridade dos informantes está atrelada ao grupo social ao qual eles pertencem, isto é, a maioria dos informantes do G2 possui apenas o ensino fundamental e todos os informantes do G1 possuem ensino médio ou superior. Apesar de todos os informantes da classe social mais alta possuírem alta escolaridade, o mesmo não ocorre com os da classe social mais baixa, em que há três informantes que concluíram o ensino médio. Entre eles, dois são jovens, que não apresentaram realização de [y] em suas falas, e um é um informante da faixa etária mediana, cujas realizações de [y] apresentam, em sua maioria, as mesmas características daquelas que ocorrem com os informantes de grupo social mais alto e

escolarizado. Não foi possível realizar estudo de tendência contemplando o fator escolaridade, pois o mesmo não foi analisado por Madureira (1987).

Como se pode perceber pela análise do fator escolaridade, informantes com baixa escolaridade tendem a utilizar a variante vocalizada, enquanto que, quanto mais alta a escolaridade do informante, mais este irá privilegiar a variante padrão. Soares (2002) também observou a influência da escolaridade sobre a realização das variantes de /ɫ/, destacando que a variante mais próxima ao padrão [ɫy] tende a ser preferida por informantes com maior escolarização, enquanto que [y] é mais utilizada por informantes menos escolarizados.

4.2.5 Conclusões fatores sociais

A análise dos possíveis fatores sociais influenciadores de /ɫ/, evidenciou que a variante padrão ainda é preferida pelos informantes do *corpus* estudado. A variante [ø], por possuir número reduzido de dados, não pôde ser analisada, uma vez que esses dados não trariam resultados capazes de elucidar seu comportamento na comunidade de fala belorizontina. A variante [l] apresentou comportamento estável em relação a todos os fatores sociais analisados, destacando-se o fator idade, que, em comparação a Oliveira (1983), apresentou um retrocesso no processo de extinção previsto por esse autor.

A variante [y] apresentou favorecimentos que permitiram o cruzamento de dados no Goldvarb-X, a fim de se obter o perfil dos informantes que utilizam essa variante, como se pode ver na tabela 43:

Tabela 43 – Comportamento da variante [y], considerando o cruzamento dos fatores sociais

Parâmetros		[ɫ]		[y]	
		Nº / %	PR	Nº / %	PR
Gênero	Masculino	538/70,5	.41	225/29,5	.59
	Feminino	609/82,4	.59	130/17,6	.41
Classe social	G1	564/92,0	.67	49/8,0	.33
	G2	583/65,6	.38	306/34,4	.62
Escolaridade	Fundamental	325/52,2	.10	298/47,8	.90
	Médio	647/92,2	.76	55/7,8	.24
	Superior	175/98,9	.96	02/1,1	.04
Total		1147/76,4	-	355/23,6	-

Assim, o comportamento dos falantes mostrou que os informantes do sexo masculino, de baixa escolaridade e pertencente ao grupo social de menor prestígio são os que mais utilizam a variante vocalizada. Nota-se que o fator escolaridade mostrou-se relevante para o estudo do comportamento da variante vocalizada, já que, à medida que a escolaridade aumenta, a escolha por uma variante “mais adequada” se torna maior, e a essa variante fica reservada a contextos pejorativos ou àqueles cujos itens foram classificados nessa pesquisa como “especialização semântica” (ver item 4.1.5)

A presença da variante [y] no grupo social mais alto, na fala de informantes com escolaridade mais alta, destaca-se em itens como *mulher* (quando utilizado com conotação pejorativa) e *filho* (conotação afetiva ou vocativo), além de algumas realizações do verbo *olhar* como em (32):

(29) “A [muy’ε] quase pediu pelo amor de Deus ao tal do Lindomar, pra oferecer pra ela pelo menos os dois mil e trezentos que ela precisava pra consertar o carro dela”
(Informante RMS)

(30) “O Cláudio é só [muyε´radε] no carnaval.” (Informante AFC)

(31) “Não, eu tenho três [´fiy]. (Informante HLS)

(32) “Fico lá (no quarto) [ɔy´ãdʊ] os papéis dela lá.” (Informante TaSB)

Mesmo que atinja o grupo social mais alto e os informantes mais escolarizados, a propagação dessa variante para outros grupos parece ter restrições de ordem lexical.

Assim, após análise de tempo real (tendência) realizada a partir da comparação dos dados de Madureira (1987) e os dados da presente pesquisa, conclui-se que não houve diferenças significativas de usos da variante [y] durante os vinte anos que separam a sua pesquisa da atual, o que leva a concluir que a variação na comunidade de fala belorizontina está estável.

4.3 Conclusão

Para se verificar o comportamento das variantes de /k/ na comunidade de fala belorizontina foram estabelecidos fatores linguísticos e sociais a partir dos quais se observou se uma determinada variante apresentava-se em processo de implementação, extinção ou estabilização na comunidade estudada.

Dentre os fatores linguísticos analisados, observou-se que, as variantes [y] e [ø], apesar de possuírem contextos fonéticos que favorecedores que estão de acordo com regras fonológicas de mudança, ilustram ocorrências relacionadas a itens específicos como *mulher* e *filho* (no caso de [y]) e *filho* e *filha* (no caso de [ø]), não sendo, portanto, variantes explicáveis pelo contexto fonético em que ocorrem. Já a variante [ɪ] mostrou-se capaz de ser explicada por regras fonológicas, sendo favorecida pelo contexto fonético seguinte composto por vogais frontais e [- arredondadas], destacando-se os contextos [i], [ɛ] e [e] e seus ditongos correspondentes.

Os fatores sociais mostraram que a variante padrão ainda é preferida por grande parte dos informantes do *corpus* estudado. A variante [ø], por possuir número pequeno de ocorrências, não foi analisada por não se poder estabelecer seu comportamento na comunidade de fala estudada belorizontina. A variante [ɪ] apresentou comportamento estável em relação a todos os fatores sociais analisados, destacando-se o fator idade, que, em comparação a Oliveira (1983), apresentou um retrocesso no processo de extinção previsto por esse autor.

A variante [y] exibe um perfil que permite propor que são os homens, de baixa escolaridade e pertencentes ao grupo social de menor prestígio os que mais utilizam a variante vocalizada. O fator escolaridade mostrou-se relevante para o estudo do comportamento da variante vocalizada, pois os dados apresentaram grande uso dessa variante por informantes com baixa escolaridade.

Após análise de tempo real (tendência) realizada a partir da comparação dos dados de Madureira (1987) e os dados da presente pesquisa, conclui-se que não houve diferenças significativas de usos da variante [y] entre os vinte anos que separam a sua pesquisa da atual, o que leva a concluir que a variação na comunidade de fala belorizontina está estável.

Capítulo 5 – Análise da nasal palatal

O *corpus* coletado na comunidade de fala de Belo Horizonte apresentou 3154 dados relacionados à variante nasal palatal, dos quais se distinguem as variantes a seguir:

- (33) “Só [kuˈnesu] praia pela televisão.” (Informante FaCas)
 (34) “Comi a comida [toˈdʒɪɐ] mas com uma pressa [...]” (Informante LFF)
 (35) “Toma [vehˈgõya]. Cê é um homem de quarenta anos...” (Informante RAS)
 (36) “[kamioˈnerɔ] que constrói esse país.” (Informante RVS)
 (37) “Tem hora que eu paro um [powˈki] senão não consigo fazer nada.” (Informante TSB)

A identificação das variantes foi realizada pela percepção do pesquisador, considerando o que foi escutado quando da análise das entrevistas. Ocorrências que causaram dúvidas foram submetidas à apreciação de um juiz. Quando persistiu a dúvida, o dado em questão foi excluído.

Como se pode observar, foram detectadas cinco variantes de /ɲ/ no português belorizontino, sendo classificadas, respectivamente, como: variante nasal palatal [ɲ]; variante apagada com nasalização da vogal precedente [~ø]; variante vocalizada [y]; variante apagada sem nasalização da vogal precedente [ø]; variante referente à redução de *-inho* > *-im* [ĩ].

Tabela 44 – Distribuição das variantes de /ɲ/

Variantes	Ocorrências	
	Nº	%
[ɲ]	654	20,7
[~ø]	1536	48,7
[y]	563	17,9
[ø]	04	0,1
[ĩ]	397	12,6
Total	3154	100

De acordo com a distribuição total das variantes, percebe-se que a variante [~ø] é a mais recorrente na comunidade de fala belorizontina, seguida pelas variantes [ɲ] e [y]. A

variante [ø] por sua vez, é a que possui menor número de ocorrências, não apresentando, assim, valor significativo para a compreensão do comportamento da variável [ɲ]. A variante [ĩ] está relacionada à terminação *-inho* (diminutivo ou não), e por aparecer apenas nesse contexto, apresentou número relativamente pequeno de ocorrências em relação às variantes [ɲ], [~ø] e [y].

Em sua pesquisa, Santiago (2005) considera que a variante [~ø], na realidade, é a variante [y], cujo traço de vocalização foi cancelado. Então, ocorrências do tipo [fa'riɲ] seria uma realização da variante vocalizada em que a semivogal foi apagada da forma [fa'riyø], por exemplo. A ocorrência de apenas uma das vogais é explicada pelo “Princípio do contorno obrigatório” (Obligatory Contour Principle), proposto por Leben (1973) e Goldsmith (1976), que prediz que elementos adjacentes idênticos são proibidos, assim, quando há ocorrência de duas vogais altas adjacentes, esses segmentos se fundem e apenas uma vogal se manifesta.

Nesse trabalho optou-se por distinguir a variante [~ø] da [y], por se acreditar que sejam duas variantes distintas, como observado por Melo (1981) e Aragão (1996), o que impede que se considerem vocábulos que possuam estruturas diferentes (como, por exemplo, [fa'riɲ] e [ˈbãɻɻ]) como realizações da variante vocalizada.

Para posteriores rodadas, optou-se por excluir a variante em que ocorre apagamento sem vocalização da vogal precedente, pois o número pequeno de ocorrências (quatro no total) não se mostrou significativo para a análise.

Como ocorreu com a análise da lateral palatal, para obtenção de pesos relativos, as variantes foram analisadas de duas a duas, isto é, [ɲ] e [~ø], [ɲ] e [y], [ɲ] e [ĩ]. A análise foi assim realizada por se acreditar que as variantes apresentam, dentro da comunidade de fala, comportamentos linguísticos diferenciados frente à variante padrão.

Além da análise em comparação a [ɲ], optou-se por realizar um estudo a parte da variante [ĩ] com o objetivo de se comparar as terminações *-inho* e *-im*, considerando o traço [+/-morfema] pertencente a essas terminações. A análise dessas terminações destaca-se pela necessidade de se levar em conta o *status* de morfema / não-morfema das mesmas na comunidade de fala belorizontina.

5.1 Fatores linguísticos

Considerando a influência do contexto fonético na realização de uma variante linguística, realizou-se a análise dos fatores linguísticos que influenciam o comportamento da

variável nasal palatal. Como especificado no capítulo 3, os fatores linguísticos considerados na análise foram: contexto precedente, contexto seguinte, tonicidade da sílaba onde ocorre o fonema analisado, número de sílabas do vocábulo, morfema e o item lexical. Mais uma vez, a análise foi realizada com base na comparação da variante [ɲ] com as demais variantes separadamente.

A seguir, passa-se à análise detalhada de cada fator linguístico.

5.1.1 Contexto precedente

Como já foi tratado nessa pesquisa, a análise do contexto precedente propõe a verificação de como esse pode afetar a utilização de uma ou outra variante. Os contextos analisados foram [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o] e [u] e as ocorrências nasalizadas [ã], [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ], já que, conforme Cristófar-Silva (2008), o segmento /ɲ/ tende a nasalizar as vogais precedentes ao mesmo.

Para caracterização e confirmação dos contextos favorecedores, optou-se por agrupá-los levando em consideração traços distintivos, propostos por Câmara Jr. (1970), assim como realizado em 4.1.1.

Então, as vogais encontradas no contexto precedente foram agrupadas com o objetivo de se observar traços em comuns entre elas (frontal, posterior e central; [+/-arredondadas]; altura das vogais) e assim, caracterizar melhor os contextos em que ocorre determinada variante.

Iniciando a análise pelo traço referente à posição horizontal da língua durante a realização do segmento, os resultados iniciais estão expressos na tabela 45:

Tabela 45 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frontal	406	15,8	1510	58,8	257	10,0	397	15,4	2570	81,6
Posterior	173	64,6	00	00	95	35,4	00	00	268	8,5
Central	75	24	26	8,3	211	67,6	00	00	312	9,9
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

De acordo com a tabela 45, as vogais frontais favorecem a realização da variante [~ø], enquanto as vogais centrais favorecem a realização da variante [y]. Observa-se pelos dados que a variante [ɲ] é favorecida pelas vogais posteriores, e que variante [ĩ] apresenta comportamento categórico, em que todas suas ocorrências estão relacionadas ao contexto precedente constituído de vogais frontais.

Para confirmação desse resultado, realizou-se o cálculo dos pesos relativos referentes a cada variante. Optou-se, então, por analisar cada variante não-padrão em relação à [ɲ], por acreditar que cada uma das variantes possui comportamento linguístico diferenciado frente à variante padrão.

Os pesos relativos apresentados pela variante [~ø] estão apresentados na tabela 46:

Tabela 46 – Comportamento da variante [~ø] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Frontal	406/21,2	.47	1510/78,8	.53
Central	75/74,3	.91	26/25,7	.09
TOTAL	481/23,8	-	101/5,0	-

Como não se obtiveram ocorrências de [~ø] antecedidas de vogal posterior, e como o mesmo já se mostrou favorecedor da variante padrão na tabela 45, a rodada de dados foi feita apenas considerando os contextos frontais e central, a fim de se comprovar qual contexto favorece [~ø]. Assim, como se pode perceber pela tabela 46, os pesos relativos comprovam o que foi explicitado anteriormente, destacando o favorecimento de [~ø] pelas vogais frontais.

Em relação à variante [y] obtiveram-se os valores expressos na tabela 47:

Tabela 47 – Comportamento da variante [y] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Frontal	406/61,2	.58	257/38,8	.42
Posterior	173/64,6	.61	95/35,4	.39
Central	75/26,2	.24	211/73,8	.76
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

Os valores dos pesos relativos encontrados confirmam o favorecimento de [y] pela

vogal central.

Considerando o traço relacionado ao arredondamento dos lábios durante a articulação das vogais, encontrou-se o resultado expresso na tabela 48:

Tabela 48 – Distribuição das variantes conforme o arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[+arredondado]	173	64,6	00	00	95	35,4	00	00	268	8,5
[-arredondado]	481	16,7	1536	53,3	468	16,2	397	13,8	2882	91,5
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

De acordo com a tabela 48, o traço [+ arredondado] favorece a realização da variante [ɲ], enquanto que o traço [- arredondado] favorece a variante [~ø] cujo resultado apresenta-se categórico em relação a esse traço. A variante [y] é favorecida pelas vogais [+ arredondadas], porém, como se pode perceber, as vogais [+ arredondadas] favorecem mais a variante nasal palatal do que a variante vocalizada. A variante [ĩ] possui comportamento semelhante a variante [~ø] em relação ao arredondamento dos lábios durante a articulação das vogais que a precede, sendo todas as suas ocorrências relacionadas às vogais [- arredondadas].

Para confirmação desses resultados, passou-se à análise dos pesos relativos cujos valores referentes à [y] estão presentes na tabela 49:

Tabela 49 – Comportamento da variante [y] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
[+arredondado]	173/64,6	.61	95/35,4	.39
[-arredondado]	481/50,7	.47	468/49,3	.53
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

As vogais [+ arredondadas] apresentam PR que confirma o favorecimento de [ɲ], e mostram que, ao contrário do que foi exposto na tabela 48, o contexto precedente favorecedor de [y] é aquele constituído por vogais [- arredondadas].

Para concluir a caracterização dos traços favorecedores das variantes de /ɲ/, realizou-

se a rodada relacionada com a altura das vogais que precedem a variante, que apresentou o resultado expresso na tabela 50:

Tabela 50 – Distribuição das variantes conforme a altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[p]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alta	431	18,0	1503	62,9	57	2,4	397	16,6	2388	75,8
Média-alta	148	32,9	07	1,6	295	65,6	00	00	450	14,3
Média-baixa	00	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Baixa	75	24,1	26	8,3	211	67,6	00	00	312	9,9
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

Conforme os dados da tabela 50, as vogais altas favorecem a variante [~ø], apresentando poucos casos relacionados às vogais médias-altas e baixa, sendo, por exemplo, representados por itens como *engenheiro* ([ẽyʒẽ´erõ]) e *banheiro* ([bã´erõ]), respectivamente. Já as vogais médias-altas e baixa favorecem a realização da variante [y]. A variante [ĩ] mais uma vez apresentou resultado categórico em relação ao segmento precedente, sendo todas as suas ocorrências relacionadas ao contexto composto por vogais altas.

A rodada de dados realizada para confirmação dos resultados apresentou, em relação à variante [~ø], os pesos relativos presentes na tabela 51:

Tabela 51 – Comportamento da variante [~ø] em relação à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[p]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Alta	431/22,3	.40	1503/77,7	.60
Média-alta	148/95,5	.98	7/4,5	.02
Baixa	75/74,3	.87	26/25,7	.13
TOTAL	654/29,9	-	1536/70,1	-

Os PR's confirmam o favorecimento de [~ø] pelo contexto precedente constituído por vogais altas.

Em relação à variante [y], a tabela 52 comprova os resultados já apontados, uma vez que os pesos relativos encontrados destacam o favorecimento de [y] pelas vogais médias-altas

e baixa.

Tabela 52 – Comportamento da variante [y] em relação à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Alta	431/88,3	.85	57/11,7	.15
Média-alta	148/33,4	.27	295/66,6	.73
Baixa	75/26,2	.21	211/73,8	.79
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

Tendo em mãos os traços relacionados ao contexto precedente que favorecem as variantes de /ɲ/ analisadas, apresentam-se na tabela 53 os principais contextos favorecedores das variantes:

Tabela 53 – Distribuição das variantes conforme contexto precedente

Contexto precedente	[ɲ]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[ã]	75	24,0	26	8,3	211	67,6	00	00	312	9,9
[ẽ]	51	16,2	07	2,2	257	81,6	00	00	315	10,0
[ĩ]	355	15,7	1503	66,7	00	00	397	17,6	2255	71,6
[õ]	96	71,6	00	00	38	28,4	00	00	134	4,3
[ũ]	70	55,1	00	00	57	44,9	00	00	127	4,0
[o]	01	100	00	00	00	00	00	00	01	0,0
[u]	06	100	00	00	00	00	00	00	06	0,2
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

Considerando o comportamento de /ɲ/ frente aos contextos analisados, esperava-se que, conforme o processo fonético de assimilação, os contextos frontais, [- arredondados] e [+ altos] influenciassem as realizações das variantes [~ø], [y] e [ĩ]. Após a análise dos dados notou-se que as variantes [~ø] e [ĩ] apresentaram comportamento linguístico esperado em relação aos três traços analisados, destacando-se o contexto [ĩ] como favorecedor dessas variantes. Já a variante [y] apresentou comportamento esperado conforme regras fonológicas

apenas pelo traço [- arredondado], no qual se sobressaíram, conforme tabela 53, os contextos [ã] e [ẽ].

Destaca-se, aqui, o grande número de itens no diminutivo (-inho/-inha) que se realizam com a variante [~ø] e a grande recorrência do verbo *ter* (pretérito imperfeito *tinha*) e do pronome possessivo *minha*. Considerando a influência desses itens, decidiu-se realizar uma rodada dos dados sem os mesmos com a intenção de se obter um resultado mais preciso sobre a influência de [ĩ] sobre a variante [~ø].

Tabela 54 – Comportamento da variante [~ø] em relação à altura da língua durante a realização do segmento após retirada de possíveis itens influenciadores

Vogais	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Alta	157/31,7	.26	338/68,3	.74
Média-alta	148/95,5	.94	7/4,5	.06
Baixa	75/74,3	.69	26/25,7	.31
TOTAL	380/50,6	-	371/49,4	-

Os resultados da tabela 54 corroboram aqueles encontrados quando da análise dos traços favorecedores da variante [~ø], pois, mesmo com a exclusão dos itens *minha* e *tinha* e daqueles que possuem morfema indicador de diminutivo, manteve-se o favorecimento dessa variante pelas vogais frontais, [- arredondadas] e altas.

Concluindo, a análise do contexto precedente demonstrou que o processo de variação da nasal palatal é influenciado pelo contexto precedente, uma vez que a variação possui fundamentação fonética/fonológica, principalmente em relação às variantes [~ø] e [ĩ], em que todos os traços favorecedores estão de acordo com a regra fonológica de assimilação. Já a variante [y] apresentou favorecimento explicável fonologicamente apenas pelo traço [- arredondado]. Soares (2002), ao analisar o comportamento da nasal palatal em Marabá-Pará, obteve resultados semelhantes, destacando o desfavorecimento de [ɲ] pela vogal alta frontal [ĩ].

Por fim, observou-se a possível influência de palavras no diminutivo e dos itens *minha* e *tinha* nos resultados referentes ao contexto precedente em relação à variante [~ø]. Uma nova rodada de dados sem esses itens evidenciou que os mesmos não interferiam nos resultados, comprovando, assim, o favorecimento fonético pelos contextos analisados.

5.1.2 Contexto seguinte

Os contextos seguintes analisados foram [a], [ɐ], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u], [ʊ], [ũ], [ĩ], [õ], [ã] e [ẽ], e os ditongos correspondentes. Para a análise do contexto seguinte mais uma vez lançou-se mão dos traços distintivos (CÂMARA JR., 1970) com a finalidade de se agruparem as vogais de acordo com traços que possuam em comum, tendo em vista a caracterização do contexto favorecedor de determinada variante. Como na análise do contexto precedente, foram considerados os seguintes traços: posição da língua na dimensão horizontal durante a realização do segmento (frontal, posterior e central), o arredondamento dos lábios [+/-arredondadas], e a altura das vogais.

Começando a análise pelo traço referente à posição horizontal da língua durante a realização do segmento, os resultados iniciais estão presentes na tabela 55:

Tabela 55 – Distribuição das variantes conforme a posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frontal	169	42,4	171	42,9	59	14,8	00	00	399	12,7
Posterior	131	12,8	181	17,7	314	30,7	397	38,8	1023	32,5
Central	354	20,5	1184	68,5	190	11,0	00	00	1728	54,9
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

Conforme a tabela 55, nota-se que as vogais frontais apresentam percentuais de favorecimento próximos em relação às variantes [ɲ] e [~ø]. Já a vogal central aparece como favorecedora da variante [~ø]. Analisando o comportamento de [y] e [ĩ], observa-se que as duas variantes são favorecidas pelas vogais posteriores, sendo que [ĩ] apresenta comportamento categórico em relação a esse traço.

Para confirmação desse resultado, realizou-se o cálculo dos pesos relativos referentes a cada variante. Cabe lembrar que, para essa pesquisa, optou-se por analisar cada variante não-padrão em relação à [ɲ], por se acreditar que uma das variantes apresentam comportamento fonético/fonológico diferenciado.

A análise dos pesos relativos referentes à variante [~ø], apresentou os seguintes resultados:

Tabela 56 – Comportamento da variante [~ø] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Frontal	169/49,7	.71	171/50,3	.29
Posterior	131/42,0	.64	181/58,0	.36
Central	354/23,0	.42	1184/77,0	.58
TOTAL	654/29,9	-	1536/70,1	-

Nota-se que os PR's encontrados corroboram o favorecimento de [~ø] pela vogal central.

A variante [y], que se mostrou favorecida pelos segmentos seguintes relacionados às vogais posteriores, teve esse resultado comprovado pelo valor do peso relativo, que foi igual a .74 (tabela 57).

Tabela 57 – Comportamento da variante [y] em relação à posição horizontal da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Frontal	169/74,1	.71	59/25,9	.29
Posterior	131/29,4	.26	314/70,6	.74
Central	354/65,1	.61	190/34,9	.39
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

O segundo traço analisado refere-se ao arredondamento dos lábios. Os resultados iniciais estão presentes na tabela 58:

Tabela 58 – Distribuição das variantes conforme o arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[+arredondado]	117	11,7	174	17,4	310	31,1	397	39,8	998	31,7
[-arredondado]	537	25,0	1362	63,3	253	11,8	00	00	2152	68,3
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

Conforme tabela 58, as vogais possuidoras do traço [+arredondado] são favorecedoras da variante [ĩ] (que apresentou resultados categóricos), e da variante [y]. As vogais [-

arredondadas] são favorecedoras da variante [~ø].

Para confirmação desses resultados, procedeu-se à análise dos pesos relativos, que em relação à variante [~ø] apresentaram os seguintes valores:

Tabela 59 – Comportamento da variante [~ø] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
[+arredondado]	117/40,2	.61	174/59,8	.39
[-arredondado]	537/28,3	.48	1362/71,7	.52
TOTAL	654/29,9	-	1536/70,1	-

Conforme tabela 59, nota-se que o resultado apresentado anteriormente é confirmado pelos pesos relativos encontrados, já que destaca o favorecimento de [~ø] pelas vogais [-arredondadas].

Já a variante [y], que apontou favorecimento pelo ambiente seguinte constituído por vogais [+ arredondadas], apresentou pesos relativos presentes na tabela 60:

Tabela 60 – Comportamento da variante [y] em relação ao arredondamento dos lábios durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
[+arredondado]	117/27,4	.25	310/72,6	.75
[-arredondado]	537/68,0	.65	253/32,0	.35
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

Os pesos relativos relatados comprovam o favorecimento de [y] pelas vogais possuidoras do traço [+arredondado].

O último traço a ser analisado está relacionado com a altura em que as vogais ocorrem dentro da cavidade bucal. Esse traço apresentou a seguinte distribuição entre as variantes:

Tabela 61 – Distribuição das variantes conforme à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alta	57	6,2	160	17,4	303	33,0	397	43,3	917	29,1
Média-alta	168	43,0	171	43,7	52	13,3	00	00	391	12,4
Média-baixa	61	68,5	14	15,7	14	15,7	00	00	89	2,8
Baixa	368	21	1191	67,9	194	11,1	00	00	1753	55,7
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

Conforme a tabela 61, percebe-se que as vogais altas favorecem a variante [ĩ], seguida da variante [y]. O comportamento das variantes [ɲ] e [~ø] é muito próximo em relação às vogais médias-altas. As vogais médias-baixas favorecem a variante [ɲ], enquanto que a baixa favorece a variante [~ø].

Os valores dos pesos relativos de [~ø] encontrados para a confirmação desses resultados foram expressos na tabela 62:

Tabela 62 – Comportamento da variante [~ø] em relação à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Alta	57/26,3	.47	160/73,7	.53
Média-alta	168/49,6	.71	171/50,4	.29
Média-baixa	61/81,3	.91	14/18,7	.09
Baixa	368/23,6	.43	1191/76,4	.57
TOTAL	654/29,9	-	1536/70,1	-

Nota-se que a vogal baixa é favorecedora da variante [ø], o que é confirmando pelo peso relativo (PR .57). Porém, o valor do peso relativo referentes às vogais altas (PR .53), mostra que essa variante também é favorecida por vogais altas.

Pelo resultado apresentado na tabela 63 as vogais altas apresentaram PR favorecedor da variante [y], corroborando o resultado apresentado anteriormente.

Tabela 63 – Comportamento da variante [y] em relação à altura da língua durante a realização do segmento

Vogais	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Alta	57/15,8	.15	303/84,2	.85
Média-alta	168/76,4	.74	52/23,6	.26
Média-baixa	61/81,3	.80	14/18,7	.20
Baixa	368/65,5	.63	194/34,5	.37
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

A partir desses resultados, verificaram-se os contextos seguintes específicos, com o objetivo de se observar a influência dos mesmos nos resultados referente a cada variante analisada. Os valores referentes a cada contexto estão presentes na tabela 64:

Tabela 64 – Distribuição das variantes conforme contexto seguinte

Contexto seguinte	[ɲ]		[-ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[a]	40	46,0	09	10,3	38	43,7	00	00	87	2,8
[ɐ]	294	19,3	1164	76,6	62	4,1	00	00	1520	48,3
[ɛ]	36	70,6	01	2,0	14	27,5	00	00	51	1,6
[e]	121	38,9	153	49,2	37	11,9	00	00	311	9,9
[õ]	01	100	00	00	00	00	00	00	01	0,0
[ɔ]	25	65,8	13	34,2	00	00	00	00	38	1,2
[o]	28	80,0	01	2,9	06	17,1	00	00	35	1,1
[ɔ̃]	56	6,4	124	14,2	295	33,8	397	45,5	872	27,7
[ã]	20	16,5	11	9,1	90	74,4	00	00	121	3,8
[ẽ]	04	36,4	07	63,6	00	00	00	00	11	0,3
[ũ]	01	2,2	36	80,0	08	17,8	00	00	45	1,4
[ow]	06	85,7	00	00	01	14,3	00	00	07	0,2
[ey]	08	30,8	10	38,5	08	30,8	00	00	26	0,8
[ãw]	14	56,0	07	28,0	04	16,0	00	00	25	0,8
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

Conforme o processo fonético de assimilação, esperava-se que os contextos seguintes, [- arredondados] e [+ altos] influenciassem as realizações das variantes de /ɲ/. A variante [-ø]

apresentou comportamento esperado apenas em relação ao arredondamento dos lábios, destacando-se o contexto [ɐ]. A variante [ĩ]¹², também apresentaram favorecimento explicável pelo processo de assimilação por apenas um traço, [+alto], destacando-se o contexto seguinte [ʊ]. Já [y] apresentou-se favorecida pelos contextos seguintes altos, além do segmento [ã].

Cabe lembrar a influência nos resultados das palavras no diminutivo (com o sufixo – *inha / -inho*), do verbo *ter* (pretérito imperfeito *tinha*) e do pronome possessivo *minha*, que são itens frequentes no *corpus*. Para confirmar a influência desses itens nos resultados, realizou-se uma rodada dos dados retirando-os do *corpus*. Essa nova rodada mostrou que esses itens influenciam o resultado relacionado ao contexto seguinte [ɐ], e aponta para o favorecimento da variante pelas vogais médias-altas. Além disso, confirma o favorecimento da variante [~∅] pelo contexto seguinte alto [ʊ].

Tabela 65 – Comportamento da variante [~∅] em relação à altura da língua durante a realização do segmento, após retirada de itens influenciadores

Vogais	[ɲ]		[~∅]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Alta	48/30,8	.30	108/69,2	.70
Média-alta	168/49,6	.49	171/50,4	.51
Média-baixa	61/81,3	.81	14/18,7	.19
Baixa	103/56,9	.56	43,178/	.44
TOTAL		-	371/49,4	-

As vogais que menos favorecem [~∅] são as médias-baixas, como apresentadas em (38) e (39), que tendem a manter o som [ɲ] :

(38) “Assim, eu sou um pouco [vehgõ´ɲɔzɐ]” (Informante DEN)

(39) “[sẽ´ɲɔrɐ] vai precisar buscar alguma coisa?” (Informante ARS)

Concluindo, os resultados apresentados pela análise do contexto seguinte à variável /ɲ/ mostraram que as variantes [~∅] e [ĩ] apresentam pelo menos um traço favorecedor que está de acordo com o processo de assimilação, e que, em todos os casos, há predominância dos contextos constituídos pelos segmentos [ɐ] ou [ʊ]. Mesmo com a retirada dos itens possuidores de morfema indicador de diminutivo e dos itens *tinha* e *minha*, a variante [~∅]

¹² Destaca-se, aqui, que todas as ocorrências da variante [ĩ] estão relacionadas à terminação *-inho* (diminutivo ou não).

continuou favorecida pelo contexto [ʊ], havendo uma pequena diminuição do favorecimento de [ɐ]. Porém, mesmo havendo explicação fonética, não se pode dizer que as variantes são influenciadas pelos mesmos, já que os contextos constituídos por vogais baixas e alta posterior são muito recorrentes na posição pós nasal palatal. Além disso, Soares (2002) encontrou resultados opostos ao desta pesquisa, destacando a manutenção da nasal exatamente pelos segmentos vocálicos baixos [a,ɐ,ã] e alto posterior [ʊ]. Assim, conclui-se que o contexto seguinte não é favorecedor das variantes de /ɲ/.

5.1.3 Tonicidade

A tonicidade da sílaba onde ocorre a variável pode determinar o uso de uma ou outra variante, uma vez que, conforme estudos relacionados à mudança linguística, as sílabas átonas são propensas aos processos de mudança. Assim, a tonicidade da sílaba foi analisada com a finalidade de se observar se há relação entre a utilização de uma determinada variante e a tonicidade da sílaba em que a mesma ocorre.

O comportamento das variantes em relação à tonicidade da sílaba está expresso na tabela 66:

Tabela 66 – Distribuição das variantes conforme tonicidade da sílaba

Parâmetros	[ɲ]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Tônica	220	35,0	236	37,6	172	27,4	00	00	628	19,9
Pós-tônica	347	14,5	1292	54,1	354	14,8	397	16,6	2390	75,9
Pré-tônica	87	65,9	08	6,1	37	28,0	00	00	132	4,2
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

Pelos resultados, percebe-se que a posição pós-tônica é aquela que mais favorece [~ø], e a posição pré-tônica é favorecedora da variante [ɲ]. A posição tônica apresenta números percentuais próximos em relação às variantes [ɲ], [~ø] e [y]. A variante [ĩ] apresenta todas as suas ocorrências em posição pós-tônica, característica da terminação *-inho* (diminutivo ou não).

Para confirmação desses resultados, calcularam-se os pesos relativos, cujos resultados

referentes à variante [~ø] foram expressos na tabela 67:

Tabela 67 – Comportamento da variante [~ø] em relação à tonicidade da sílaba

Parâmetro	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Tônica	220/48,2	.69	236/51,8	.31
Pós-tônica	347/21,2	.40	1292/78,8	.60
Pré-tônica	87/91,6	.96	8/8,4	.04
TOTAL	654	-	1536/70,1	-

Os valores dos PR's corroboram os resultados apresentados anteriormente, destacando o favorecimento de [~ø] pela posição pós-tônica.

Porém, mais uma vez, destaca-se a influência de certos itens nos resultados apresentados pela variante [~ø], pois parece haver grande influência dos sufixos diminutivos *-inhol-inha* e dos itens *minha* e *tinha*, já que esses contextos são sempre pós-tônicos. Para testar a influência desses itens, mais uma vez foi realizada uma rodada de dados em que os mesmos foram retirados, como pode ser visto na tabela 68:

Tabela 68 – Comportamento da variante [~ø] em relação à tonicidade da sílaba após retirada de itens influenciadores

Parâmetro	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Tônica	219/48,2	.45	235/51,8	.55
Pós-tônica	74/36,5	.34	129/63,5	.66
Pré-tônica	87/92,6	.92	07/7,7	.08
TOTAL	380/50,6	-	371/49,4	-

Mesmo com o aumento da porcentagem de favorecimento em posição tônica, o peso relativo apresentado confirma o favorecimento de [~ø] em posição pós-tônica. Porém, houve aumento do peso relativo referente à posição tônica, o que mostra que essa posição também poderia influenciar a variante. Assim, percebe-se que os itens retirados da análise podem estar influenciando os resultados.

Para melhor observação dos dados em relação à tonicidade da sílaba, realizou-se uma rodada sem *-inhol-inha* e dos itens *minha* e *tinha* considerando apenas os contextos tônicos e átonos, cujos resultados foram expressos na tabela 69:

Tabela 69 – Comportamento da variante [~ø] em relação à tonicidade da sílaba após retirada de itens influenciadores (contextos tônicos e átonos)

Parâmetro	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Tônica	219/48,2	.48	235/51,8	.52
Átona	161/54,2	.54	136/45,8	.46
TOTAL	380/50,6	-	371/49,4	-

Os novos pesos relativos destacam um pequeno favorecimento de [~ø] pelas vogais tônicas. Porém, como os pesos apresentam-se próximos à neutralidade, pode-se dizer que, ao se retirarem possíveis itens influenciadores de [~ø], a tonicidade da sílaba em que a variante ocorre não favorece a realização da mesma.

Durante a análise, notou-se que um pequeno número de dados relacionados à variante [~ø] apresentavam favorecimento relacionado à posição pré-tônica. Ao se observar os dados, percebeu-se que todas as ocorrências relativas à posição pré-tônica foram referentes ao aumentativo do item *dinheiro*.

(40) “E eu com aquele [dĩe´rãw]... foi uma loucura!” (Informante SCMS)

Análise referente ao comportamento da variante [y] em relação à nasal palatal, apresentou pesos relativos (tabela 70) que destacam o favorecimento dessa variante quando a mesma ocorre em posição pós-tônica,

Tabela 70 – Comportamento da variante [y] em relação à tonicidade da sílaba

Parâmetro	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Tônica	220/56,1	.52	172/43,9	.48
Pós-tônica	347/49,5	.46	354/50,5	.54
Pré-tônica	87/70,2	.67	37/29,8	.33
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

Porém, mesmo que haja favorecimento de [y] pela posição pós-tônica, a posição tônica apresentou peso relativo próximo à neutralidade. Então, para melhor compreensão da influência da tonicidade sobre [y] realizou-se uma nova rodada de dados considerando apenas

as posições tônica e átona. O resultado está expresso na tabela 71:

Tabela 71 – Comportamento da variante [y] em relação à tonicidade da sílaba após retirada de itens influenciadores (contextos tônicos e átonos)

Parâmetro	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Tônica	220/56,1	.52	172/43,9	.48
Átona	434/52,6	.49	391/47,4	.51
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

Após a análise entre as sílabas *tônica* e *átona*, notou-se que os pesos relativos se encontraram próximos à neutralidade, o que comprova que a tonicidade da sílaba não influencia a variante vocalizada.

Conforme regras fonológicas, esperava-se que a sílaba átona favorecesse a realização das variantes, pois, quanto mais distante o segmento estiver da sílaba tônica, mais suscetível a processos fonológicos o mesmo estará. Após uma primeira análise dos dados constatou-se que todas as variantes apresentam favorecimento pela sílaba átona da palavra, especificamente pela sílaba pós-tônica, como era esperado. Os dados da presente pesquisa mostraram a posição pré-tônica como favorecedora de [ɲ], resultado contrário ao encontrado por Soares (2002) que, em seus dados, concluiu que a posição átona desfavorece a nasal palatal.

Porém, mesmo que a posição pós-tônica tenha se apresentado como favorecedora das variantes de /ɲ/, cabe ressaltar que nos casos de [~ø] (após a retirada dos itens no diminutivo e de *minha* e *tinha*) e [y] apresentaram pesos relativos em relação à sílaba tônica próximo à neutralidade, podendo também favorecer essas variantes. Após uma nova rodada de dados, em que se consideraram apenas os contextos tônicos e átonos, os resultados mostraram que [ø] e [y] não sofrem favorecimento da tonicidade da sílaba em que ocorrem. Em relação à [ĩ], todas as suas ocorrências estão relacionadas à terminação [ĩɲʊ] (diminutivo ou não), que sempre ocorre em posição pós-tônica.

De acordo com esses resultados, a tonicidade da sílaba em que a variável ocorre é fator influenciador da variante [ĩ], mas não se pode esquecer que, como todas as ocorrências dessa variante apresentam-se em posição pós-tônica, o favorecimento de [ĩ] pode estar mais relacionado ao contexto precedente do que à tonicidade da sílaba. A variante [~ø] apresentou-se favorecida pela posição pós-tônica, porém, esse resultado poderia estar sendo influenciados por certos itens. Assim, ao se retirarem possíveis itens influenciadores do resultado referentes

à [~ø], chegou-se à conclusão que essa variante não é influenciada pela tonicidade da sílaba. E, por final, a análise entre tônicas e átonas demonstrou que a [y] também não é favorecida pela tonicidade.

5.1.4 Número de sílabas

O número de sílabas dos itens pesquisados foi analisado com o objetivo de se estabelecer relação entre o uso de uma variante e a extensão do item em que ela ocorre. Segundo Mollica “os segmentos tendem à não realização quando as cadeias vocabulares são grandes” (MOLLICA, 1992, p.56). Para a análise da influência da extensão de um vocábulo na realização de uma determinada variante, os vocábulos foram classificados em dissílabos, trissílabos e polissílabos.

Tabela 72 – Distribuição das variantes conforme o número de sílabas

Parâmetros	[p]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Dissílabos	279	17,6	899	56,7	397	25,1	07	0,4	1582	50,2
Trissílabos	269	23,9	487	43,3	128	11,4	240	21,4	1124	35,7
Polissílabos	106	23,9	150	33,8	38	8,6	150	33,8	444	14,1
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

De acordo com os resultados apresentados na tabela 72 chega-se à conclusão de que os vocábulos dissílabos são favorecedores de [~ø]. Quanto á variante [y], o seu comportamento em relação ao número de sílabas da palavra apresentou favorecimento da mesma pelos vocábulos dissílabos. Já a variante [ĩ] é favorecida pelos vocábulos por vocábulos extensos polissílabos e trissílabos.

Os pesos relativos de [y] obtidos quando da análise binária com a variante [p], comprova o favorecimento da variante vocalizada pelos vocábulos dissílabos, como expresso na tabela 73:

Tabela 73 – Comportamento da variante [y] em relação ao número de sílabas

Parâmetro	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Dissílabos	279/41,3	.37	397/58,7	.63
Trissílabos	269/67,8	.64	128/32,2	.36
Polissílabos	106/73,6	.70	38/26,4	.30
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

Porém, o resultado referente aos vocábulos dissílabos pode estar sendo influenciado pelo item *tenho*, já que o mesmo possui alta frequência no *corpus* analisado. Para observar a influência desse item, foi realizada rodada de dados sem os mesmos. O resultado está presente na tabela 74:

Tabela 74 – Comportamento da variante [y] em relação ao número de sílabas após retirada de itens influenciadores

Parâmetro	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Dissílabos	254/58,3	.43	182/41,7	.57
Trissílabos	269/67,8	.53	128/32,2	.47
Polissílabos	106/73,6	.60	38/26,4	.40
TOTAL	629/64,4	-	348/35,6	-

Após a retirada do item *tenho*, o resultado referente ao favorecimento dos vocábulos dissílabos se manteve, o que leva a concluir que o mesmo não está influenciando os resultados de [y] em relação ao número de sílabas.

Em relação à variante [~ø], foram encontrados os seguintes valores quando da comparação com a variante [ɲ]:

Tabela 75 – Comportamento da variante [~ø] em relação ao número de sílabas

Parâmetro	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Dissílabos	279/23,7	.43	899/76,3	.57
Trissílabos	269/35,6	.57	487/64,4	.43
Polissílabos	106/41,4	.63	150/58,6	.37
TOTAL	654/29,9	-	1536/70,1	-

Os pesos relativos obtidos por meio da análise de [ɲ] e [~ø] comprovaram o favorecimento da segunda por vocábulos dissílabos. Porém, o grande número de ocorrência de *tinha* e *minha* poderia estar influenciando esses resultados, o que levou a uma nova rodada dos dados, com a exclusão desses itens. O resultado passou à seguinte configuração:

Tabela 76 – Comportamento da variante [~ø] em relação ao número de sílabas após retirada de itens influenciadores

Parâmetro	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Dissílabos	92/61,7	.71	57/38,3	.29
Trissílabos	269/35,6	.45	487/64,4	.55
Polissílabos	106/41,4	.51	150/58,6	.49
TOTAL	467/40,2	-	694/59,8	-

Com a retirada dos vocábulos *minha* e *tinha*, os itens favorecedores da variante passaram a ser aqueles que possuem maior extensão vocálica, o que salienta a influência dos vocábulos *minha* e *tinha* nos resultados referentes às palavras dissílabas.

A análise da variante da variante [ĩ] em relação à nasal palatal apresentou resultado presente na tabela 77:

Tabela 77 – Comportamento da variante [ĩ] em relação ao número de sílabas

Parâmetro	[ɲ]		[ĩ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Dissílabos	279/97,6	.94	7/2,4	.06
Trissílabos	269/52,8	.30	240/47,2	.70
Polissílabos	106/41,4	.21	150/58,6	.79
TOTAL	654/62,2	-	397/37,8	-

A variante [ĩ], como já observado, é favorecida por vocábulos que possuem maior número de sílabas, sendo altamente favorecida por vocábulos polissílabos e, também, por vocábulos trissílabos, o que é comprovado pelos pesos relativos apresentados na tabela 77.

Em resumo, após a análise do número de sílabas, a variante [y] mostrou-se favorecida por palavras que possuem menor número de sílabas, isto é, por palavras dissílabas, resultado que se manteve mesmo com a retirada do item dissílabo *tenho*, que é recorrente no *corpus*. Assim, conclui-se que a variação em direção a [y] não possui explicação de acordo com o esperado em relação ao número de sílabas.

A variante [~ø] que, em um primeiro momento, também se apresentou favorecida por dissílabos, era na realidade, influenciada pelos vocábulos *minha* e *tinha* que apresentam grande ocorrência no *corpus*. Após a retirada desses itens da análise, o resultado encontrado mostrou que [~ø] é influenciada, como esperado, por vocábulos extensos. O mesmo ocorre com a variante [ĩ] que se mostrou favorecida por vocábulos trissílabos e polissílabos.

5.1.5 Traços [+/- morfema] e [+/- familiar]

Nesta seção apresenta-se uma análise acerca dos itens que possuem a terminação – *inho* (diminutivo ou não). Para tanto, os dados foram reorganizados a fim de se observar o possível avanço de [ĩ] em relação a –*inho*. Dessa nova organização foram encontradas 524 ocorrências referentes à variável /ĩɲʊ/, distribuídas da seguinte forma:

Tabela 78 – Distribuição das variantes de /ĩɲʊ/

Variantes	Ocorrências	
	Nº	%
[ĩɲʊ]	23	4,4
[ĩøʊ]	104	19,8
[ĩ]	397	75,8
Total	524	100

(41) “aí sai uma portaria com seu nome tudo [dĩrey´tʃĩɲʊ]. (Informante TSB)

(42) “no sábado... é o [seh´zĩø] Groisman e o Jô Soares. (Informante RMS)

(43) “a gente vai ter que ter um [pow´kĩ] de paciência. (Informante VFD)

Os dados revelam que a variante [ĩ] possui valores altos de utilização, o que nos leva querer entender como se dá o avanço dessa variante na comunidade de fala analisada. Para posteriores rodadas no Goldvarb-X, as variantes [ĩɲʊ] e [ĩøʊ] foram consideradas uma única variante, para que, em seguida, fosse comparada às ocorrências de [ĩ], apresentando os resultados explicitados no gráfico 8.

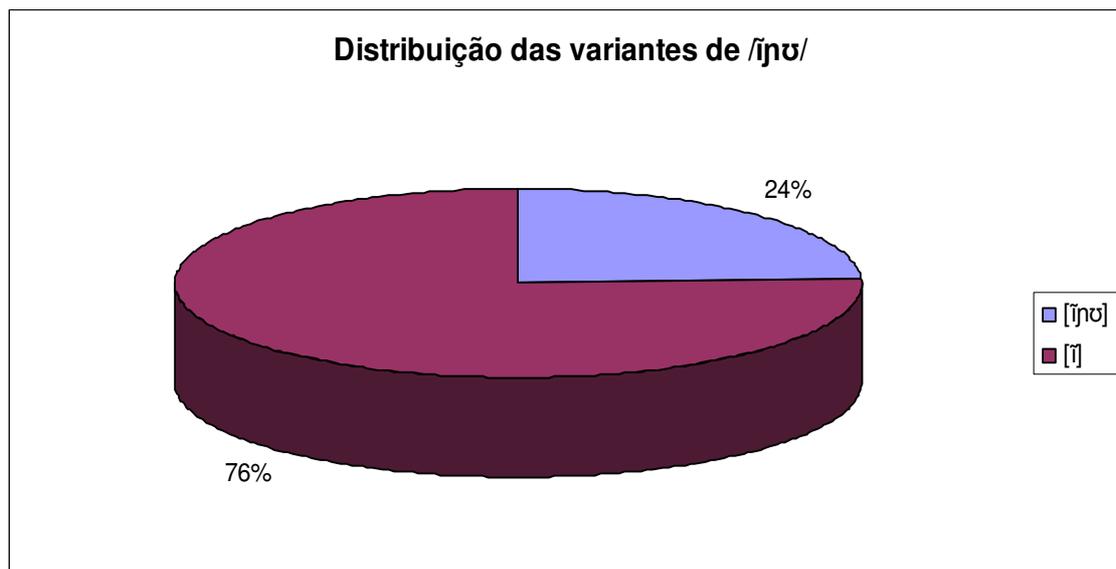


Gráfico 8 – Distribuição das variantes de /ɨ̃ɐ̃/

Como o contexto precedente não pode explicar o favorecimento de uma ou outra variante, uma vez que ambas são precedidas pelo contexto [ɨ̃], optou-se pela escolha de dois novos fatores linguísticos capazes de esclarecer o comportamento da variante [ɨ̃] na comunidade estuda. Assim, optou-se pelos traços [+/- morfema] e [+/- familiar].

A análise do traço [+/- morfema] partiu da observação de itens que possuíam a terminação *-inho* (e a mesma não era morfema indicador de diminutivo) e que ilustravam a redução *-inho* > *-im*. Portanto, decidiu-se considerar esse traço a fim de se saber qual é a influencia do morfema *-inho* na realização da variante [ɨ̃].

Então, considerando apenas as palavras terminadas *-inho* (morfema ou não), os dados apresentaram a distribuição presente na tabela 79:

Tabela 79 – Comportamento da variante [ɨ̃] conforme o traço [+/- morfema]

Morfema <i>-inho</i>	[ɨ̃ɐ̃]		[ɨ̃]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Sim	65/15,4	.38	356/84,6	.62
Não	62/60,2	.85	41/39,8	.15
TOTAL	127/24,2	-	397/75,8	-

Como se pode observar, os itens possuidores do traço [+ morfema] são favorecedores da variante [ɨ̃], apresentando peso relativo que comprova esse favorecimento.

Porém, foram 103 ocorrências de itens portadores do traço [- morfema] que se realizavam como *-im*. Essas ocorrências se dão em palavras específicas, sendo o caso dos itens *carinho*, *sobrinho*, *sozinho*, *vinho* e *vizinho*, que apesar de não possuírem o traço [+ morfema], apresentam variação em direção à variante [ĩ].

(44) “(...) o que devia ser feito com a turma toda, fiz [sɔ'zĩ].” (Informante AFC)

(45) “(...) chegava uma hora que o [vĩ] nem descia mais.” (Informante DSSB)

(46) “Mas tudo tem o maior [ka'ri] com ele.” (Informante RAS)

(47) “Porque meu [su'brĩ] teve lá há uns dois anos atrás.” (Informante SRFF)

(48) “Eu tenho uns [vi'zĩ] muito bons, Léo.” (Informante VLC)

Essa variação pode ser explicada pela influência que os contextos antecedentes exercem sobre a variante e pelo fato de, uma vez que a redução do morfema *-inho* > *-im* ser favorecida da comunidade de fala estudada, o que parece ocorrer é que o falante tende a realizar ocorrências de *-inho* [- morfema] da mesma forma que realiza o morfema.

O segundo traço analisado está relacionado ao traço [+/- morfema], e diz respeito à familiaridade do informante sobre o quê ou a quem ele está se referindo, sendo caracterizado como [+/- familiar]. A escolha pela análise desse traço partiu da observação de itens possuidores de morfema *-inho* que, em grande parte, estavam relacionados a nomes próprios ou apelidos. Esses itens são hipocorísticos, isto é, flexão de diminutivo de um nome próprio utilizadas para se referir a amigos ou pessoas com quem se tem certa familiaridade.

(49) “Ele estudava lá no colégio Santo [awgus'ti].” (Informante RAS)

(50) “Ligou aquelas caixonas assim, e ligou o CD do [seh'zĩ].” (Informante LFF)

Os resultados referentes ao traço [+/- familiar] foram apresentados na tabela 80:

Tabela 80 – Comportamento da variante [ĩ] conforme o traço [+/- familiar]

Familiar	[ĩɾɔ]		[ĩ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Sim	05/8,6	.23	53/91,4	.77
Não	122/26,2	.54	344/73,8	.46
TOTAL	127/24,2	-	397/75,8	-

Os valores expressos pelo peso relativo, quando da comparação com [ĩ̃ɸ], confirmam que os itens possuidores do traço [+ familiar] também favorecem a variante [ĩ̃], o que já era esperado, uma vez que os mesmos itens estão relacionados ao morfema indicador de diminutivo *-inho*, que já se mostrou favorecedor da variante [ĩ̃].

Para confirmação do favorecimento do traço [+ morfema] sobre o [+ familiar], realizou-se um cruzamento de dados cujos resultados estão expressos no gráfico 9:

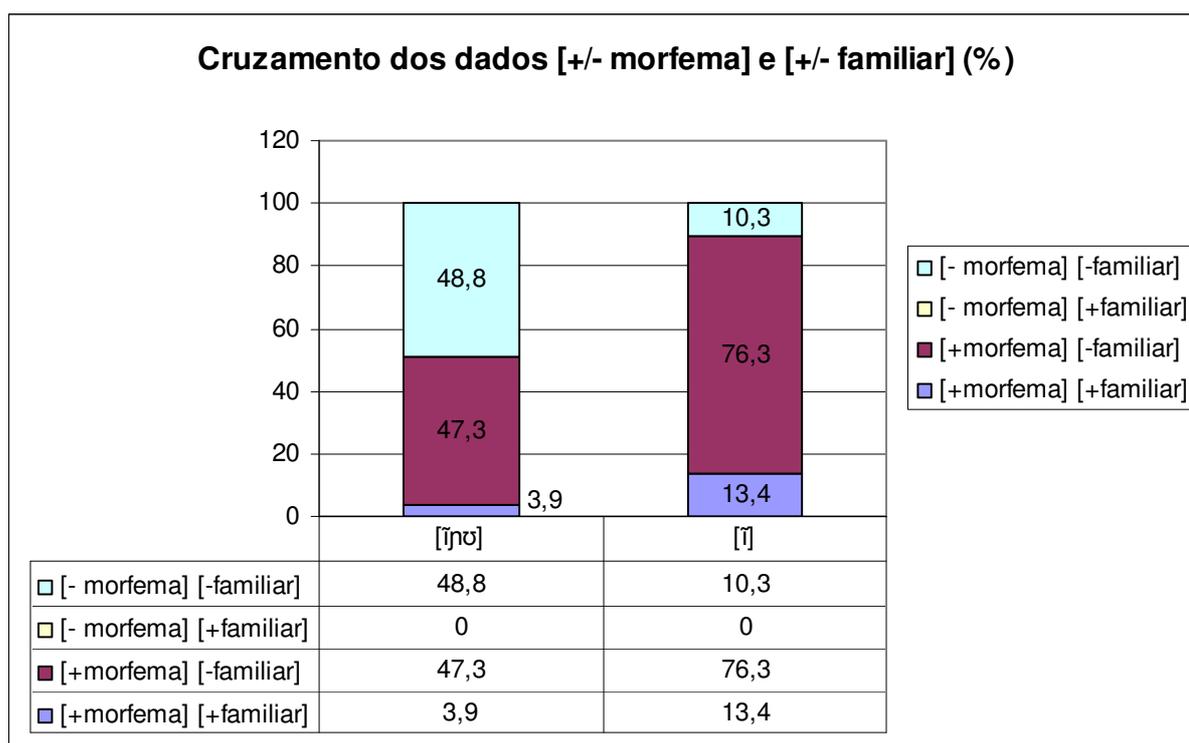


Gráfico 9 - Cruzamento dos dados [+/- morfema] e [+/- familiar]

Os dados do gráfico confirmam que o traço [+ morfema] é o maior influenciador da realização de [ĩ̃], comprovando que o traço [+ familiar] só ocorre inserido em um morfema indicador de diminutivo.

5.1.6 Conclusão da análise dos fatores linguísticos

Os fatores linguísticos analisados comprovaram que o segmento precedente à variável é influenciador do uso das variantes [-̃ø] e [ĩ̃], apresentando resultados que estão de acordo com o processo de assimilação; além disso, a variante [y] também apresentou contextos

precedentes favorecedores à sua realização, o que permite que se proponha explicação fonética/fonológica. O contexto seguinte, apesar de apresentar favorecimento de certos traços de acordo com o processo de assimilação, não se apresentou como favorecedor de nenhuma variante, já que os contextos que se apresentaram como favorecedores das variantes [~ø], [y] e [ĩ] ([ɐ] e [ɔ]) são frequentes na posição pós nasal palatal, o que permite dizer que não há como determinar o comportamento dessas variantes a partir desses contextos. Soares (2002) encontrou resultado oposto ao encontrado nesta pesquisa, uma vez sua análise apontou favorecimento da variante padrão pelos contextos [ɐ] e [ɔ].

Em relação à influência da tonicidade da sílaba onde a variante ocorre, esperava-se que as sílabas átonas favorecessem o uso das variantes não-padrão, já que, de acordo com estudos fonológicos, quanto mais distante da sílaba tônica, mais passível de processo de mudança uma variável estará. Porém, após a análise, notou-se que, mesmo sendo favorecidas pelo contexto átono pós-tônico, as variantes [y] e [~ø] (após retirada de itens influenciadores) apresentaram peso relativo referente à sílaba tônica próximo à neutralidade, o que indicaria a possível influência da mesma na realização dessas variantes. Após nova rodada de dados que considerou as posições tônicas e átonas, os pesos relativos referentes a [y] e [~ø] apresentaram-se próximos à neutralidade, o que levou a concluir que a tonicidade não favorece a realização dessas variantes. Em relação à variante [ĩ], que ocorre apenas em ambiente pós-tônico, não se pode afirmar com certeza que a tonicidade influencia a mesma, sendo que sua variação parece estar mais relacionada ao contexto precedente. Assim, concluiu-se que a tonicidade silábica não influencia o uso de uma ou outra variante.

A análise do número de sílabas dos itens evidenciou que a variante [y] é favorecida por palavras que possuem menor número de sílabas, no caso, palavras dissílabas, o que não era esperado, pois quanto maior o número de sílabas de uma palavra, mais vulnerável a mesma estará. Somente as variantes [~ø] e [ĩ], por serem favorecidas por palavras que possuem estruturas silábicas maiores, apresentaram comportamento esperado.

Para finalizar, foi analisada a variação de [ĩɲɔ]/[ĩøɔ] em direção a [ĩ] tendo como base os [+/- morfema] e [+/- familiar]. Após a análise notou-se que o morfema indicador de diminutivo *-inho* favorece a realização de [ĩ], e que palavras possuidoras do traço [+ familiar] apresentaram-se favorecedoras da redução de *-inho* > *-im*, porém, como todas as palavras possuidoras desse traço são palavras no diminutivos, concluiu-se que o traço [+ morfema] é o que exerce maior influência na realização de [ĩ].

5.2 Fatores Sociais

O estudo da nasal palatal não poderia estar completo sem a análise do comportamento de suas variantes dentro comunidade de fala analisada. Para tanto, a análise da nasal palatal teve também, como base, fatores sociais que possam determinar o uso de uma variante em detrimento de outras. Como explicitado no capítulo 3, os fatores sociais analisados nessa pesquisa foram: faixa etária, gênero e classe social.

5.2.1 Faixa etária

A análise do comportamento das variantes entre diversas faixas etárias é capaz de elucidar fatos relacionados ao progresso (ou não) de um processo de mudança, conforme capítulo 2. Os informantes responsáveis pela composição do *corpus* belorizontino foram divididos em três faixas etárias: jovens, medianos e velhos.

A distribuição das variantes de /ɲ/ tendo como referência a faixa etária do informante, apresentou o comportamento presente na tabela 81:

Tabela 81 – Distribuição das variantes conforme faixa etária do informante

Parâmetros	[ɲ]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Jovens	135	15,4	468	53,2	169	19,2	107	12,2	879	27,9
Medianos	256	21,6	585	49,3	212	17,9	134	11,3	1187	37,7
Velhos	263	24,3	483	44,6	182	16,8	156	14,4	1084	34,4
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

Como se pode perceber, todas as faixas etárias favorecem a variante [~ø], destacando-se a faixa etária dos *jovens*. A tabela 81 também mostra que todas as variantes apresentam números percentuais equilibrados entre as três faixas etárias analisadas. A variante [y] mostrou-se favorecida pelos informantes *jovens*, enquanto que a variante [ĩ] foi favorecida pelos informantes *velhos*, seguido pelos informantes *jovens*. Já a variante [ɲ] apresenta maior número percentual na fala dos informantes *medianos* e *velhos*, o que revela que informantes *jovens* estão privilegiando outras variantes de /ɲ/.

Para verificação do comportamento das variantes em relação à idade do informante, foram realizadas rodadas binárias considerando a variante padrão e uma das demais variantes para se obterem pesos relativos, uma vez que cada variante apresenta comportamento fonético/fonológico diferenciado. A variante [~ø] apresentou o seguinte comportamento:

Tabela 82 – Comportamento da variante [~ø] conforme o gênero informante

Parâmetro	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Jovens	135/22,4	.41	468/77,6	.59
Medianos	256/30,4	.51	585/69,6	.49
Velhos	263/35,3	.56	483/64,7	.44
TOTAL	654/29,9	-	1536/70,1	-

Essa nova rodada de dados comprovou que os jovens priorizam a variante [~ø] em relação à variante [ɲ]. Porém, cabe ressaltar que, conforme observado em 5.1.1, o contexto fonético precedente possui forte atuação na realização das variantes de /ɲ/. Assim, o cruzamento dos dados da faixa etária com os dos contextos seguintes apresentaram a seguinte configuração:

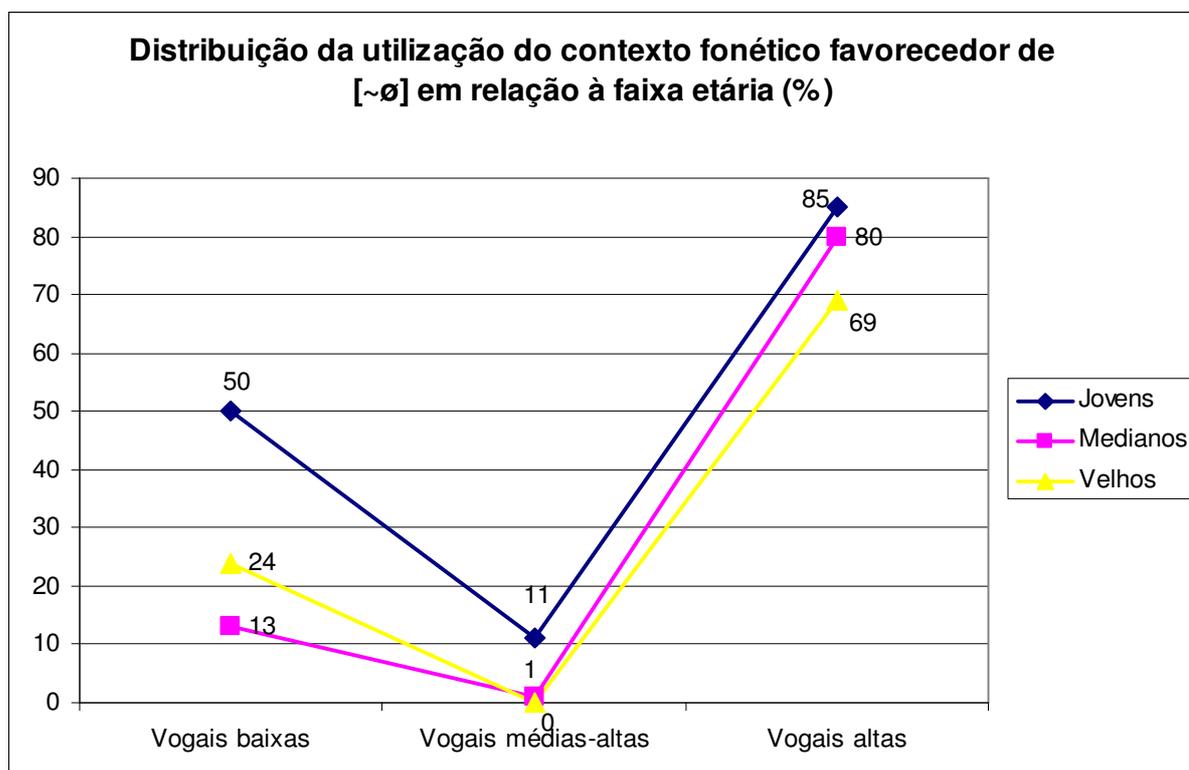


Gráfico 10 – Cruzamentos dos dados dos fatores *contexto fonético* e *faixa etária* (variante [~ø])

Pela distribuição apresentada no gráfico 10 percebe-se que a atuação do contexto precedente favorecedor da variante [~ø] é forte em todas as faixas etárias, o que leva a concluir que, mesmo apresentando maior favorecimento pelos *jovens*, o processo de variação de [ɲ] para [~ø] está fortemente relacionado ao contexto fonético precedente.

A variante [y] também se destacou na fala dos informantes enquadrados na faixa etária dos *jovens*, como comprovado pelo peso relativo expresso na tabela 83:

Tabela 83 – Comportamento da variante [y] conforme faixa etária informante

Parâmetro	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Jovens	135/44,4	.41	169/55,6	.59
Medianos	256/54,7	.51	212/45,3	.49
Velhos	263/59,1	.55	182/40,9	.45
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

Não se pode destacar, porém, a influência dos contextos nas realizações das variantes [~ø] e [y], que, durante a análise fonética/fonológica realizada no item 5.1.1, mostraram-se favorecidas pelo contexto precedente. Mesmo que os resultados referentes a essas variantes exibam favorecimento dos *jovens*, percebe-se que as demais faixas etárias analisadas apresentaram pesos próximos à neutralidade, o que leva a dizer que, por serem variantes que sofrem influência do contexto fonético precedente, há uma tendência de as mesmas estarem atingindo, cada vez mais, as demais faixas etárias. A influência do contexto precedente em relação à faixa etária está presente no gráfico 11:

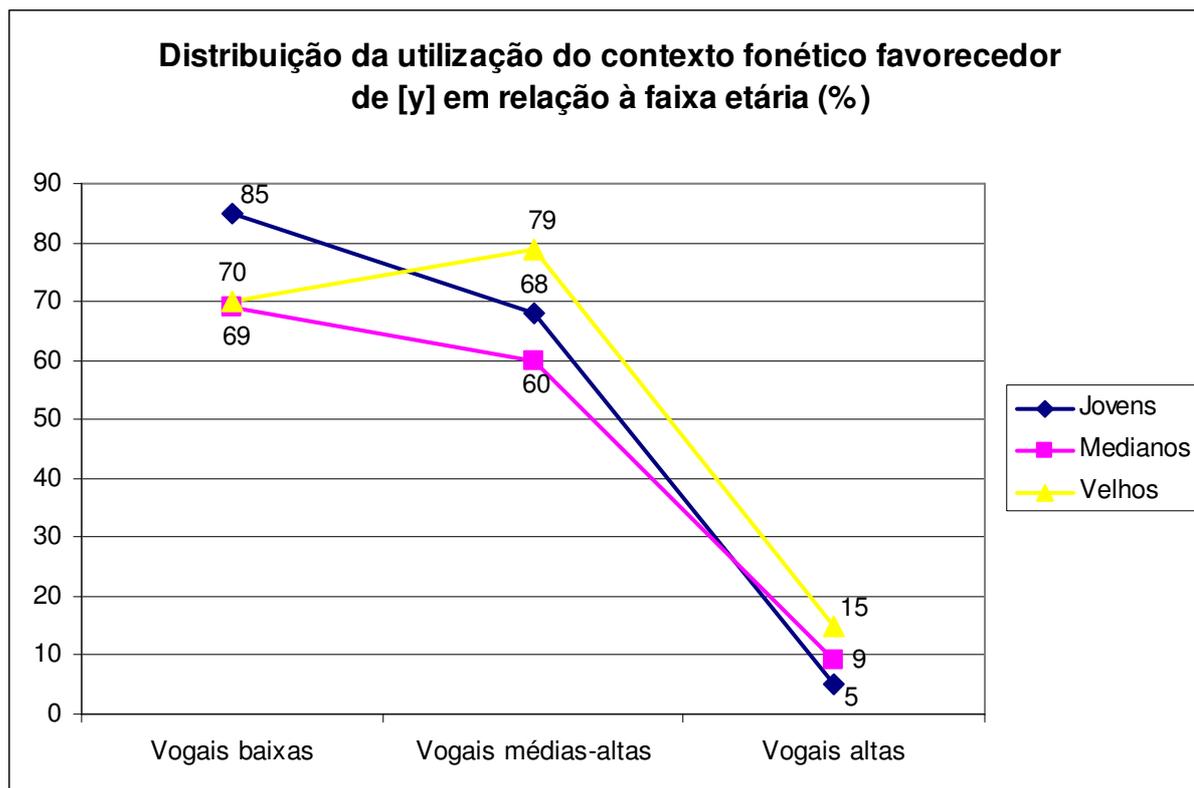


Gráfico 11 - Cruzamentos dos dados dos fatores *contexto fonético* e *faixa etária* (variante [y])

O gráfico destaca a força dos segmentos precedentes baixos e médios-altos (ver seção 5.1.1) sobre a faixa etária, o que confirma que o processo de variação está mais sensível ao contexto fonético do que à faixa etária do informante.

O comportamento da variante [ĩ] frente à variante padrão também se mostrou sensível ao contexto fonético precedente (tabela 84).

Tabela 84 – Comportamento da variante [ĩ] conforme faixa etária informante

Parâmetro	[ɲ]		[ĩ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Jovens	135/55,8	.43	107/44,2	.57
Medianos	245/65,6	.54	134/34,4	.46
Velhos	263/62,8	.50	156/37,2	.50
TOTAL	654/62,2	-	397/37,8	

Para se observar apenas o comportamento da terminação *-inho* (morfema ou não), comparou-se a variante [ĩ] com as realizações [ĩɲʊ]/[ĩøʊ]. Essa análise teve como intenção comparar os casos em que somente ocorre *-inho*, para se obter uma visão real do

comportamento de [ĩ].

Tabela 85 – Comportamento da variante [ĩ] em comparação a [ĩɲʊ/ĩøʊ] conforme faixa etária informante

Parâmetro	[ĩɲʊ/ĩøʊ]		[ĩ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Jovens	38/26,2	.53	107/73,8	.47
Medianos	29/17,8	.41	134/82,2	.59
Velhos	60/27,8	.55	156/72,2	.45
TOTAL	127/24,2	-	397/75,8	-

Como os valores dos pesos relativos apresentam-se próximos a .50, optou-se, também, pelo cálculo do X^2 (5,45), que comprovou que a distribuição dessa variante não possui significância estatística, não sendo, portanto, afetada pela faixa etária dos informantes.

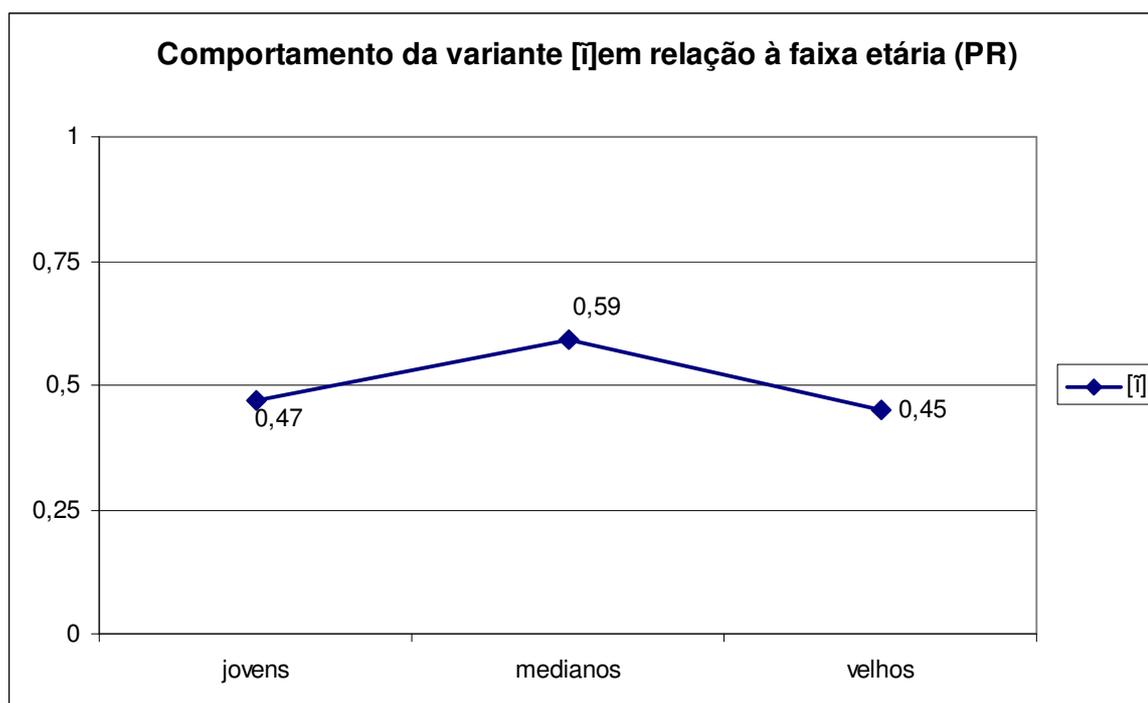


Gráfico 12 – Comportamento da variante [ĩ] em relação à faixa etária do informante

Concluindo, a análise do comportamento das variantes de /ɲ/ demonstrou que a faixa etária classificada como *jovem* é aquela que está priorizando em sua fala as variantes [~ø], [y], enquanto os informantes *velhos* tendem a manter a forma padrão. Esse resultado apresenta-se oposto ao encontrado por Soares (2002), pois, em seus dados, a autora observou maior utilização da nasal palatal pelos informantes jovens, o que é explicado, segundo ela, pelo fato

de os mesmos estarem buscando inserção no mercado de trabalho.

Porém, mesmo que os dados da presente pesquisa apontem uma maior utilização da forma padrão pelos informantes *velhos*, esse resultado não é conclusivo no que diz respeito à influência da faixa etária na utilização de uma ou outra variante, uma vez que, ao se cruzar os dados da faixa etária àqueles encontrados quando da análise dos contextos precedentes favorecedores, observou que estes são mais fortes na realização das variantes [~ø], [y] do que a idade dos informantes. O mesmo resultado pode ser atribuído a [ĩ], que não apresentou diferença significativa entre as três faixas etárias, o que pode ser explicado pelo seu favorecimento pelo contexto fonético precedente (ver seção 5.1.1). Quanto à comparação entre as realizações da terminação *-inho* (morfema ou não), a análise dos dados evidenciou que não há diferenças significativas entre as faixas etárias na utilização das formas [ĩ] e [ĩɲʊ]/[ĩøʊ], o que leva a concluir que a variação não está relacionada à faixa etária.

5.2.2 Gênero

O comportamento das variantes em relação ao gênero apresentou a seguinte configuração:

Tabela 86 – Distribuição das variantes conforme gênero do informante

Parâmetros	[ɲ]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Homens	260	18,0	722	49,9	244	16,9	222	15,3	1448	46,0
Mulheres	394	23,1	814	47,8	319	18,7	175	10,3	1702	54,0
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

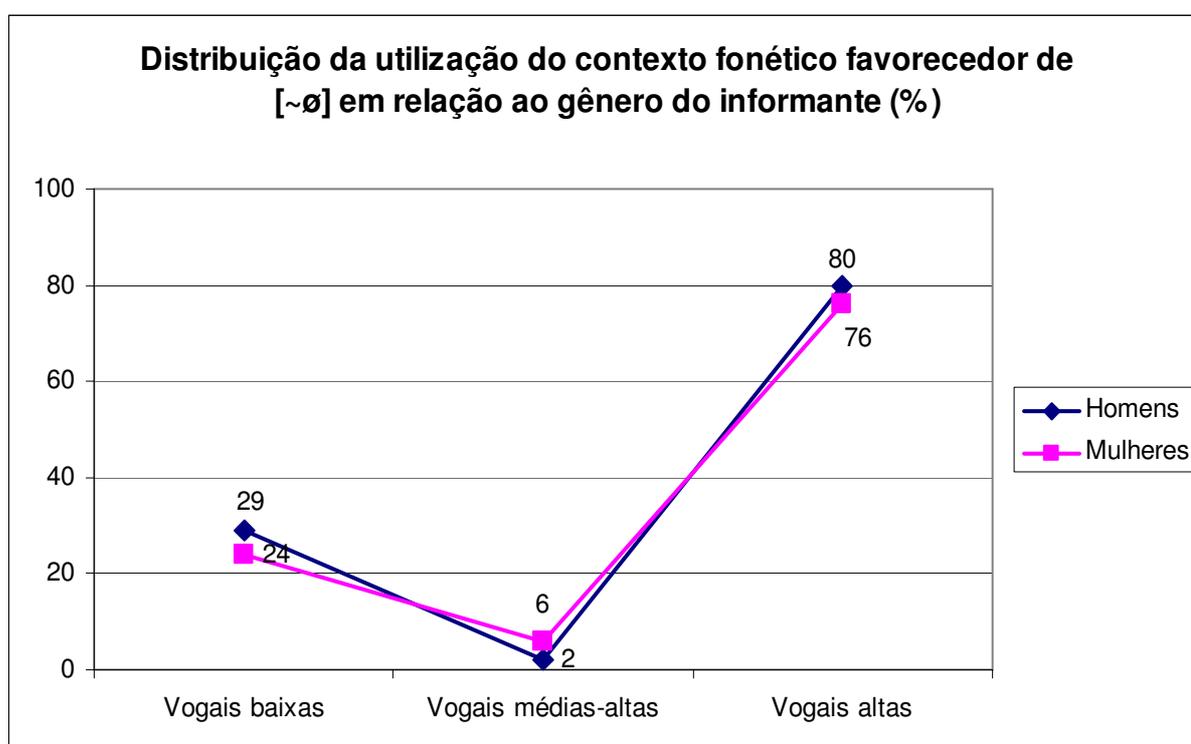
A variante [~ø] é favorecida tanto pelos informantes do sexo masculino como pelos do sexo feminino, apresentando uma diferença pequena de utilização da variante entre os gêneros, sendo maior entre os homens. As variantes [y] e [ĩ] apresentam números percentuais próximos em relação aos dois gêneros, sendo que a variante vocalizada destaca-se na fala das mulheres e a variante [ĩ] na fala dos homens.

Para confirmação desses resultados, lançou-se mão da rodada utilizada para encontrar os pesos relativos. A variante [~ø] apresentou os seguintes resultados:

Tabela 87 – Comportamento da variante [~ø] conforme gênero do informante

Parâmetro	[p]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Masculino	260/26,5	.46	722/73,5	.54
Feminino	394/32,6	.53	814/64,4	.47
TOTAL	654/29,9	-	1536/70,1	-

De acordo com a tabela 87, os informantes do sexo masculino favorecem [~ø]. Mesmo com a pequena diferença entre os pesos relativos de utilização entre homens e mulheres, o X^2 (9,55) comprovou que a variação é significativa estatisticamente, comprovando, assim, a tendência das mulheres a utilizarem a variante padrão. Porém, como o peso relativo referente aos informantes do gênero feminino encontram-se próximos à neutralidade, realizou-se o cruzamento dos dados a fim de se verificar se o fator mais atuante na realização de [~ø] é o sexo ou o contexto fonético precedente.

**Gráfico 13** – Cruzamentos dos dados dos fatores *contexto fonético* e *gênero* (variante [~ø])

Mais uma vez, destaca-se a forte influência do contexto fonético precedente, que se sobrepõe ao sexo do informante, o que leva a concluir que, na realidade, o processo de

variação é mais sensível ao segmento precedente do que ao gênero.

Já a variante [y], que também possui valores percentuais favorecidos pelo sexo masculino, apresentou os seguintes pesos relativos:

Tabela 88 – Comportamento da variante [y] conforme gênero do informante

Parâmetro	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Masculino	260/51,6	.48	244/48,4	.52
Feminino	394/55,3	.52	319/44,7	.48
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

Como os PR's encontrados são muitos próximos em relação a homens e mulheres, optou-se pelo cálculo do X^2 para verificar se os resultados eram pertinentes. O resultado do X^2 (1,69) mostrou que a diferença de utilização da variante conforme o gênero do informante não possui relevância estatística, comprovando que a variante [y] não é influenciada pelo gênero.

Em relação à influência do gênero do informante na utilização da variante [ĩ] por oposição a [ɲ], temos a seguinte situação:

Tabela 89 – Comportamento da variante [ĩ] conforme gênero do informante

Parâmetro	[ɲ]		[ĩ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Masculino	260/53,9	.41	222/46,1	.59
Feminino	394/69,2	.57	175/30,8	.43
TOTAL	654/62,2	-	397/37,8	-

Os valores expressos pelos pesos relativos apresentados na tabela 89 mostram favorecimento da variante [ĩ] por informantes do sexo masculino, o que poderia indicar que as mulheres tendem a utilizar formas mais próximas ao padrão.

Para confirmação dos dados, realizou-se a análise de [ĩ] em comparação a [ĩɲɔ]/[ĩøɔ].

Tabela 90 – Comportamento da variante [ĩ] em relação a [ĩɲɔ/ĩøɔ] conforme gênero do informante

Parâmetro	[ĩɲɔ/ĩøɔ]		[ĩ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
Masculino	63/22,1	.47	222/77,9	.53
Feminino	64/26,8	.53	175/73,2	.47
TOTAL	127/24,2	-	397/75,9	-

O que se pode perceber é que, enquanto comparada à variante [ɲ], [ĩ] é favorecida pelos informantes masculinos; em comparação a [ĩɲʊ]/[ĩøʊ], não apresenta diferença estatisticamente significativa entre a fala de homens e mulheres ($X^2= 1,56$). Esse fato leva à conclusão de que o fato de um informante ser de um determinado sexo, não interfere na forma como o mesmo utiliza a variante [ĩ].

Os resultados expressos sobre a utilização das variantes [~ø] e [y] pelos diferentes gêneros indicam que, mesmo que haja um pequeno favorecimento dessas variantes pelos informantes do sexo masculino, não há como concluir que o sexo do informante seja decisivo na utilização de uma ou outra variante, pois, como observado, os pesos relativos referentes aos resultados dos informantes femininos apresentaram-se próximos da neutralidade. Isso pode ser explicado pelo fato de o processo de variação da nasal palatal apresentar-se em estado avançado, exibindo fundamentação fonética/fonológica (é sensível ao contexto precedente) como tratado em 5.1.1, o que se confirma pelo cruzamento de dados referentes ao contexto fonético favorecedor e gênero dos informantes.

A variante [ĩ] apresentou, em relação à variante padrão, favorecimento pelos informantes do sexo masculino. Porém, ao se refinarem os dados, comparando [ĩ] em relação a [ĩɲʊ]/[ĩøʊ], com o objetivo de se obter um resultado mais próximo ao comportamento dessa variante em relação ao gênero, percebeu-se que não há diferença de utilização significativa entre os sexos com relação a [ĩ] e [ĩɲʊ]/[ĩøʊ], o que comprova que a variante é mais influenciada pelo seu contexto fonético do que pelo sexo do informante.

5.2.3 Grupo social

O contexto social no qual está inserido o informante pode explicar o comportamento linguístico do mesmo. O que se pretende aqui é verificar se o comportamento do informante em relação a uma ou outra variante tem relação com o grupo social ao qual ele pertence. Como explicitado anteriormente (capítulo 3), os informantes foram distribuídos de acordo com dois grupos sociais: G1, que representa os informantes que possuem renda média/alta (acima de três salários mínimos) e empregos que exijam maior qualificação; e G2 constituído por informantes uma renda baixa (até três salários mínimos) e possuem empregos que exigem baixa qualificação.

Tabela 91 – Distribuição das variantes conforme grupo social

Parâmetros	[ɲ]		[~ø]		[y]		[ĩ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
G1	307	21,9	693	49,5	267	19,1	133	9,5	1400	44,4
G2	347	19,8	843	48,2	296	16,9	264	15,1	1750	55,6
Total	654	20,8	1536	48,8	563	17,9	397	12,6	3150	

Como se pode perceber pelos resultados apresentados na tabela 91, os números percentuais apresentam distribuição equilibrada entre as variantes [ɲ], [~ø] e [y], sendo que tanto G1 como G2 favorecem [~ø].

Para maior compreensão do comportamento dessas variantes, realizou-se rodada binária entre [ɲ] e uma das demais variantes, com o objetivo de se obterem valores de pesos relativos. A variante [~ø] apresentou os resultados expressos na tabela 92:

Tabela 92 – Comportamento da variante [~ø] conforme grupo social

Parâmetro	[ɲ]		[~ø]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
G1	307/30,7	.51	693/69,3	.49
G2	374/29,2	.49	843/70,8	.51
TOTAL	654/29,9	-	1536/70,1	-

Como se pode perceber, o fator grupo social apresentou pesos relativos referentes a G1 e G2 muito próximos, fato que levou ao cálculo do X² para se saber se o grupo social influencia na utilização da variante. O valor do X² (0,71) comprovou que o grupo social ao qual pertence o informante não favorece a ocorrência da variante [~ø].

A variante [y] não apresentou pesos relativos significativos em relação ao grupo social ao qual pertence o informante, mantendo-se, em ambos os grupos, pesos relativos iguais a .50, como expresso na tabela 93:

Tabela 93 – Comportamento da variante [y] conforme grupo social

Parâmetro	[ɲ]		[y]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
G1	307/53,5	.50	267/46,5	.50
G2	347/54,0	.50	296/46,0	.50
TOTAL	654/53,7	-	563/46,3	-

Com base nesses resultados, conclui-se que o grupo social não é determinante para a inserção das variantes [~ø] e [y] na comunidade de fala estudada, uma vez que nenhum grupo está impondo ao outro a utilização de uma determinada variante.

Comparando [ɲ] e [ĩ], verificou-se que os valores apresentados pelos pesos relativos apontam para o favorecimento da variante [ĩ] pelos informantes pertencentes ao G2, conforme pode ser visto na tabela 94.

Tabela 94 – Comportamento da variante [ĩ] conforme grupo social

Parâmetro	[ɲ]		[ĩ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
G1	307/69,8	.58	133/30,2	.42
G2	347/56,8	.44	264/43,2	.56
TOTAL	654/62,2	-	397/37,8	-

Para buscar melhor explicitação do comportamento da terminação *-inho* (morfema ou não), realizou-se a comparação entre [ĩ] e [ĩɲɔ]/[ĩøɔ], obtendo-se o resultado expresso na tabela 95:

Tabela 95 – Comportamento da variante [ĩ] em relação a [ĩɲɔ]/[ĩøɔ] conforme grupo social

Parâmetro	[ĩɲɔ]/[ĩøɔ]		[ĩ]	
	Freq. / %	Peso Rel.	Freq. / %	Peso Rel.
G1	82/38,1	.68	133/61,9	.32
G2	45/14,6	.37	264/85,4	.63
TOTAL	127/24,2	-	397/75,8	-

Como se pode perceber, pelos valores expressos na tabela 95, o favorecimento de [ĩ] apresenta peso relativo que confirma seu favorecimento pelo grupo social mais baixo. Porém, esperava-se que o comportamento entre os dois grupos sociais não apresentassem diferenças significantes, uma vez que essa variante possui condicionamento fonético. Esse favorecimento pode ser explicado pela alta utilização de itens possuidores do traço [+morfema] e, conseqüentemente, [+familiar], que se apresentaram mais frequentes na fala dos informantes de G2, como pode ser observado no gráfico 14:

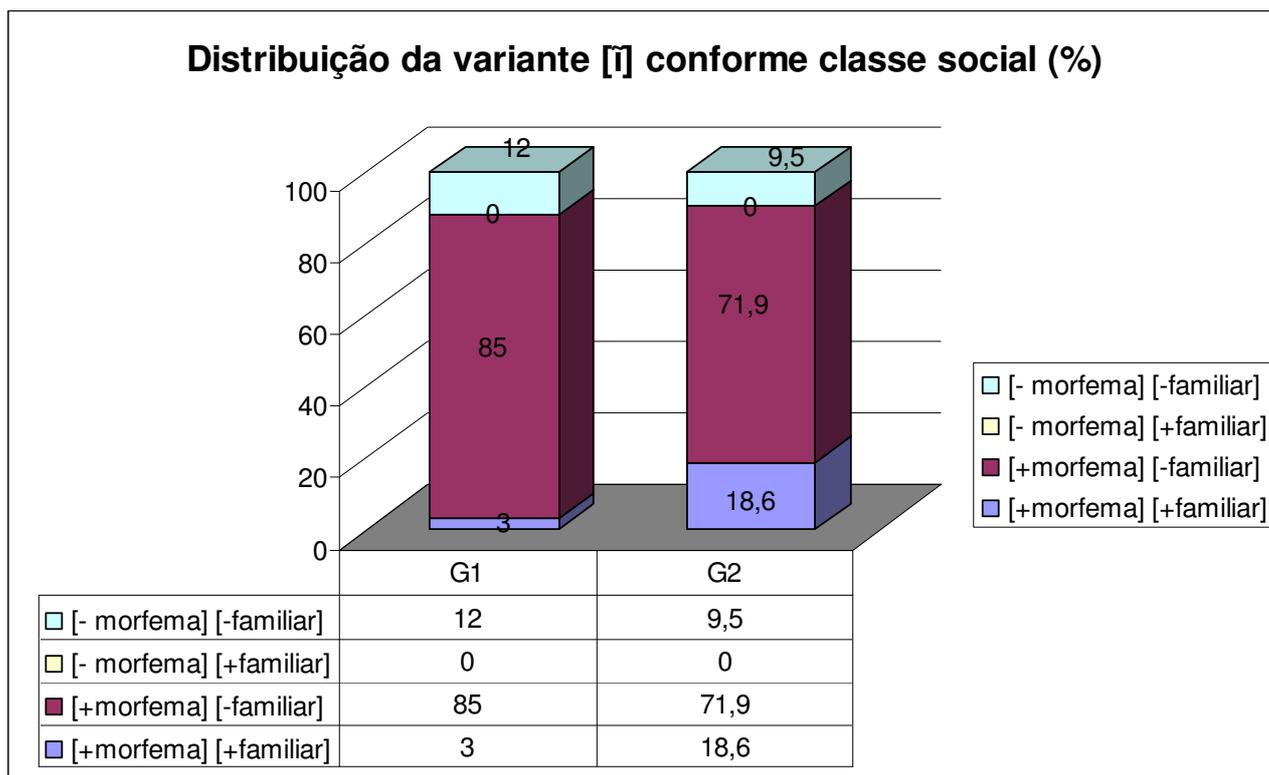


Gráfico 14 – Cruzamentos dos traços [+/- morfema] / [+/- familiar] e grupo social

Resumindo, após a análise dos dados, constatou-se que o fator grupo social não exerce influência sobre a utilização das variantes [~ø] e [y], uma vez que as mesmas apresentaram pesos relativos próximos à neutralidade. Soares (2002) observou maior utilização da nasal palatal pelos informantes de um grupo social mais alto (no caso, classe média).

Somente a variante [ĩ] apresentou diferenças significativas entre os dois grupos, sendo favorecida pelo grupo social mais baixo, o que foi confirmado pela análise da terminação *-inho* (morfema ou não). Porém, como se esperava que esse resultado se mantivesse neutro, destacou-se a possível influência dos traços [+morfema] e [+ familiaridade], que ocorreram em maior proporção no grupo social mais baixo.

5.2.4 Conclusão da análise dos fatores sociais

A análise da nasal palatal elucidou o comportamento dos informantes da comunidade da fala belorizontina frente à variável /ɲ/. De maneira geral, notou-se que as variantes [~ø] e [y] apresentaram pesos relativos que demonstram o favorecimento das mesmas pelo informantes *jovens* e do sexo masculino, porém, esses resultados não se apresentaram

conclusivos, já que informantes das demais faixas etária e do sexo feminino apresentaram pesos relativos próximos à neutralidade. O fator grupo social também apresentou resultados neutros, comprovando que [~ø] e [y] não sofrem influência de fatores sociais.

Os resultados referentes à variante [ĩ] mostraram que a mesma não sofre influência da faixa etária e do sexo do informante. Porém, [ĩ] apresentou favorecimento pelo grupo social mais baixo, fato que não era esperado, pois acreditava-se que [ĩ] não fosse influenciada por fatores sociais. Mas esse comportamento pode ser explicado pela influência dos traços [+ morfema] e [+ familiar], que apresentaram alto número de ocorrências nesse grupo social.

5.3 Conclusão

Para se verificar o comportamento das variantes de /ɲ/, foram estabelecidos fatores linguísticos e sociais a partir dos quais se observou se uma determinada variante apresentava indícios de estar em processo de implementação, extinção ou estabilização na comunidade estudada.

A análise dos fatores linguísticos comprovou que a realização das variantes [~ø] e [ĩ] é favorecida pelo contexto fonético precedente, o que está de acordo com o processo linguístico de assimilação. A análise também comprovou que [y] também é favorecida pelo contexto fonético precedente. O contexto seguinte, apesar de possuir favorecimento esperado em relação a determinados traços, não se apresentou como favorecedor de uma variante específica, já que os contextos [ɐ] e [ʊ] (que mais se destacaram como favorecedores das variantes analisadas) são frequentes na posição pós nasal palatal.

A análise da tonicidade da sílaba onde ocorre a variante evidenciou que as variantes [~ø] e [y], apesar de, em um primeiro momento, apresentarem contexto favorecedor pós-tônico. Após a retirada de itens influenciadores da análise, os pesos relativos obtidos referentes à posição tônica mantiveram-se próximos à neutralidade, o que evidenciaria não haver diferença de favorecimento entre tônicas e pós-tônicas. Por ocorrer apenas em ambiente pós-tônico, a variante [ĩ] não apresentou resultados conclusivos com relação à tonicidade, podendo sua variação ser mais bem explicada apenas pelo contexto fonético precedente. Assim, concluiu-se que a tonicidade silábica não é fator influenciador das variantes da nasal palatal.

Em relação à análise do número de sílabas, observou-se que [y] é favorecida por palavras que possuem estruturas silábicas menores, mais especificamente, palavras dissílabas.

Já as variantes [~ø] e [ĩ] destacaram-se como favorecidas por palavras com maior número de sílabas, no caso, trissílabas e polissílabas, apresentando, assim, comportamento esperado, uma vez que quanto maior o número de sílabas, mais propensa à mudança a mesma estará.

Para finalizar a análise dos fatores linguísticos, foi analisado o processo de redução de [ĩŋʊ]/[ĩøʊ] em direção a [ĩ], tendo como base os [+/- morfema] e [+/- familiar]. Após a análise dos dados verificou-se que o morfema indicador de diminutivo *-inho* favorece a realização de [ĩ]. Houve, também, favorecimento de [ĩ] pelo traço [+ familiar], que refere-se a hipocorísticos realizados com o morfema indicador de diminutivo *-inho*.

Os fatores sociais mostraram que as variantes [y] e [~ø], apesar de apresentaram favorecimentos pelos informantes *jovens* e do sexo masculino, não demonstraram comportamento social conclusivo, pois os dados dos informantes das demais faixas etárias e do sexo feminino apresentaram PR's próximos à neutralidade, como também ocorreu com o fator grupo social. Esse fato mostra que, cada vez mais, essas variantes estão atingindo os informantes da comunidade de fala independentemente de fatores sociais. O que parece atuar são os fatores linguísticos (contexto precedente), conforme concluiu-se pelo cruzamento de dados, o que demonstraria um processo de mudança em estado avançado.

Em relação aos fatores sociais, a análise da variante [ĩ] frente à variante padrão, mostrou que *-im* é favorecida pelos homens e pelo grupo social mais baixo. Já na análise entre [ĩŋʊ]/[ĩøʊ] e [ĩ], a variante [ĩ] foi favorecida apenas pelo grupo social mais baixo, apresentando comportamento estável em relação ao demais fatores. Porém não se pode descartar a influência dos fatores [+morfema] e [+familiar] na realização de [ĩ] no grupo social mais baixo, já que os mesmos parecem influenciar o alto número de ocorrências dessa variante nesse grupo.

A partir dessa análise percebe-se que a variante nasal palatal é cada vez menos utilizada na comunidade de fala belorizontina, restando-se, ainda, em poucos contextos. Então, pode-se dizer que a variável [ŋ] apresenta-se num possível estágio de mudança em progresso em direção a [~ø] e [y].

Considerações finais

No presente trabalho analisou-se o comportamento das variáveis palatais lateral e nasal no português falado em Belo Horizonte. Nessa análise, procurou-se identificar os fatores linguísticos e sociais que exercem influência no comportamento das variáveis em questão, tendo como base entrevistas realizadas na comunidade de fala estudada, das quais foram obtidos 1.624 dados referentes à lateral palatal e 3.150 dados referentes à nasal palatal.

Com relação à lateral palatal, a análise quantitativa apresentou resultados que atestam as hipóteses iniciais propostas para este trabalho. A variante padrão destacou-se como privilegiada pelos informantes, não apresentando condicionamentos fonéticos que expliquem a realização das demais variantes.

Assim, constatou-se a influência de itens na realização da variante [y], como no caso de *mulher* e *filho*, cuja variação pode estar relacionada à frequência com que esses itens são utilizados, pois, quanto mais acessados, mais suscetíveis à variação estarão. Também observou-se que itens classificados como “especialização semântica”, como *velho*, *caralho* e *filho* favorecem a realização da variante vocalizada. Dessa forma, o que se pode perceber, então, é que a vocalização se retém na comunidade de fala belorizontina por meio de certos itens, não sendo suscetível a fatores estruturais.

Ressalta-se aqui a influência dos itens descrita no trabalho de Madureira (1987), que observou que a realização da variante [y] se dava em itens específicos, como *trabalhar*, que apresentou alto percentual de vocalização. Porém, no presente trabalho, esse item não apresentou o mesmo comportamento, isto é, o item ilustrava um processo de vocalização que, aparentemente, retrocedeu na comunidade de fala de Belo Horizonte nesse período de vinte anos. Esse comportamento pode ser explicado pelo fato de o item *trabalhar* ser alvo de correções, dado seu contexto de uso, e que, por sofrer pressões sociais, apresentou um retrocesso no seu processo de variação. Relembre-se, aqui, que, segundo Castro (2006), esse item possui enorme força no processo de reinserção da lateral palatal na comunidade quilombola de Maticão/MG, que se dá pelos informantes *jovens* que saem da comunidade para trabalhar e/ou estudar.

Ao se realizar estudo de tempo real (tendência) comparando os dados atuais com os de Madureira (1987), conclui-se que não houve aumento significativo na utilização da variante [y] nos vinte anos que separam os dois *corpora* analisados, o que corrobora a

hipótese inicial desse trabalho.

A análise mostrou que a variante [l] é a única que possui condicionamento fonético capaz de explicar sua realização, sendo favorecida pelo contexto seguinte constituído dos seguimentos [ɛ], [e] e [i].

Com relação aos resultados referentes à nasal palatal, constatou-se que suas realizações apresentam condicionamentos fonéticos que as justificam, sendo reduzido o uso da variante padrão nessa comunidade de fala. Além disso, as variantes não apresentaram resultados conclusivos em relação ao favorecimento dos fatores sociais, o que corrobora as hipóteses iniciais desse trabalho. Porém, a variante [l̃] foi a única que apresentou favorecimento social, destacando-se na fala de informantes do grupo social mais baixo, o que pode ser explicado pela grande utilização de itens possuidores dos traços [+ morfema] e [+ familiar] por esses informantes.

A análise do comportamento da terminação *-inho* (diminutivo ou não) demonstrou que sua realização em *-im* é favorecida pelo morfema indicador de diminutivo, o que permite manter a hipótese inicial deste trabalho.

Após estudo das palatais lateral e nasal constatou-se que essas variáveis apresentam comportamentos divergentes na comunidade de fala belorizontina. Enquanto a nasal palatal segue o processo de redução característico da simplificação de sua articulação, despalatalizando-se, a variante lateral palatal tende a se manter palatalizada, principalmente pelo fato de o seu processo de redução em direção à vocalização ser estigmatizado socialmente.

Espera-se que este trabalho represente uma contribuição acerca do comportamento das variáveis palatais lateral e nasal no português vernacular de Belo Horizonte, e abra caminhos para novos estudos que visem à análise do comportamento desses fonemas na língua portuguesa.

Referências

AGUIAR, Martins de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: 51(51): 271-307, 1937.

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago. As consoantes do português falado no Vale do Cuiabá. *Signum – Estudos da Linguagem*. Londrina: 2004, v.7, p.149-163.

AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.

ARAGÃO, M. S. S. Aspectos Fonético-Fonológicos do Falar do Ceará: O que tem Surgido nos Inquéritos Experimentais do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB-CE. In: *XIX Encontro Nacional da APL*. Portugal : Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa, 2003.

_____. et al. A despalatalização e consequente iotização no falar de Fortaleza. *XIV JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO GELNE*. Natal: UFRN, 30/10 a 01/11 de 1996.

ARAÚJO, Leonardo Eustáquio Siqueira. *Variação em locativos no português de Belo Horizonte: um estudo sociolinguístico*. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos).

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Um estudo variacionista sobre a lateral palatal*. Letras de Hoje, Porto Alegre : EDIPUCRS, v.42, n.3, (set. 2007)

BRENNER, Terezinha de Moraes. *et al.* Processos fonológicos em deficientes auditivos: investigação e análise pela Geometria de traços. *Anais do Celsul*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press. 2001.

CALLOU, Dinah ; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

_____. *Princípios de Linguística Geral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1980.

CASTRO, Enilde Fortunato. *Sobre o uso da semivogal /y/ e a inserção da lateral palatal /ʎ/ no Português Brasileiro*. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006. (Dissertação de Mestrado)

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford ; Cambridge : Blackwell, 1995. Série: Language in society.

CLEMENTS, George N. HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, Jhon (org.). *The handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.

CRITÓFARO-SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Exercícios de fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2003.

DOGLIANI, Evelyne. *O modelo da Difusão Lexical*. Belo Horizonte, 2000. (texto mimeografado)

FERREIRA, Frederico P.M. *Evolução Urbana e Demográfica do Envelhecimento em Belo Horizonte*. In: *Anais do IX Seminário sobre a Economia Mineira*. v.2. Belo Horizonte: CEDEPLAR, UFMG: 2001.

GOLDSMITH, John A. *Autosegmental phonology*. Bloomington: Indiana University Linguistic club, 1976.

HERNANDORENA, C.L.M. *O estabelecimento de substituição consonantal através de traços distintivos*. In: *Anais do segundo Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. São Paulo: PUC, 2001.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. FRANCO, Francisco Manoel M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro:Objetiva, 2001.

IBGE. *População residente por municípios em Minas Gerais em 1º de abril de 2007*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 07 jul, 2009.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001. v.2.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994. v.2.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *The social stratification of English in New York City*. Arlington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LEBEN, William.: *Suprasegmental phonology*. Ph Dissertation, MIT. 1973.

LEITE DE VASCONCELOS, J. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Paris: Aillaud & Cie, 1901.

LESLAU, Wolf, Frequency as determinant of linguistic change in the Ethiopian languages. *Word*, n. 25, p. 180-189, 1969.

MADUREIRA, Evelyne D. Reanálise de alguns aspectos d vocalização da lateral palatal no português. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, 1999. v.8,n1. p. 125-145

_____. *Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português*. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1987. (Dissertação de Mestrado)

MATZENAUER-HERNANDORENA, Carmen Lúcia. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. Aquisição da fonologia e aplicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). *Aquisição da Linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 29, nº 4, p.159-167, dezembro 1994.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 10ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1981.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1992.

MORENATTO, Valéria N. O. QUEDNAU, Laura R. HORA, Demerval da. As consoantes do Português. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudo de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Contexto, 2004, p. 43-50.

NETO, Serafim da Silva. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

OLIVEIRA, M. A. de. *Variation and change in Brazilian Portuguese: the case of liquids*. Universidade a Pensilvânia. (tese, Doutorado), 1983.

_____. O Léxico como controlador da mudança sonora. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo horizonte, 1995. p. 75-92

PAIVA, Maria da Conceição de. DUARTE, Maria Eugênci Lamoglia. Introdução: A mudança linguística em curso. In: PAIVA, Maria da Conceição de. DUARTE, Maria Eugênci Lamoglia. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PENHA, João Alves. *Aspectos da Linguagem de São Domingos: Tentativa de descrição da linguagem rural brasileira*. Franca, UNESP, 1972.

PHILIPS, B. Word frequency and the actuation of sound change. *Language* v.60 n° 2:320-342,1984.

PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes: 1972. (Coleção Perspectivas linguísticas; 5).

RIBEIRO, José. *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. V.1. UFJF, 1977.

SANTIAGO, Eliana Castelli. *Alteração segmental em sequência de vogais altas no português*

de Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2005. (Dissertação de Mestrado).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHANE, S. A. *Fonologia Gerativa*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O Português Arcaico: Fonologia*. São Paulo. Bahia. Contexto-UFBA, 1991.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de Português*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ed. Presença, 1988.

SOARES, Eliane Pereira Machado. *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá – PA*. Centro de Letras de Artes da UFPA, Belém, 2002. (Dissertação de Mestrado)

TARALLO, Fernando. *Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

_____. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

WANG, W. S. Y. Competing changes as a cause of residue. In: *Language*, 45(1), p. 9-24, 1969.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG M. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZÁGARI, M.R.L. Os Falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: Aguilera, V. (org.) *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998.